

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**BRUNO CARLOS MÜLLER NETO**

**“ONDE BATE UM TAMBOR E TIVER UM HAITIANO...” — RELIGIOSOS DO SUL  
DO MUNDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE  
MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

**Porto Alegre  
2021**

**BRUNO CARLOS MÜLLER NETO**

**“ONDE BATE UM TAMBOR E TIVER UM HAITIANO...” — RELIGIOSOS DO SUL DO MUNDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques

**Porto Alegre  
2021**

### CIP - Catalogação na Publicação

Müller Neto, Bruno Carlos  
"Onde bate um tambor e tiver um haitiano..." –  
Religiosos do Sul do Mundo: desafios e perspectivas  
sobre o acolhimento de migrantes em situação de  
vulnerabilidade / Bruno Carlos Müller Neto. -- 2021.  
144 f.  
Orientadora: Pâmela Marconatto Marques.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Relações  
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Relações Internacionais. 2. Migração. 3.  
Acolhimento. 4. Atores Religiosos. 5. Teorias  
Pós-Coloniais. I. Marques, Pâmela Marconatto, orient.  
II. Título.

**BRUNO CARLOS MÜLLER NETO**

**“ONDE BATE UM TAMBOR E TIVER UM HAITIANO...” — RELIGIOSOS DO SUL DO MUNDO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 10 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques - Orientadora  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Iop  
UFRGS

---

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues  
UFRGS

*Aos meus pais, por todo amor e carinho.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à sociedade brasileira e à República Federativa do Brasil, que proporcionaram-me acesso à Universidade pública gratuita e de qualidade, custeando minha formação superior.

Agradeço aos meus pais, Bruno e Carolina, por terem me dado a oportunidade de nascer e crescer com todo esse amor e carinho dedicados a mim por vocês. Sei e reconheço todo esforço realizado por vocês dois para me dar uma vida boa e para me ensinar a ser uma pessoa melhor; são meus alicerces, meus exemplos, meus heróis. Já brincamos, já choramos, já sorrimos. E, claro, já brigamos, mas sempre tive — e sempre terei — orgulho de ser filho de vocês. Obrigado por todo o apoio dado, ter vocês sempre ao meu lado foi, e sempre será, incrível. Ah, mãe! Antes que eu me esqueça: obrigado por dividir a metade da metade!

Agradeço à minha namorada Laura, meu amor e minha companheira desde o início do curso. Obrigado por estar ao meu lado nos dias difíceis e nos dias de pizza. Obrigado por todas as risadas, as conversas longas e sérias que resolvíamos ter sobre assuntos nem tão sérios assim. Obrigado por me aturar e aguentar minhas piadas. Obrigado por ser minha parceira de faculdade, de cinema e séries; parceira de videogame, parceira de passear em todos os corredores do supermercado, parceira de restaurante, parceira de exercícios físicos, parceira das horas boas e ruins, parceira na hora que eu precisei de um abraço e uma palavra de que tudo ia ficar bem. Obrigado por me inspirar a ser uma versão melhor de mim.

Agradeço também à Jaqueline, Everton e Antônia pela amizade e por tudo o que vocês fizeram por nossa família. Mesmo à distância, vocês têm um espaço reservado no meu coração!

Agradeço à Vilma, minha sogra, pela confiança depositada em mim e pelas palavras sempre cheias de carinho e afeto.

Agradeço à Luana, colega e amiga dos momentos bons e ruins, parceira de trabalhos da faculdade, das tretas e das idas ao bar.

Agradeço à professora Pâmela Marconatto Marques, minha orientadora, por dar um novo sentido à pesquisa na minha vida. Obrigado por todo o cuidado e carinho em ensinar, em mostrar o valor da pesquisa empírica e toda a ética que há por trás dela. Cada novo ensinamento transmitido pela senhora é um universo de

saberes que se apresenta e se expande, causando mais curiosidade e vontade de pesquisar. Muito obrigado!

Agradeço ao Padre James-son por compartilhar comigo parte de sua trajetória de vida e sua preciosa história de trabalho com os migrantes. Obrigado pela calma e tranquilidade em conversar comigo e tirar minhas dúvidas, apresentando um pedacinho do Haiti e sua cultura para mim. Obrigado, também, pelo trabalho realizado pelo senhor na nossa cidade de Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Agradeço à Mãe Negrita da Oyá por todo o conhecimento compartilhado comigo, por toda a sua alegria e seu axé. Sua história e seu trabalho são uma das inspirações que me motivaram e moveram minha a pesquisa, mas tudo o que eu aprendi com a senhora vai além do conhecimento acadêmico, são ensinamentos para a vida.

*I lay my eyes in the past  
From the first day to the last  
Several things we had to learn  
Countless mistakes from times of yore*

*Now we restart, we recreate  
Your present is your fate*

*Don't turn your backs on mankind!  
Only yourselves you wanna save  
Ignorance burns just like a fire  
Consuming people on its flame*

*Fellow creatures, so wonderful!  
So different and so grand*

*Sprouts of time  
The roots evolving  
The seeds for the future  
were scattered yesterday  
Tomorrow's harvest field we plant  
today  
Your crown will ever last  
The tall trees of life*

*(Angra - Sprouts of Time)*

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender, sob a ótica das teorias pós-coloniais, a atuação de atores religiosos no processo de acolhimento a migrantes em situação de vulnerabilidade no Rio Grande do Sul. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade, realizadas mediante questionário semi-estruturado, com dois interlocutores: o Padre haitiano James-son Mercure e a Yalorixá Mãe Negrita da Oyá, religiosos do Sul global com experiência no acolhimento de migrantes. Assim, busca-se discutir o papel dos atores religiosos nas Relações Internacionais e conhecer com mais detalhes o perfil dos migrantes; conhecer narrativas singulares sobre o processo de acolhimento de migrantes, enunciadas por atores não hegemônicos: a trajetória dos religiosos, sua atuação relacionada ao acolhimento, seus objetivos, interesses e a importância pessoal dada a expressão religiosa em suas atividades, buscando entender de que modo podem acrescentar elementos importantes para pensar o tema de pesquisa; investigar o papel da expressão religiosa no processo de acolhimento como um meio de manifestação cultural e integração social dos migrantes. Pode-se concluir que o processo de migração contemporânea no Brasil é complexo e, apesar dos diversos dispositivos jurídicos que amparam o migrante, não existem políticas de Estado consolidadas para o acolhimento destas pessoas, ficando o auxílio aos migrantes nas mãos de, em sua maioria, instituições religiosas. A principal conclusão deste trabalho é que os dois atores entrevistados, são representantes das teologias pluralistas progressistas, que buscam combater as injustiças como cumprimento da vontade divina, defensoras da diversidade, mais abertas ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso e intercultural. Portanto, através de suas histórias, é possível apreender exemplos que vão além do acolhimento: é necessário ajudar o migrante na sua chegada, mas é muito importante também criar laços de confiança mútua e troca de experiências e saberes. É um trabalho de ética, de compreensão da diversidade, da luta contra preconceitos. E essa luta pode se manifestar através da cultura e da religião.

**Palavras-chave:** Migração. Atores Religiosos. Acolhimento. Teorias Pós-Coloniais.

## ABSTRACT

The present work seeks to understand, from the perspective of postcolonial theories, the role of religious actors in the process of receptioning migrants in vulnerable situations in Rio Grande do Sul. For this, in-depth interviews were conducted, conducted by semi-structured questionnaire, with two interlocutors: the Haitian priest James-son Mercure and yalorixá Mãe Negrita da Oyá, religious from the global South with experience in receptioning migrants. Thus, it seeks to discuss the role of religious actors in International Relations and to know in more detail the profile of migrants; to know singular narratives about the process of receptioning migrants, enunciated by non-hegemonic actors: the trajectory of religious, their actions related to receptioning, their objectives, interests and the personal importance given to religious expression in their activities, seeking to understand how they can add important elements to think about the research theme; to investigate the role of religious expression in the receptioning process as a way of cultural manifestation and social integration of migrants. It can be concluded that the process of contemporary migration in Brazil is complex and, despite the various legal provisions that support the migrant, there are no consolidated state policies for the reception of these people, leaving the aid to migrants in the hands of, mostly, religious institutions. The main conclusion of this work is that the two actors interviewed are representatives of progressive pluralist theologies, who seek to combat injustices as fulfillment of the divine will, defenders of diversity, more open to ecumenism, to interreligious and intercultural dialogue. Therefore, through their stories, it is possible to grasp examples that go beyond receptioning: it is necessary to help the migrant on their arrival, but it is also very important to create bonds of mutual trust and exchange of experiences and knowledge. It is a work of ethics, of understanding diversity, of the fight against prejudices. And this struggle can manifest itself through culture and religion.

**Keywords:** Migration. Religious actors. Reception. Postcolonial theory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 —	Número total de registros de solicitantes de refúgio, segundo principais países, Brasil, 2018-2019.....	35
Figura 2 —	Número total de registros de imigrantes temporários, segundo principais países, Brasil, 2018-2019.....	36
Figura 3 —	Número total de registros de imigrantes permanentes, segundo principais países, Brasil, 2018-2019.....	37
Gráfico 1 —	Porcentagem de crianças e jovens que frequentam a escola, dados do Cadastro Único.....	39
Figura 4 —	Altar da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia.....	50
Figura 5 —	Missa do 32º Domingo Comum, celebrada pelo Padre James-son....	51
Figura 6 —	Mãe Negrita com migrantes acolhidos na rodoviária de Porto Alegre.....	54
Figura 7 —	Migrante haitiano durante acolhimento.....	55
Figura 8 —	Migrantes haitianos na rodoviária de Porto Alegre. Um dos poucos registros das mulheres que chegavam à época na cidade.....	56
Gráfico 2 —	Dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no Brasil.....	68
Figura 9 —	Informativo sobre as oficinas online de crioulo haitiano.....	71

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CIBAI Migrações	Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instruções às Migrações
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
COMIRAT/Porto Alegre	Comitê de Atenção a Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas de Porto Alegre
COMIRAT/RS	Comitê de Atenção a Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas do Estado do Rio Grande do Sul
DEE	Departamento de Economia e Estatística
FDRH	Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
FPMH/RS	Fórum Permanente de Mobilidade Humana do Rio Grande do Sul
IAFRA	Instituto África-América
IMDH	Instituto Migrações e Direitos Humanos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ONG	Organização Não-Governamental
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RedeMiR	Rede Solidária para Migrantes e Refugiados
RI	Relações Internacionais
RS	Rio Grande do Sul
SJDH	Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul
SPGG	Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO BRASIL.....</b>	<b>22</b>
2.1 A REVITALIZAÇÃO DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	22
2.2 A MIGRAÇÃO NO BRASIL E AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS.....	34
<b>3. O ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM PORTO ALEGRE SOB A PERSPECTIVA DE RELIGIOSOS DO SUL DO MUNDO: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS.....</b>	<b>44</b>
3.1 PADRE JAMES-SON MERCURE: “EU ERA ESTRANGEIRO E ME ACOLHESTES”.....	45
3.2 YALORIXÁ MÃE NEGRITA DA OYÁ: LEVANDO OS TAMBORES AO ESPAÇO PÚBLICO E ACOLHENDO A DIVERSIDADE.....	52
3.3 DESAFIOS E PERCEPÇÕES: DOCUMENTAÇÃO, O PAPEL DO ESTADO, INTERNET E A ATUAÇÃO NA ESFERA PÚBLICA .....	61
3.4 PARA ALÉM DO ACOLHIMENTO: A EXPRESSÃO RELIGIOSA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E VIA DE INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA.....	66
<b>4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>83</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>
<b>6. APÊNDICES.....</b>	<b>92</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>143</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na última década, o Brasil se mostrou um destino para novos fluxos migratórios mundiais. Vítimas de guerras, desastres naturais ou crises econômicas, os chamados “novos rostos da imigração” são oriundos de países da América Central e Caribe, como os haitianos; de países africanos, como os senegaleses; e de países da América do Sul, como os venezuelanos, que chegam ao nosso país devido à grave crise política e econômica em sua terra natal. De localidades e culturas variadas, os migrantes trazem consigo um variado acervo de religiões e crenças: são budistas, cristãos, muçulmanos, voduístas e hindus. Tal processo — de novos fluxos migratórios — é influenciado pelas modernas tecnologias de comunicação e transporte, atribuídos ao processo de globalização, que facilitam o contato entre pessoas ao redor do mundo, e permitem viagens mais distantes em um período menor de tempo.

Para o autor Boaventura de Sousa Santos (2014), a globalização não é um fenômeno monolítico, e apresenta duas faces. A primeira delas, a globalização hegemônica, pode ser considerada a nova fase do capitalismo global neoliberal, e de todo o ordenamento econômico, político e social que o acompanha — comércio liberalizado, privatização da economia e dos bens públicos, redução das proteções sociais, relações trabalhistas precárias, entre outros — enquanto a globalização contra-hegemônica seria aquela articulada nacional e transnacionalmente por movimentos sociais e ONGs, que busca lutar contra as desigualdades e injustiças sociais, contra o capitalismo, contra a discriminação e a opressão colonialista, impostos pelo Norte global.

Segundo o sociólogo português, mesmo os direitos humanos, como linguagem de dignidade humana, podem ser considerados símbolo da globalização hegemônica — inclusive para os temas de imigração e refúgio — pois têm como referência revoluções e autores do Norte global, têm por base princípios individualistas, seculares, Estado-cêntricos e centrados em um modo de pensar ocidental. Foram gestados no âmbito das Organizações Internacionais e da institucionalidade estabelecida pelo Ocidente. Mas Boaventura sugere que haja outras linguagens de dignidade humana, outros repertórios, além daqueles legados por tratados internacionais, em que estão sendo formuladas lutas por dignidade. Entre elas, destaca as *teologias políticas*, que, diferentemente do marco

eurocentrado de direitos humanos, são comunitárias, antisseculares, podendo pertencer à cultura ocidental ou não, e buscam a dignidade humana através do cumprimento da vontade divina (SANTOS, 2014).

Quando analisado o processo de acolhimento de migrantes no Brasil, constata-se que estas pessoas enfrentam diversos problemas, como a demora na regularização da sua documentação; falta de moradia; dificuldade de acesso a serviços básicos, como saúde e educação; carência de apoio psicológico e trabalho formal. Todas essas situações, agravadas por racismo e xenofobia, podem tornar a situação dos migrantes ainda mais vulnerável, com pouca ou nenhuma proteção do Estado ou possibilidade efetiva de proteção a partir da invocação de direitos humanos. Assim, o auxílio aos migrantes em situação vulnerável passa, muitas vezes, pela assistência de ONGs, de Associações Cívicas e, principalmente, das Instituições Religiosas. Elas são constantemente lembradas nas narrativas de chegada ao Brasil feitas por imigrantes, como vai ser demonstrado nesse trabalho.

De acordo com Haynes (2016) os atores religiosos nas Relações Internacionais (RI) podem ser estatais — países que têm sua Política Externa pautada por assuntos religiosos — ou podem ser atores não estatais, como as instituições, os movimentos e os indivíduos, que atuam transnacionalmente e possuem objetivos variados. Estes atores têm sua importância vinculada à capacidade de influenciar em âmbito local, assim como no cenário internacional.

Ao analisar o trabalho dos atores religiosos no acolhimento de migrantes em situação de vulnerabilidade, o religioso — ou seja, o indivíduo — pode estar inserido em uma Instituição Religiosa, contando com uma grande estrutura para a realização da atividade. Por outro lado, a atuação pode acontecer de forma menos institucional, dado que muitos templos religiosos no Brasil não possuem grande estrutura de atendimento, dependendo em grande parte da atuação pessoal do religioso. A verdade é que nosso campo de atuação e estudos — as Relações Internacionais — pouco tem se dedicado a entender como acontece essa atuação, que se admite tão significativa.

Levando em conta o que foi exposto, o presente trabalho estruturou-se a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como tem se dado a atuação de religiosos no processo de acolhimento de migrantes em situação de vulnerabilidade no contexto do Rio Grande do Sul, mas especialmente na cidade de Porto Alegre?

Buscando responder essa questão de partida, que também é o objetivo geral do trabalho desenvolvido, optou-se pela realização de pesquisa qualitativa de base empírica, utilizando a técnica de entrevistas em profundidade a serem realizadas com atores religiosos expressivos, capazes de lançar luz sobre a atuação de religiosos no processo de acolhimento e, ao mesmo tempo, como recomendam as teorias pós-coloniais (SPIVAK, 2010), criar condições para que histórias invisibilizadas ou pouco conhecidas possam ser consideradas de maneira significativa. Desse modo foram selecionados os dois interlocutores deste trabalho: o padre James-son Mercure e a yalorixá Mãe Negrita da Oyá.

O padre católico James-son Mercure é haitiano, e está no Brasil há cinco anos, sendo os três últimos no Rio Grande do Sul. Ele é integrante da Missão Pompéia — composta pela Paróquia Pessoal para os Migrantes Nossa Senhora do Rosário de Pompéia e pelo Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instruções às Migrações (CIBAI Migrações) — localizada na região central de Porto Alegre. Além disso, padre James-son é Coordenador do Fórum Permanente de Mobilidade Humana do Rio Grande do Sul (FPMH/RS), vice-Coordenador do Comitê de Atenção a Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas do Estado do Rio Grande do Sul (COMIRAT/RS) e participante do COMIRAT/Porto Alegre. O CIBAI Migrações atende grupos e pessoas migrantes em situação de vulnerabilidade, adotando “acolhida, escuta, atendimento individual e coletivo, encaminhamento para serviços socioassistenciais da rede pública e ou privada, cursos e oficinas, bem como realiza processos de avaliação durante o ano” (MISSÃO POMPÉIA, 2021).

A outra interlocutora é a Yalorixá Eliane Almeida de Souza, também conhecida como Mãe Negrita da Oyá, do Templo Africano Iansã e Xangô. Doutora em Educação pela UFRGS, é fundadora do Instituto África-América (IAFRA), que atua na defesa das pautas do movimento negro, e ex-Coordenadora de Igualdade Étnica e Racial da Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul (SJDH). Durante um período de sua atuação no governo estadual, trabalhou diretamente na recepção e no acolhimento durante o primeiro fluxo de migrantes haitianos que chegaram ao Rio Grande do Sul. Durante certo período, abrigou em sua casa um grupo de haitianos que chegaram à cidade, sem contatos ou familiares no país. Também realiza projetos sociais na região onde reside,

próximo a uma aldeia indígena guarani na Lomba do Pinheiro, bairro porto-alegrense conhecido por forte presença negra.

A decisão de ouvir em profundidade esses interlocutores e acompanhar suas atividades é guiada pelas teorias pós-coloniais e seu convite à dedicação em garantir o lugar de fala de atores expressivos mas invisibilizados pela atuação estrutural do racismo<sup>1</sup> e do colonialismo, que os impede de concretizarem-se como vozes incontornáveis (SPIVAK, 2010) no que diz respeito a seu campo de atuação. Ambos são religiosos negros: ele, imigrante haitiano; ela, sacerdotisa de uma religião de matriz africana. Os dois são ou estiveram ligados, respectivamente, às redes de acolhimento da sociedade civil e governamentais. Apesar de suas trajetórias no trabalho de acolhimento, estas são invisibilizadas, não constam nos registros oficiais a partir dos quais é contada a história sobre o processo de migração contemporânea na cidade de Porto Alegre. Suas narrativas e saberes podem contribuir com muita potência para a construção do conhecimento acerca do tema deste trabalho.

Este trabalho busca responder sua pergunta de partida tratando de compreender o papel desses religiosos frente ao acolhimento de migrantes em situação vulnerável, suas capacidades e limitações, entendendo o lugar da expressão religiosa em sua atuação, além de suas percepções sobre o processo migratório recente no Rio Grande do Sul e no contexto da pandemia do novo coronavírus. Busca-se investigar, também, a relação entre as *teologias políticas* e a atividade dos interlocutores. Não há, aqui, um desejo de universalização da experiência dos interlocutores, mas o contrário: há interesse em conhecer casos concretos capazes de revelar novos ângulos sobre o tema em questão.

Como justificativa para a realização desse trabalho como etapa final de formação em Relações Internacionais, sustenta-se que os temas da migração e do refúgio se inserem no campo das Relações Internacionais, por se tratarem de processos sociais de mobilidade humana internacional, assunto de grande importância para o campo, devido ao processo de globalização e intensa

---

<sup>1</sup> Em seu livro *Racismo Estrutural*, Silvio de Almeida (2019, p. 33) conceitua o racismo estrutural como “[...] uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”.

interdependência entre os países. Temas de grande impacto para a sociedade, pois influenciam e podem ser influenciados pela formulação de políticas públicas, devendo ser trazidos para o debate acadêmico dentro do curso de Relações Internacionais com maior profundidade. Ademais, é importante compreender a atuação dos atores religiosos nas Relações Internacionais, já que a disciplina de RI, ao longo do tempo, distanciou-se do tema Religião e, conseqüentemente, destes atores.

Ainda, sustentando a sua relevância, em uma breve pesquisa no portal Lume da UFRGS durante a elaboração deste trabalho, utilizando os termos “migração” e “Relações Internacionais”, a busca retornou apenas 4 Trabalhos de Conclusão de Curso dentro do curso de RI que tratavam do assunto ou tinham o tema com alguma importância dentro do trabalho. Expandindo a pesquisa, utilizando termos relacionados como “imigração”, “imigrantes”, dentre outros, além dos termos traduzidos para o inglês, a busca retornou mais 12 novos trabalhos, totalizando 16 resultados, que se traduzem em 4% dos TCCs em Relações Internacionais defendidos na UFRGS e disponíveis no Lume, sendo que deste total apenas 2 se tratavam diretamente de migração e Brasil. Atualmente, as principais teorias de Migração disponíveis foram desenvolvidas nas Ciências Econômicas e nas Ciências Sociais, não possuindo um enfoque direto para o curso de Relações Internacionais. Por outro lado, as principais teorias de RI ainda têm como principal ator o Estado, deixando em segundo plano outros atores, como os religiosos que, espera-se demonstrar neste trabalho, exercem papel fundamental no auxílio a migrantes. Portanto, o tema escolhido para esta pesquisa é de grande importância acadêmica para o campo das Relações Internacionais e seu debate deve ser incentivado.

Este trabalho também se justifica por tentar compreender o processo migratório e seus desdobramentos através de uma perspectiva social. O trabalho de acolhimento de migrantes em situação de vulnerabilidade, em todas as suas formas, lida com aspectos inerentes ao ser humano: situações de insegurança, medo, esperança, sonhos de uma vida melhor em uma terra com língua, costumes e culturas diferentes. Todos esses aspectos estão presentes na vida daquele que chega, e também na vida de quem acolhe: se mesclam com a vontade de ajudar, a frustração na percepção de seus limites, a recompensa de ver aquele que chegou em vulnerabilidade partir com uma vida digna. Por outro lado, a atuação nesse campo também pode garantir maior visibilidade a seus atores e às narrativas que

trazem sobre migração e acolhimento, ora reforçando, ora contribuindo para desestabilizar a posição de instituições religiosas hegemônicas, dado que as religiões têm grande influência sobre normas e valores, tanto pessoais como grupais. Portanto, além de um trabalho de Relações Internacionais, esta pesquisa busca compreender e reconhecer a função social das teologias políticas — como linguagem alternativa ou complementar aos direitos humanos na luta por dignidade humana — exercida através dos religiosos que, com mais ou menos estrutura e recursos, se lançam nesta atividade de ajudar o próximo, nesse caso, um próximo que vem de outros cantos do mundo.

Por fim, mas não menos importante, sempre foi um interesse pessoal estudar Relações Internacionais e Religião. Sempre tive curiosidade de compreender a expressão religiosa, não somente como um ato de fé, mas como manifestação cultural e vetor de integração social. Inicialmente, eu não via uma forma viável de relacionar os dois assuntos em uma pesquisa de RI, muito menos como realizar tal tarefa em um trabalho de conclusão de curso. No segundo semestre de 2019, em uma disciplina eletiva do curso sobre Metodologia das Relações Internacionais (já que, até aquele momento, não havia uma cadeira obrigatória sobre o tema), conheci a professora Pâmela Marconatto Marques, professora nova no curso à época e, hoje, minha orientadora. Aquela disciplina, ministrada por ela, foi um divisor de águas na minha vida acadêmica e na vida pessoal. Na disciplina, pude conhecer uma nova perspectiva sobre a pesquisa empírica, e o valor que ela possui para a construção de conhecimento. Além disso, foi nessa disciplina que comecei a entrar em contato com a temática da migração — da qual a professora Pâmela tem grande envolvimento e atuação — pouco abordada em disciplinas obrigatórias do curso. Assim, este caminho foi se materializando: provocado pela nova perspectiva acerca da pesquisa empírica, a temática da migração e a vontade de estudar Religião nas Relações Internacionais, o desafio estava dado. Não havia melhor conexão entre Religião e RI do que o tema de mobilidade humana que, apesar das muitas dificuldades e desafios envolvidos no processo, pode produzir um imenso encontro de culturas, tradições e fés. Assim, provocado por uma nova visão da pesquisa acadêmica, este trabalho se faz uma grande oportunidade de relacionar dois campos tão importantes para mim.

O campo empírico desta pesquisa é, assim, composto pelas entrevistas realizadas com os dois interlocutores religiosos e pela observação realizada do local onde um deles realiza suas atividades religiosas, de modo virtual.

Para a geração de dados foram utilizadas entrevistas em profundidade, realizadas mediante questionário semi-estruturado, visando compreender a atividade de auxílio aos migrantes, quando esta atividade se iniciou, dificuldades encontradas no processo e demais experiências envolvendo o tema da pesquisa, como a relação entre acolhimento e a expressão religiosa. Escolheu-se este tipo de entrevista pois permite que o entrevistado tenha mais liberdade para falar sobre os tópicos em questão (MARQUES, 2021). Outro argumento para sua utilização é que o formato de entrevista escolhido permite um maior grau de profundidade qualitativa, possibilitando que o entrevistado responda aos temas abordados em suas próprias estruturas de referência. Pensando ainda na geração dos dados para a pesquisa, foi utilizada a observação não participante (MARQUES, 2021) ao acompanhar a realização das atividades religiosas. O uso do método de observação se justifica pois permitiu acompanhar as interações de um dos religiosos com os migrantes, assistentes e voluntários envolvidos nas atividades, identificar os espaços físicos e seus significados. Buscou-se também, através das duas metodologias citadas anteriormente, compreender como a expressão religiosa auxilia as atividades desenvolvidas com os migrantes.

Para analisar os dados obtidos optou-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 1978). Através deste método de análise buscou-se compreender a fala dos interlocutores dentro do contexto histórico-social em que estão inseridos. Admite-se que o discurso se encontra permeado de lutas, conflitos e relações de poder e, assumindo a sua forma de organização e seus silêncios, permite-se interpretar os interlocutores através de sua inserção social e suas referências.

O presente trabalho, por se tratar de pesquisa empírica com seres humanos, passou por avaliação ética e por todos os ritos de aprovação, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes da pesquisa receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato virtual, que consta como anexo do trabalho. O consentimento foi emitido por eles através de e-mail, considerando as limitações físicas e o distanciamento social durante a pandemia do novo coronavírus, e respeitando os artigos 15º e 16º da Resolução 510 do CNS. Portanto, foi necessário realizar as entrevistas com Padre James-son e

Mãe Negrita da Oyá em formato virtual, através do aplicativo Google Meet. Já as Missas realizadas na igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, pelo Padre James-son, foram observadas através de transmissões online no perfil oficial do CIBAI Migrações, na plataforma Facebook. Ambas entrevistas foram degravadas, como etapa da análise de conteúdo, e encontram-se como apêndices deste trabalho.

O trabalho que resulta desse esforço está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo, investiga-se a revitalização da religião e dos atores religiosos nas Relações Internacionais com base no conceito e classificação das teologias políticas apresentadas por Boaventura de Sousa Santos e nas teorias propostas por Emile Sahliyah. Na sequência, busca-se compreender, a partir de revisão de literatura selecionada e de uma gama de documentos, o processo de migração contemporânea no Brasil, o perfil do migrante, os desafios encontrados em sua chegada ao país, além de investigar a participação de atores religiosos no processo de acolhimento aos migrantes. No segundo capítulo, busca-se apresentar os dois interlocutores, Padre James-son e Mãe Negrita da Oyá, narrando sua trajetória e experiências com o processo de acolhimento, e tomando-as como base para a realização do debate subsequente sobre os maiores desafios do processo de acolhimento e sobre a expressão religiosa como manifestação cultural e vetor de integração comunitária.

## 2 A RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A MIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

Este capítulo está dividido em duas seções: a primeira busca compreender a religião e os atores religiosos nas Relações Internacionais, e como estes vêm ganhando expressão nas últimas décadas. Já a segunda seção tem como objetivo demonstrar um panorama acerca da migração contemporânea no Brasil e a participação das instituições religiosas neste contexto.

### 2.1 A REVITALIZAÇÃO<sup>2</sup> DA RELIGIÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A religião é reconhecida nas Relações Internacionais como historicamente importante, decisiva para a resolução de diversas situações políticas, de caráter doméstico ou externo. Foi um elemento pertinente à esfera pública por muito tempo: disputas entre cristãos e muçulmanos, católicos e protestantes, protagonizaram diversos conflitos ao longo dos últimos séculos. Com a Paz de Westfália, em 1648, e o desenvolvimento dos Estados centralizados (principalmente na Europa e, através do colonialismo e do imperialismo, para os demais continentes), a religião deixou de ser uma justificativa para a guerra com outros países através do princípio de não-intervenção, levando a um declínio constante da importância do tema nas Relações Internacionais, no contexto europeu. Os valores do Cristianismo foram aceitos como “universais”, enquanto suas práticas institucionalizadas foram circunscritas à esfera privada. Aliado a isso, a ascensão da ciência moderna e da razão iluminista como ferramentas para formulação de políticas de Estado, conduziram o processo de secularização dos Estados-Nação e contribuíram como uma pressão a mais sobre a redução gradativa da influência da religião, sendo substituída inclusive pelo marxismo e pelos nacionalismos ao longo do tempo (HAYNES, 2016; SANTOS, 2014).

A disciplina de Relações Internacionais já se desenvolveu ao longo de um século, mas, até os tempos mais recentes, a religião foi ignorada como um ponto

---

<sup>2</sup> Alguns autores, como Emile Sahliyah, utilizam o termo ressurgimento (no inglês *resurgence*). Entretanto, fica evidente — inclusive na obra do autor supracitado — que os atores religiosos nas RI nunca deixaram de existir, apenas ganharam nova força e importância perante as particularidades de um mundo globalizado. Portanto, para fazer referência a este processo, preferimos utilizar o termo em português “revitalização” (conjunto ou ações que buscam dar novo vigor, força, energia a alguma coisa).

importante para suas referências e pesquisas. O argumento geral utilizado por Fox & Sandler (2004) e Haynes (2013) é de que o campo de Relações Internacionais, por estar inserido nas Ciências Sociais ocidentais, acompanhou algumas de suas linhas de pensamento que, de certa forma, assumiram que a religião não fazia parte dos esforços de explicação racional de mundo, e que a secularização era parte do processo em curso de modernização da sociedade. Haynes (2016) complementa que nos Estados Unidos, onde teorias seculares eram proeminentes — dando ênfase ao realismo — o estudo de RI seguia duas premissas: racionalidade e secularismo estavam indissociados, e os sistemas políticos, econômicos e sociais “modernos” apenas funcionariam com a clara separação entre política e religião. Portanto, a influência das Ciências Sociais e a centralidade do Ocidente levou os estudiosos e as teorias de Relações Internacionais a distanciarem-se da religião ao longo do tempo.

Acreditou-se por muito tempo que, com a criação do Estado nacional, o homem moderno redirecionaria sua lealdade a Deus para esta nova entidade secular, que seria responsável por suprir suas necessidades materiais e espirituais básicas. Assim, a religião estaria competindo com o nacionalismo já que, principalmente nos países considerados mais desenvolvidos, o Estado deveria ser capaz de fornecer ao povo os bens que demandam para seu desenvolvimento, prover suas necessidades. Ou seja, o Estado nacional deveria ser capaz de fornecer segurança, bem-estar, origem comum e senso de pertencimento ao seu povo, necessidades antes supridas por Deus e pela religião (FOX; SANDLER, 2004). Como aponta Emile Sahliyah (1990), entre as décadas de 1950 e 1960, os cientistas sociais debatiam que a constante modernização levaria ao desaparecimento dos valores religiosos. O acesso à educação, a empregos modernos, à tecnologia, aos avanços científicos, além da formação de novas estruturas sociais, levariam a secularização por todo o planeta. Com a modernização, as antigas instituições religiosas declinariam e perderiam o controle sobre diversas culturas e sociedades, dando lugar a uma nova forma de organização, com a adoção de novos valores. Portanto, com base na experiência ocidental e em sua projeção, acreditava-se que sociedades cada vez mais industrializadas passariam por um processo irreversível de secularização, que seria universal, se espalhando pelo mundo.

Para legitimar e consolidar governos por todo o Terceiro Mundo, principalmente após as lutas anticoloniais, esperava-se que os países deixassem de

lado o simbolismo religioso e passassem a utilizar estruturas seculares, e que o nacionalismo fosse se impondo, no lugar da religião, como fonte de identificação política e local para direcionar a lealdade da população. Assim, o papel ativo de lideranças religiosas nos processos anticoloniais e a utilização do simbolismo religioso pelas elites nacionais no período pós-independência não foram vistos como problemas para o processo de secularização e modernização. Assumia-se, naquele momento, que, com o tempo, a influência de líderes e partidos políticos religiosos, além da própria religião, perdessem naturalmente espaço e influência na vida pública, nas leis, na economia, na educação e na moralidade, sendo substituídas por valores e normas seculares (SAHLIYEH, 1990).

Mais recentemente, após o fim da Guerra Fria, o novo ambiente pós-bipolaridade permitiu uma nova visão sobre a dinâmica internacional. Desde a década de 1990, os livros *O Choque de Civilizações* (1996), de Samuel Huntington, e *The New Cold War?* (1993), de Mark Juergensmeyer, já apontavam que no pós-Guerra Fria os confrontos ideológicos seriam substituídos pelas lutas religiosas. Para Huntington, o novo mundo que surgiu depois da Guerra Fria se configuraria através de grandes civilizações, caracterizadas pela identidade cultural que as distingue de outros agrupamentos humanos. Os elementos primordiais que definiriam uma civilização, para o autor, seriam a língua, a história, os costumes, as instituições e o elemento mais importante: a religião. A diferença nesses elementos entre as civilizações definiria como vai se dar a relação entre o Estado e seu povo, o conceito de família, de hierarquia, de deveres. Assim, a rivalidade entre as superpotências seria substituída pelo choque entre as diferentes civilizações, e os conflitos aconteceriam nas fronteiras entre elas. Apesar das diversas críticas ao modelo e da hipótese de Huntington não ter se confirmado ainda, foi capaz de influenciar o olhar de acadêmicos e políticos sobre a religião e como passaram a compreender as Relações Internacionais (FOX & SANDLER, 2004; HAYNES, 2013).

Entretanto, estas obras fazem parte de um pequeno grupo de exceções dentro dos estudos de Relações Internacionais que, em sua maioria, não levam em consideração o componente religioso. Portanto, para Fox & Sandler (2004), é importante incluir na agenda de pesquisa de Relações Internacionais os vários tipos de manifestação religiosa e como afetam os diversos fenômenos políticos e sociais. Estes autores, ainda, apresentam uma forma interessante de compreender o tema dentro da disciplina:

Nossa abordagem do conceito de religião não depende de uma definição específica do conceito. Em vez disso, aceitamos que existe e influencia o comportamento humano e concentramos nossos esforços na descoberta dessas influências. Existem várias dessas influências básicas. Primeiro, pode influenciar a visão de mundo das pessoas, o que por sua vez influencia o modo como pensam e se comportam. Em segundo lugar, é um aspecto da identidade. Terceiro, é uma fonte de legitimidade, incluindo legitimidade política. Quarto, está associado a instituições formais que podem influenciar o processo político (FOX; SANDLER, 2004, p.2, tradução nossa).

Fox & Sandler mencionam a série de ataques terroristas no território estadunidense em setembro de 2001, mais comumente lembrados pelos ataques às Torres Gêmeas, em Nova York, e lembram que foram realizados pela organização extremista Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden. Com motivação religiosa, os ataques surpreenderam os Estados Unidos e demonstraram que os países do Ocidente não estavam preparados para estas ações, que surgiram como um novo desafio para a estabilidade política dos países Ocidentais e do Sistema Internacional. Entretanto, conflitos de motivação religiosa vêm ocorrendo ao longo das décadas no plano internacional, como as Intifadas em Israel, a disputa entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte, e a Revolução Islâmica no Irã, influenciando não apenas reações internas em cada um destes países, mas também no mundo inteiro (FOX; SANDLER, 2004).

As décadas de 1970 e 1980 trouxeram a revitalização dos grupos religiosos atuantes no cenário político, seja nos Estados Unidos, na Europa, no Oriente Médio ou na América Latina. O processo de modernização dos países, contrariamente ao que era esperado<sup>3</sup>, causou convulsões sociais, revoltas e crises humanitárias. Foi neste período que, de acordo com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, teriam ganhado expressão, internacionalmente, duas políticas normativas principais: os direitos humanos e as chamadas teologias políticas. Ambas diriam respeito a modos de lutar por direitos na esfera pública. Os direitos humanos, apesar de seus antecedentes remontarem a mais de um século atrás, só entraram como gramática de dignidade humana nas pautas nacionais e internacionais nesse período, juntamente com o aparato da Organização das Nações Unidas,

---

<sup>3</sup> Contrariamente ao que era esperado pelos iluministas, é importante ressaltar. Por outro lado, autores como o martinicano Aimé Césaire, autor de "Discurso sobre o Colonialismo" e os latino-americanos Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo, afirmam a modernidade como outro lado da moeda da colonialidade, construída sob as ruínas de civilizações inteiras, aniquiladas em favor de um padrão de poder mundial liderado pelas potências do Norte global.

principalmente a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Já as teologias políticas — como gramática alternativa de luta por direitos — reclamariam a presença religiosa na esfera pública, em maior ou menor grau, entendendo que a dignidade humana poderia ser reivindicada como cumprimento da vontade divina.

Conforme Santos (2014, p.38), as teologias políticas podem ser entendidas como “os diferentes modos de conceber a intervenção da religião, como mensagem divina, na organização social e política da sociedade”. Assim, o autor apresenta uma forma de classificá-las: de acordo com o âmbito da intervenção na esfera pública (pluralistas ou fundamentalistas) ou, ainda, de acordo com o critério ou orientação de intervenção (tradicionalistas ou progressistas). As teologias fundamentalistas seriam aquelas em que “a revelação é concebida como o princípio estruturante da organização da sociedade em todas as suas dimensões” (SANTOS, 2014, p.42), e possuem caráter escrituralista, ou seja, tal organização da sociedade se dará com base na interpretação literal dos textos sagrados. Assim, “a revelação é o discurso divino eterno” (SANTOS, 2014, p.42). Além disso, acreditam que a revelação contém todas as respostas para os problemas do mundo e todas as necessidades históricas. Já as *teologias pluralistas* crêem na revelação como uma forma de contribuir para a organização política e vida pública da sociedade, admitindo que ambas são autônomas. Assim, buscariam um equilíbrio entre a revelação e a razão humana: uma concepção humanista da religião. De forma geral, a revelação se daria em um determinado contexto político e histórico, e se tornaria importante no momento em que conseguisse responder às necessidades sociais e existenciais dos grupos humanos (SANTOS, 2014).

Conforme a orientação da intervenção na esfera pública, as teologias políticas se dividiriam em tradicionalistas e progressistas. O primeiro grupo entende que a melhor forma de intervenção na sociedade é através das regulações sociais e políticas do passado. Em outras palavras, retornar ao antigo ou manter o status quo. Desta forma, tentam reconduzir “a autoridade política à autoridade religiosa com o propósito de proporcionar à política a estabilidade e imunidade que a religião possui” (SANTOS, 2014, p.47). Por outro lado, as teologias progressistas fazem uma crítica ao sistema atual, ao capitalismo e às teologias estabelecidas. Para o conjunto de teologias da libertação, por exemplo, a fé só é libertadora se permitir a “libertação estrutural e coletiva dos pobres”. As teologias da libertação — pois são muitas — possuem diversas interpretações do “pobre”, que “se desdobram contextualmente,

abrangendo as vítimas do capitalismo e os povos oprimidos pelas potências coloniais e pós-coloniais (afrodescendentes e indígenas)” (SANTOS, 2014, p.49). Assim, as teologias progressistas são afirmadas pelo autor como as mais abertas a perspectivas ecumênicas e inter-religiosas, já que “resultam da percepção de que a dimensão global dos problemas que atualmente se colocam à humanidade exigem respostas também à escala global” (SANTOS, 2014, p.50).

Enquanto Santos (2014) apresenta as diversas teologias políticas que começaram a ganhar força ao longo das décadas de 1970 e 1980, Sahliyah (1990) apresenta três grandes grupos de explicações para esse fenômeno de renovação do interesse religioso: a incompatibilidade presumida entre religião e modernização, a teoria da crise e a mobilização de recursos. Tais explicações não são excludentes entre si, e muitas vezes se complementam na compreensão dos fatos.

A primeira explicação para essa revitalização dos grupos religiosos influentes na política se dá a partir da limitação dos modelos seculares em explicar o papel da religião nas sociedades ditas modernas, baseando-se em preconceitos pró-Occidente constantes na literatura sobre modernização e desenvolvimento social. De acordo com esta literatura, a crença religiosa desapareceria com a difusão do conhecimento científico e dos modernos meios de comunicação, levando ao surgimento de uma comunidade global. Além disso, descreve-se a religião como uma força política incompatível com o processo de modernização e de inviável adaptação. Pelo contrário, as religiões tradicionais permaneceram ativas e souberam se ajustar às mudanças políticas e econômicas advindas da modernização, refletindo no surgimento de movimentos religiosos com influência política a partir das já mencionadas décadas de 1970 e 1980 (SAHLIYEH, 1990). Santos (2014, p.46) comenta sobre os grupos religiosos fundamentalistas que, apesar de, em um primeiro momento, idealizar-se que seriam um movimento antimoderno, estão apresentando um rápido crescimento nos últimos tempos, utilizando-se, justamente, das diversas facilidades tecnológicas providas pela modernidade: “são, de fato, um movimento transnacional que utiliza com grande eficácia todas as tecnologias de organização, comunicação, formação e comercialização que o capitalismo global tem vindo a desenvolver”.

Por todo o Terceiro Mundo, Sahliyah e Santos lembram que teologias políticas foram capazes de mobilizar a sociedade e se mostrar um símbolo contra a ordem estabelecida, tornando-se um agente de mudança social e, sim, de modernização.

Grandes exemplos que podem ser citados são a Igreja Católica como agente ativo no empreendimento de mudanças sociais, econômicas e políticas, com a Teologia da Libertação na América Latina, e o apoio ao movimento Solidariedade contra o regime socialista na Polônia; o Islã e seu clero na derrubada do Xá Reza Pahlavi na Revolução Iraniana de 1979, assumindo posição central na vida política do país; e as igrejas evangélicas em oposição ao regime de *apartheid* na África do Sul (SAHLIYEH, 1990).

A segunda explicação para a revitalização dos grupos políticos religiosos trazida por Sahliyah (1990) passa pelas diversas mudanças causadas pela modernização e pela secularização. Neste sentido, pode-se citar os processos inconclusivos de modernização criados pelas elites nacionais no Terceiro Mundo; as crises de legitimidade e identidade advindas da incapacidade das elites dominantes em substituir os valores tradicionais por normas e instituições modernas; e as consequências sociais e intelectuais do processo de modernização, que levaram ao desaparecimento de um modo de vida e tradições nacionais.

Em muitos países, principalmente do chamado Terceiro Mundo, o processo de modernização e secularização acabou com diversas instituições tradicionais e erodiu formas tradicionais de organização social. Entretanto, este processo, através da emulação do capitalismo ocidental ou do socialismo soviético e chinês foi inconclusivo; as instituições modernas e seculares que surgiram em detrimento das tradicionais não foram, segundo o autor, capazes de atender às necessidades e demandas da população, muitas vezes servindo apenas para os interesses das elites nacionais e causando grandes abismos econômicos e sociais. Neste sentido, pode-se citar a exclusão social e a sub-representação política dos sikhs na Índia e dos muçulmanos xiitas no Líbano. Assim, a exclusão dessas populações dentro das sociedades nas quais estavam inseridas, em conjunto com o acesso a melhorias na comunicação e nos transportes, permitiu a articulação dos grupos religiosos militantes. Ainda do ponto de vista dos grupos religiosos, principalmente nos países em desenvolvimento, as instituições seculares não foram capazes de se libertar da dependência dos países do Ocidente, levando ao surgimento de dois tipos de movimentos religiosos: um conservador, principalmente na América Central; um progressista na América Latina, e em certos casos até revolucionário, como no Irã e no Egito (SAHLIYEH, 1990; FOX & SANDLER, 2004).

Do processo de modernização ocidental inconclusivo e da incapacidade de atender às demandas da sociedade, podem surgir crises de identidade e legitimidade do sistema na medida em que as novas normas e valores não são fundados em bases sólidas, e não são compatíveis com as tradições do país. Um exemplo marcante é a derrota dos países árabes para Israel na Guerra dos Seis Dias. Neste episódio, ficou clara a inferioridade militar de Egito, Síria, Iraque e Jordânia perante Israel, levando à contestação dos regimes seculares árabes pela população, como se a derrota fosse um “castigo divino” pelo distanciamento com a religião de seus países, contribuindo com o fortalecimento de grupos como a Irmandade Muçulmana e a revitalização de movimentos islâmicos. Ademais, em alguns países pelo mundo, a formação de uma nova identidade nacional através de novos valores importados surgiu como uma oportunidade para a renovação da fé e das tradições locais. Houve a preocupação de que as transformações modernizantes e seculares, vistas como uma ameaça externa, acabassem com a identidade étnica e a cultura nacional em países como o Paquistão, Irlanda, Palestina, Índia, Polônia e Irã. No caso da Polônia, por exemplo, a Igreja Católica foi considerada a guardiã da identidade nacional polonesa e protetora dos direitos humanos dos trabalhadores durante o regime comunista. Já no caso do Irã, os grupos religiosos muçulmanos atuaram ativamente contra o processo de ocidentalização promovido pelo Xá Reza Pahlavi durante a década de 1970. Mais recentemente, podemos citar o surgimento e fortalecimento dos grupos religiosos fundamentalistas e terroristas, como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico (SAHLIYEH, 1990; FOX & SANDLER, 2004).

O processo de modernização e secularização trouxe diversas mudanças sociais e intelectuais onde foi implementado. O interesse renovado na religião advém das rápidas mudanças na sociedade, nos padrões de vida e no modo de compreender o mundo, que causam diversos sentimentos de desorientação e deslocamento. O surgimento de culturas cada vez mais globais e mais permissivas em assuntos considerados tabu, como aborto e drogas, novas formas de compreender o papel do homem e da mulher na sociedade, além do crescimento do número de divórcios são exemplos que promoveram o surgimento de grupos religiosos políticos por todo o mundo, e são questões consideradas sensíveis tanto por cristãos conservadores no Ocidente e na América Latina, como por povos islâmicos no Oriente Médio. Em situações onde o processo de modernização

ocidental trouxe dúvidas sobre a sociedade e seus valores, além de problemas éticos e psicológicos, a religião se tornou um refúgio para a tradição, uma base sólida, tanto emocional como intelectual (SAHLIYEH, 1990).

A última explicação trazida por Sahliyeh (1990) para a revitalização e articulação de grupos políticos religiosos passa pela capacidade de mobilização de recursos. Esta explicação possui três componentes fundamentais: a presença de oportunidades para a articulação dos grupos religiosos; a disponibilidade de recursos econômicos, lideranças carismáticas, prestígio com a sociedade, estruturas organizacionais e ideologia; e, por fim, motivos e razões para o envolvimento político desses grupos.

Para um grupo ter oportunidade de se envolver politicamente em um Estado, é necessário analisar a tolerância ou o incentivo dado pelo governo do país à articulação religiosa. Em muitos países, o uso de símbolos religiosos por elites seculares dirigentes ou pela oposição torna a entrada dos grupos religiosos no ambiente político um processo mais natural e tranquilo. Tal ação pode ocorrer tanto em países vistos como democráticos, como em regimes considerados autoritários (FOX & SANDLER, 2004). Pode-se citar, por exemplo, o caso da aliança entre a direita secular conservadora do Partido Republicano com os evangélicos conservadores nos Estados Unidos a partir da década de 1980, com a finalidade de aumentar a base política do partido. Enquanto que em países da América Central os grupos evangélicos conservadores eram apoiados por ditaduras e apoiavam tais regimes através da defesa da manutenção do status quo e da “salvação no céu” para a população pobre, em alguns países muçulmanos, como Marrocos, Arábia Saudita e Jordânia, os grupos religiosos eram utilizados para combater grupos políticos revolucionários e refutar teses sobre participação política e as demandas por democratização (SAHLIYEH, 1990).

É necessário notar também a importância do acesso a recursos financeiros que, em certa medida, permitiu aos grupos religiosos mostrar sua ideologia e valores nas diferentes mídias modernas, como rádio, televisão e, mais recentemente, a internet. Este fator trabalha em conjunto com a necessidade da presença de lideranças carismáticas que, com o auxílio dos meios de comunicação, conseguem conquistar novos fiéis, angariar fundos e articular politicamente. Além disso, o prestígio com a sociedade pode ser conquistado através da utilização da estrutura organizacional e física da religião (igrejas, mesquitas, templos etc.) para a prestação

de serviços que deveriam ser prestados pelo Estado, como serviços de saúde, educação e assistência social, permitindo, assim, uma comunicação direta entre os religiosos e a comunidade, propiciando os meios para uma atuação política ativa. Ademais, deve-se levar em consideração o conjunto de textos sagrados de cada religião, que contribuem com uma régua moral para os líderes religiosos, permitindo o controle e influência sobre seus seguidores (SAHLIYEH, 1990), principalmente dentro de teologias fundamentalistas escrituralistas (SANTOS, 2014).

Frente ao processo de modernização e aos avanços da ciência e da tecnologia, muitos teólogos progressistas começaram um trabalho de interpretação contemporânea de suas escrituras sagradas. Assim, diante de problemas atuais, como a desigualdade econômica e social, tais religiosos tomaram uma postura crítica e de liderança, utilizando o poder da religião para buscar a igualdade racial, entre gêneros, classes e entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento (SAHLIYEH, 1990). Neste sentido, fica evidente tal relação com as teologias progressistas, como as teologias da libertação, principalmente as teologias pós-coloniais (SANTOS, 2014).

Para Haynes (2016), atualmente, pode-se analisar os atores religiosos nas Relações Internacionais através de dois grupos: Estados (governos) e os atores não-estatais. O primeiro grupo, composto pelos Estados, são aqueles países que possuem sua Política Externa e relações internacionais diretamente pautadas pelos assuntos religiosos. Dentre eles podemos citar a Arábia Saudita, Irã, Israel e Estados Unidos. Nestes casos, pode-se dizer que os atores religiosos domésticos têm penetração na formulação das políticas de Estado e de Política Externa, associando interesses materiais — segurança nacional — e o domínio de ideias, valores e normas. O segundo grupo (atores não-estatais) é mais amplo: é composto de instituições, movimentos e indivíduos.

Dentre as Instituições Religiosas, a mais conhecida é a Santa Sé/Vaticano e a Igreja Católica Romana, de forma mais geral<sup>4</sup>. Na categoria de movimentos, podemos citar a Irmandade Muçulmana, presente em mais de 70 países; a Aliança Evangélica, rede de igrejas em 129 nações e composta por mais de 100 organizações; além da Al-Qaeda e do Estado Islâmico, definidos como grupos terroristas muçulmanos. Na categoria de indivíduos, estão aqueles líderes religiosos

---

<sup>4</sup> Este fato pode ser considerado expressão direta do universalismo europeu (Wallerstein) que teve, no Cristianismo, um dos eixos do processo de colonização empreendida no Sul do mundo.

conhecidos por influenciar direta ou indiretamente nas relações ou processos internacionais; exemplos famosos são o Papa João Paulo II, ex-líder da Igreja Católica Romana, que auxiliou em processos de transição democrática em diversos países; Dalai Lama, chefe de Estado e líder espiritual do Tibet, e Desmond Tutu, bispo anglicano conhecido por sua luta contra o apartheid na África do Sul (HAYNES, 2016).

Os interesses e objetivos dos atores religiosos não estatais são variados, e vão desde articular com entidades que compartilham a mesma visão de mundo, autopromoção, até influenciar questões políticas, econômicas e sociais de acordo com suas normas e valores. Essa influência pode ser desejada no contexto doméstico e internacional, podendo até, muitas vezes, desafiar a legitimidade do Estado a que pertence ou onde está sediada. A legitimidade é um conceito importantíssimo na Política e nas Relações Internacionais, como fator complementar ao poder físico. Assim, a religião é uma grande fonte de legitimidade e pode ser utilizada na política internacional — para a colaboração ou enfrentamento entre diversos Estados e grupos religiosos — e até mesmo como ferramenta de política externa de um país conferindo apoio à guerra ou à paz. Portanto, a religião tem a capacidade de manter o status quo ou desafiá-lo. (FOX & SANDLER, 2004; HAYNES, 2016).

Para atingir seus objetivos, os atores religiosos não estatais podem articular com outros atores religiosos externos, ou seja, atuarem transnacionalmente, ou podem influenciar a sociedade e o governo do Estado que fazem parte, ajudando a estabelecer agendas. Em ambos casos, a influência ocorre utilizando o que a teoria realista definiu como *soft power*<sup>5</sup>, conceito criado por Joseph Nye que se refere à

“[...] habilidade de obter o que você quer através de atração, ao invés de coerção ou pagamentos. Surge da atratividade da cultura, ideais políticos e políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas, aos olhos dos outros, nosso softpower é aprimorado” (NYE, 2004, p. x apud HAYNES, 2016, p. 43)

---

<sup>5</sup> A teoria marxista de Relações Internacionais não vê como “soft” a influência exercida por essa via. Entende-a, isso sim, como elemento ora propagador de hegemonias constituídas, ora de lutas e ideais contra-hegemônicos (Gramsci).

O *softpower* é comumente associado ao Estado, mas pode ser exercido por outras entidades, como os atores religiosos. Está associado ao poder de persuadir, de cooptar e atrair os demais atores, sem forçá-los ou coagi-los. Para tal, utiliza-se da influência através da cultura, ideias e valores. Por este motivo, o *softpower* é muito importante para os atores religiosos, sendo talvez o melhor, se não o único, meio de conquistar seus objetivos. Entretanto, o *softpower* religioso transnacional é um conceito há muito conhecido, sendo observado, por exemplo, nas missões religiosas cristãs e muçulmanas que são empregadas há séculos pelo mundo. Hoje em dia, é possível perceber que muitos destes atores têm a capacidade de influenciar o cenário mundial mais do que pequenos Estados: os lobbies judaicos, a Igreja Católica, igrejas evangélicas e até mesmo os grupos terroristas conseguem associar seus valores e ideais aos meios de comunicação modernos para atuar internacionalmente e conquistar corações e mentes (HAYNES, 2013, 2016).

Em sua maioria, os fenômenos em que se percebe a religião nas Relações Internacionais não são puramente religiosos, porém tal aspecto é de grande importância para a sua compreensão e para se ter um entendimento sobre atores específicos. Além disso, muitas vezes a religião é utilizada para fins tidos como não religiosos. Pelo fato de o campo de Relações Internacionais não ter se desenvolvido com bases sólidas no conceito de religião, pode ser necessário estudar o tema através de um trabalho interdisciplinar, utilizando conceitos mais amplos e modernos nas Ciências Sociais (FOX; SANDLER, 2004). Assim, fica evidente que, ao longo dos séculos, a religião foi um fator de disputas e guerras e, a partir da Paz de Westfália, perdeu gradualmente a sua força nas Relações Internacionais.

Entretanto, como vimos nesta seção, a revitalização dos atores religiosos com influência política se intensificou entre as décadas de 1970 e 1980. Boaventura de Sousa Santos abordou as teologias políticas que ganharam expressão no período e apresenta um debate teórico entre teologias fundamentalistas e pluralistas; tradicionalistas e progressistas. Enquanto isso, Emile Sahliyah apresentou três explicações — não concorrentes, e que se complementam — para a revitalização dos atores religiosos: a incompatibilidade presumida entre religião e modernização, a teoria da crise e a mobilização de recursos. Todas estas explicações passam pelo conceito de *softpower* de Joseph Nye, na medida em que os atores religiosos utilizam os modernos meios de comunicação para articular transnacionalmente com outros grupos e reafirmar seus ideais e valores perante

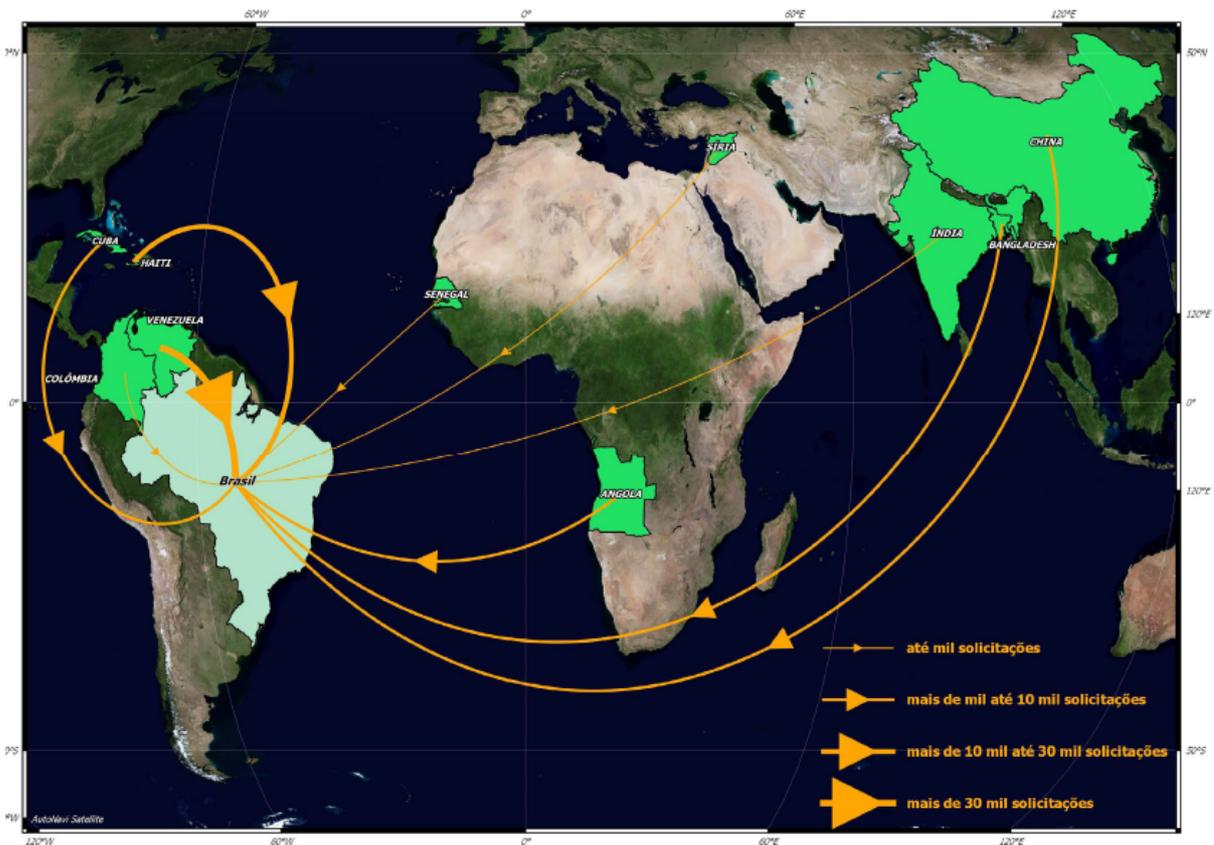
uma sociedade cada vez mais globalizada, chegando a ponto de atuar com mais consistência do que alguns Estados no cenário internacional. Assim, levando em consideração a revitalização e fortalecimento dos atores religiosos no cenário mundial, a próxima seção deste capítulo apresentará um panorama do processo de migração no Brasil e a atuação destes grupos em um tema importante das Relações Internacionais: o processo de acolhimento de migrantes em situação de vulnerabilidade.

## 2.2 A MIGRAÇÃO NO BRASIL E AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Na última década, o Brasil presenciou o início de um novo fluxo de migração internacional, marcado por novos rostos e representado principalmente pela chegada ao país de haitianos, venezuelanos, seguidos por africanos (com destaque para os senegaleses) e, em menor número, asiáticos. Além de representar muitas nacionalidades, espalhadas pelo globo, este movimento apresenta uma imensa diversidade cultural e religiosa, como o islamismo, cristianismo, vuduismo e budismo. É possível compreender, ainda, que o motivo da migração é variado: atraídos por condições econômicas e de trabalho, guerras internas no país de origem, perseguição religiosa, desastres ambientais e condições climáticas (ZAMBERLAM et al, 2014).

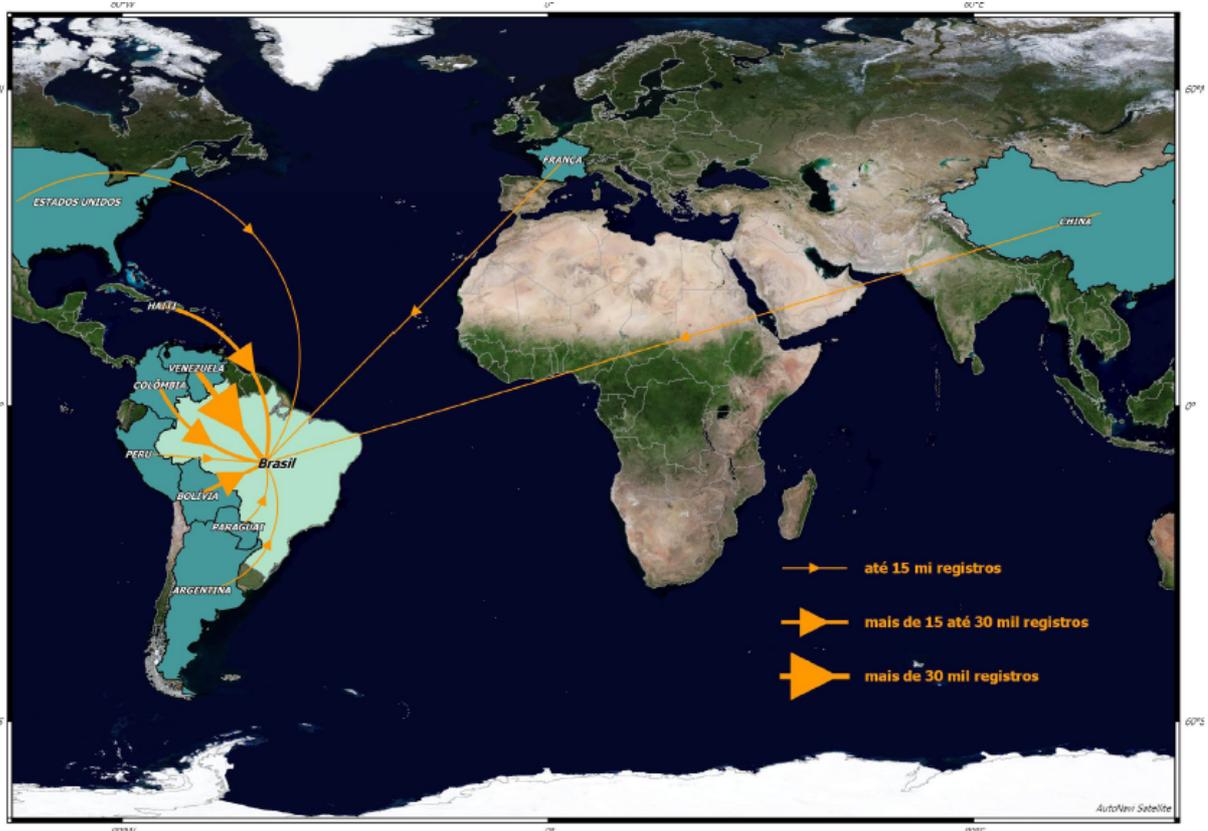
O Brasil apresenta, juridicamente, dois grandes instrumentos para o amparo de refugiados e imigrantes: a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, que define os mecanismos do refúgio (Figura 1), e a Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017 - Lei da Migração - responsável por definir a política migratória brasileira, com seus princípios e diretrizes (Figuras 2 e 3). Além disso, o país concedeu aos haitianos um protocolo próprio para ingresso humanitário no país, já que sua situação e o agravamento das condições de vida causadas pelo terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, não se enquadram nos requisitos para serem recebidos como refugiados. Trata-se da Resolução do CNIG n. 97/2012, que dispõe sobre a concessão do visto permanente, condicionado ao prazo de cinco anos, a nacionais do Haiti. Considerando todos os amparos legais, no período entre 2011 e 2019 foram registrados 1.085.673 imigrantes no país. Destes, 399.372 eram mulheres. Analisando o local de origem, o ano de 2019 se manteve dentro do padrão dos anos anteriores: a grande maioria dos imigrantes chegam da América do Sul e Caribe,

com maior destaque para venezuelanos e haitianos. Entre os imigrantes de longo termo, ou seja, que permanecem no país por mais de um ano, foram realizados 660.349 registros no período 2010 - 2019, sendo 41% do número total composto por mulheres. Portanto, compreende-se que, a maioria dos migrantes e solicitantes de refúgio são pessoas do sexo masculino. Ademais, são pessoas com nível de escolaridade entre médio e superior em idade ativa (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

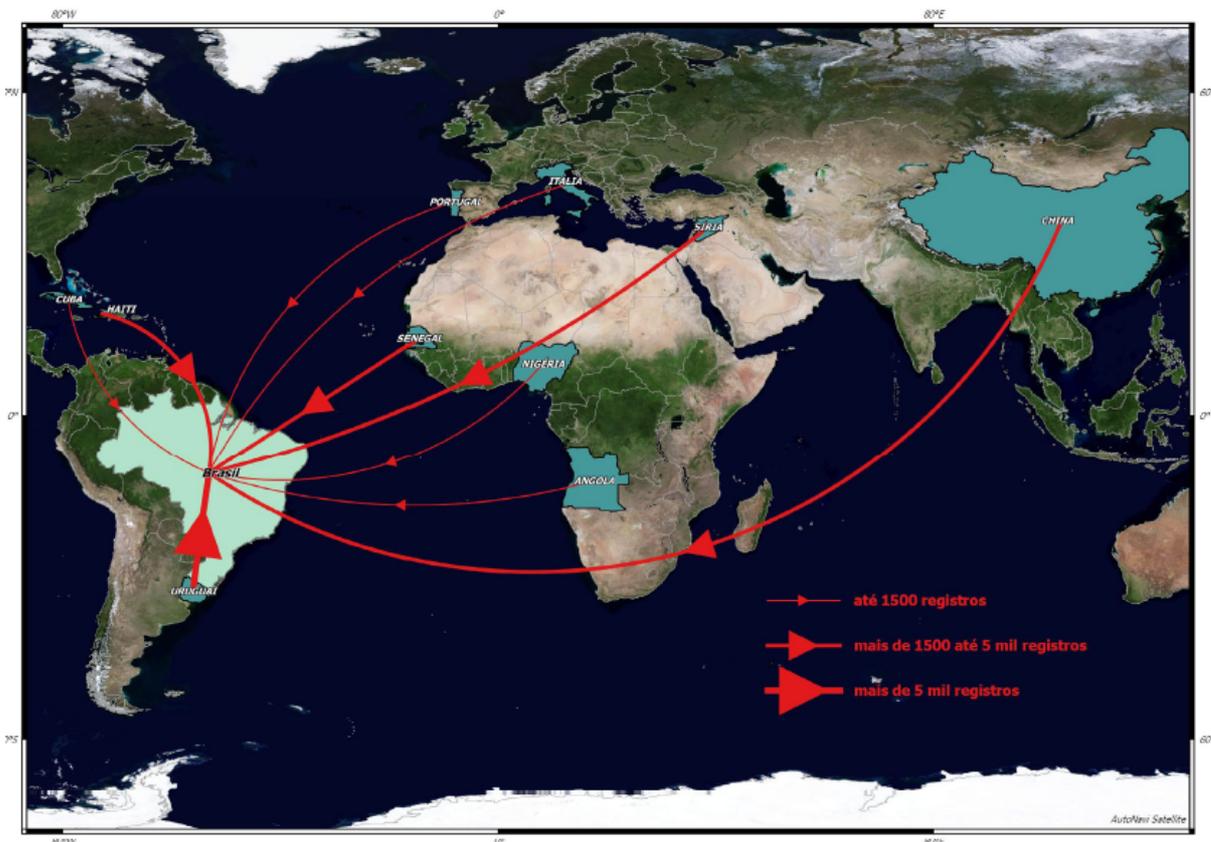


**Figura 1 - Número total de registros de solicitantes de refúgio, segundo principais países, Brasil, 2018-2019**

Fonte: Cavalcanti; Oliveira; Macedo (2020, p. 75)



**Figura 2 - Número total de registros de imigrantes temporários, segundo principais países, Brasil, 2018-2019**  
**Fonte: Cavalcanti; Oliveira; Macedo (2020, p. 71)**



**Figura 3 - Número total de registros de imigrantes permanentes, segundo principais países, Brasil, 2018-2019**  
**Fonte: Cavalcanti; Oliveira; Macedo (2020, p. 73)**

Devido às dimensões continentais do Brasil, todas as regiões se apresentam como destino para os imigrantes que chegam ao país. Entretanto, no período de 2010 a 2019, a região Sudeste ficou em primeiro lugar: responsável por 276.761 (44%) registros de imigrantes de longo termo, concentrados principalmente no estado de São Paulo. Logo atrás vem a região Sul, com 142.206 registros (22%), bem distribuídos entre os três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A região Norte ficou em terceiro lugar, com cerca de 125.503 registros, ou 20% do total. Analisando apenas o ano de 2019, a região Norte foi responsável por 52.242 registros, e o estado de Roraima por 37.928, cerca de 38% do total nacional de registros. Tal fato ocorreu devido ao grande fluxo migratório de venezuelanos no período (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

Olhando os números específicos para refúgio, foram realizados 239.706 pedidos de refúgio por imigrantes entre 2011 e 2019. Até o final do ano de 2019, foram contabilizados 31.966 casos reconhecidos de refugiados no país, sendo que 89,8% destes foram reconhecidos entre 2011 e 2019. Neste período, a

nacionalidade venezuelana é a que apresentou o maior número de casos reconhecidos como situação de refúgio (20.935), contanto com números expressivos de sírios (3.768) e congolezes (1.209). Estes números demonstram que o Brasil se apresenta como um crescente destino para pessoas em situação de vulnerabilidade. Apenas no ano de 2019, por exemplo, foram registrados 82.520 pedidos de refúgio no país, sendo 65,1% de venezuelanos e 20,1% de haitianos, seguidos de cubanos com 4,8%. Deste total, apenas 33.353 solicitações foram analisadas, e a maioria reconhecida se refere a pedidos de cidadãos da Venezuela (97,2%) (SILVA et al, 2020).

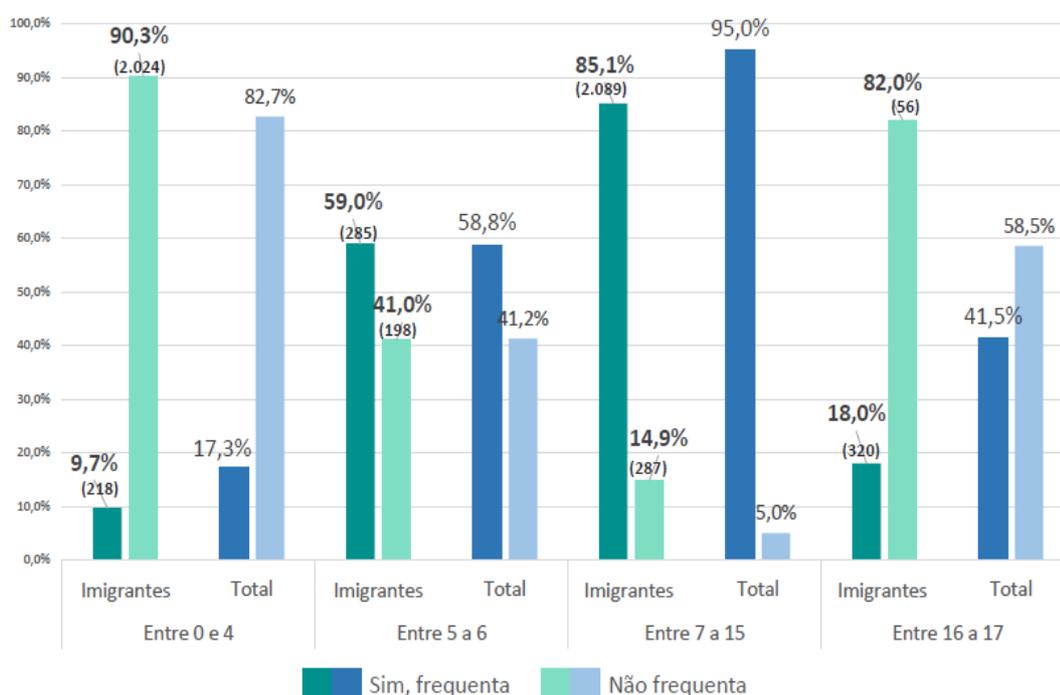
No Rio Grande do Sul, em 2018, foram dadas 864 autorizações de permanência para imigrantes, cerca de 35% de um total de 2.499, superando São Paulo (15%). O Estado ficou atrás apenas do Distrito Federal, que apresentou 47% das autorizações de permanência para imigrantes concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Já entre as 30.619 autorizações de residência emitidas pela Coordenação Geral de Imigração Laboral (CGIL) em 2018, o Rio Grande do Sul ficou em terceiro lugar no ranking de Unidades da Federação, com 1.120 autorizações, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2019). Assim, fica claro que o Rio Grande do Sul se mostra um importante destino para os imigrantes que chegam ao país.

Apesar disso, muitos imigrantes e refugiados chegam em condições precárias e com condições financeiras esvaziadas pelo alto preço com que a grande maioria precisou arcar para viabilizar a viagem, mobilizando recursos familiares diversos. Assim, necessitam de itens básicos, como roupas e alimentos, além de um local para estadia. Conforme relata Rebecca Bernard:

Chegando à fronteira brasileira, nós (imigrantes) solicitávamos refúgio. O número era considerável, muitos, incluindo famílias com crianças e mulheres grávidas, foram alojados em um abrigo sem luz nem água. Outros, que tiveram possibilidade financeira, alugavam um quarto para morar e outros, ainda, se acomodavam nos hotéis. (BERNARD, 2020, p.36)

Devido à burocracia, o migrante pode ficar semanas ou meses à espera do agendamento na Polícia Federal para regularização da sua situação, dificultando o acesso a serviços básicos, como saúde, educação e trabalho registrado.

No caso do acesso à saúde, todo estrangeiro em solo nacional tem direito a utilizar o Sistema Único de Saúde. Entretanto, em muitos casos, os imigrantes e refugiados que possuem diversas condições, como desnutrição e dores, têm acesso limitado ao sistema público por falta de informações em sua língua nativa, além de a dificuldade de comunicação deixá-los inseguros para expressar seus problemas e necessidades (FERREIRA; REINHOLZ, 2020). Outra questão importante é o acesso à educação infantil. De acordo com o estudo produzido em 2020 pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) do estado do Rio Grande do Sul, 90,3% das crianças imigrantes entre 0 e 4 anos não frequentam creches, e 41% entre 5 e 7 não tem acesso à pré-escola. Já entre os jovens de 16 e 17 anos, cerca de 82% abandonaram ou nunca frequentaram a escola (Gráfico 1). Isto demonstra que, dentro da população imigrante no estado, há maior proporção de indivíduos em fase escolar que não estão matriculados, em comparação com a população geral, questão que precariza o ensino e impede o aprendizado da língua portuguesa. Estes números são baseados nos dados do Cadastro Único do governo federal (RIO GRANDE DO SUL, 2020).



**Gráfico 1 - Porcentagem de crianças e jovens que frequentam a escola, dados do Cadastro Único.**

**Fonte: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão/ Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2020, p.19**

Um dos principais objetivos de imigrantes e refugiados quando chegam ao país é ter acesso a um emprego digno para seu sustento e o sustento de sua família (Bernard, 2020). Analisando os números da participação de imigrantes no mercado de trabalho formal, havia 55.148 postos de trabalho ocupados em 2010, enquanto que no ano de 2019 havia 147.670 imigrantes em postos de trabalho formais. Este crescimento foi impulsionado principalmente a partir de 2015, com a participação de imigrantes da América do Sul, América Central e Caribe. Em 2019, os indivíduos oriundos destas regiões ocupavam 73% das vagas de emprego formal, com destaque para haitianos que, sozinhos, representavam 35,8% do total. Entretanto, apesar da maior participação em vagas de emprego formais ao longo da última década, a mudança no perfil do imigrante, em grande parte por questões humanitárias, alterou o rendimento médio destes trabalhadores.

Em 2010, o rendimento médio deste grupo era de R\$10,6 mil mensais, enquanto que em 2019 foi de R\$5,3 mil mensais. Tal redução se explica devido à maior participação de africanos e centro-americanos/caribenhos no mercado de trabalho, que obtiveram em 2019 rendimento médio mensal inferior (R\$ 2,5 mil e R\$ 1,8 mil, respectivamente). Entre imigrantes de outros continentes, como América do Norte, a média salarial mensal é de R\$ 19,8 mil. Tal disparidade de rendimentos mensais ocorre pelo fato de que imigrantes da África, América Central e Caribe ocupam postos de trabalho com menor nível de instrução, na área de serviços e comércio, ou na área de produção de bens e serviços industriais. Soma-se a isso a dificuldade em conseguir o reconhecimento de diplomas obtidos nos países de origem, reduzindo as possibilidades de obtenção de empregos de maior nível de instrução e remuneração. (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

A participação no mercado de trabalho formal depende da possibilidade de obter a carteira de trabalho. Este documento fica disponível ao imigrante apenas após a sua regulamentação, seja a solicitação de reconhecimento de refúgio ou pedido de residência provisória. Porém, este processo realizado pelo Estado pode demorar, colocando os indivíduos em uma situação de insegurança, levando-os à situação de desemprego ou à informalidade. De acordo com os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2015, havia 772.392 residentes

no Brasil nascidos em outro país<sup>6</sup>. Deste total, 390.973 foram considerados parte da população economicamente ativa, com taxa de desocupação de 5,5% e taxa de informalidade de 40,5%, valor próximo à taxa de informalidade da população brasileira como um todo, cerca de 38%. Analisando o rendimento médio domiciliar per capita dos imigrantes, 33,5% dos informais estão na faixa de até 1 salário mínimo per capita, enquanto entre os formais esta parcela é de 18,4%. (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

Ao compreender todos estes aspectos, como as dificuldades na acolhida, acesso à saúde, educação e trabalho, vão ficando evidenciados os desafios enfrentados pelos imigrantes que chegam ao país, sem contar as questões culturais, racismo e xenofobia, que dificultam a integração social e serão abordadas mais adiante. Apesar de passar a imagem de um país receptivo e um país de oportunidades para imigrantes, não há uma política de Estado constituída para o acolhimento destas pessoas:

É certo que o governo concede a documentação aos imigrantes haitianos para permanecerem e trabalharem no país, porém, o trabalho de acolhimento é deixado nas mãos das organizações filantrópicas e instituições religiosas. Não havia coordenação no trabalho feito ou preparado para acolhê-los e ajudá-los a superar os desafios que os estão esperando na sociedade brasileira. (BERNARD, 2020, p.37)

Portanto, a situação vulnerável dos migrantes pode depender, em muitos casos, do auxílio de atores não-estatais, como as ONGs, associações civis e instituições religiosas, seja através de apoio jurídico e psicológico, de cursos de língua portuguesa, de alimentação e moradia ou de formação profissional, principalmente no período atual, onde o país vive as dificuldades de uma pandemia global. De acordo com o Portal de Imigração, do Ministério da Justiça e Segurança Pública, existem, em seus registros, 155 instituições de apoio a imigrantes e refugiados em todo o Brasil. Destas, 69 são religiosas, em sua maioria ligadas à Igreja Católica, mas há também instituições espíritas, evangélicas, muçulmanas e instituições ligadas a religiões afro-brasileiras (BRASIL, 2021). Este número não

---

<sup>6</sup>Este número representa tanto imigrantes como naturalizados. De acordo com a metodologia da PNAD, não é possível fazer a separação entre os dois grupos (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020).

representa o total de instituições religiosas atuando no país<sup>7</sup>, mas já permite mostrar o peso e importância destes grupos no apoio de imigrantes e refugiados.

Há, ainda, outras formas de articulação entre as instituições religiosas. O Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), associação filantrópica vinculada à Congregação das Irmãs Scalabrinianas e dedicada à assistência, acolhimento e integração de imigrantes e refugiados, coordena a RedeMiR em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). A RedeMiR — Rede Solidária para Migrantes e Refugiados — é uma congregação de instituições autônomas, mas que atuam conjuntamente no auxílio a imigrantes e refugiados e lutam por políticas públicas voltadas para estas pessoas (IMDH, 2021b). Fazem parte desta rede mais de 60 instituições, como grupos de pesquisa e associações civis, mas principalmente igrejas e órgãos católicos (IMDH, 2021a). Outro exemplo interessante, fora da esfera católica, é a Visão Mundial, ONG fundada pelo ministro batista Robert Pierce em 1950 nos Estados Unidos e está presente em mais de 100 países. Com uma visão cristã e baseada nos princípios pregados por seu fundador, tem atuação com crianças carentes em todas as regiões do país, mas destaca-se também por sua presença e auxílio a imigrantes e refugiados venezuelanos no estado de Roraima (VISÃO MUNDIAL, 2021). No Rio Grande do Sul, existem diversas Instituições religiosas comprometidas com o auxílio ao migrante, ligadas principalmente à Igreja Católica. Dentre algumas delas, podemos citar a Pastoral do Migrante da Diocese de Caxias do Sul; Mitra Diocesana, de Rio Grande; e a Associação Antônio Vieira e o CIBAI Migrações, em Porto Alegre.

O CIBAI Migrações faz parte da Missão Pompéia, Missão da Igreja Católica atendida por missionários de São Carlos – Scalabrinianos, que atuam em Porto Alegre desde 1939. A Missão Pompéia também é composta pela Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, que “[...] atende a dimensão espiritual, litúrgica, sacramental e pastoral das pessoas que frequentam a Igreja. Celebra-se a Missa em Português, Italiano, Espanhol, Créole e Coreano”, além de fazer a “celebração de festas católicas de outros países e culturas” (MISSÃO POMPÉIA, 2021, online). Já o CIBAI Migrações — Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações — é considerado uma entidade de Defesa e Garantia de Direitos, conforme previsto

---

<sup>7</sup>O cadastro de instituições no Portal de Imigração é voluntário, inclusive a página apresenta uma mensagem e um endereço de e-mail para contato e para poder cadastrar novas instituições.

na Resolução do CNAS N° 27 de 29/11/2011, no âmbito da Política Nacional de Assistência Social. Sendo assim, atua em atividades como acolhimento e escuta aos migrantes, orientação para a aquisição de documentação com órgãos públicos, assessoria jurídica e psicológica, capacitações profissionais, auxílio para obtenção de benefícios sociais, além do fornecimento de alimentos, roupas e produtos de necessidade básica. Outra forma de atuação do CIBAI Migrações é a linha de pesquisa em fluxos migratórios; identificação de políticas públicas e articulação com sociedade civil e governo acerca das demandas dos migrantes em situação de vulnerabilidade. Assim, já foram atendidos e acolhidos mais de 272.569 migrantes ao longo das mais de seis décadas de funcionamento da instituição nas suas atuais dependências, localizadas no centro de Porto Alegre (MISSÃO POMPÉIA, 2021).

Portanto, apresentados os principais problemas dos imigrantes e refugiados ao chegar no Brasil e a falta de uma atuação estatal mais decisiva no acolhimento e auxílio a estas pessoas, fica evidente a importância do papel das instituições religiosas neste processo. Ademais, é possível compreender, através dos exemplos citados, como atores religiosos conquistam importância política e relevância nas Relações Internacionais. Conforme apontou Sahliyah (1990), os atores religiosos conseguem conquistar prestígio ao auxiliar a população com serviços que deveriam ser prestados pelo Estado, em áreas como saúde, educação e assistência social, utilizando suas estruturas organizacionais e recursos. E, neste caso, tratamos de uma parcela específica da população: migrantes em situação de vulnerabilidade. O caráter da atividade de acolhimento, que necessita de contato direto com os imigrantes e refugiados, permite que os atores religiosos compreendam suas demandas e necessidades mais urgentes e as transformem em políticas públicas. Assim, através do seu prestígio e de sua capacidade de articulação com a sociedade civil e governo, podem ter sucesso em colocá-las em prática.

Outra característica dos atores religiosos é a sua capacidade de agir transnacionalmente. A ONG cristã Visão Mundial, por exemplo, atua em mais de 100 países, coordenando diversos projetos entre suas diversas unidades. Neste processo, precisa lidar com demandas e políticas governamentais muito diferentes, sendo necessário se adaptar a diversas realidades. Já o IMDH trabalha em parceria com o ACNUR e coordena a RedeMiR que, apesar de ser nacional, permite a articulação de diversos grupos e instituições em todos os estados do Brasil,

aproximando atores que possuem visões de mundo próximas e com objetivos convergentes.

Da mesma forma que o ministro batista Robert Pierce fundou a Visão Mundial em 1950, Haynes (2016) afirma a importância dos indivíduos religiosos para as Relações Internacionais. Apesar de instituições e movimentos demonstrarem grande influência no cenário internacional, alguns indivíduos também possuem tal capacidade. Não podemos esquecer que são os líderes religiosos carismáticos que conseguem conquistar novos fiéis, angariar fundos para suas atividades e são as vozes públicas da articulação política e social do seu grupo (SAHLIYEH, 1990); e são os indivíduos que estão por trás do funcionamento e da manutenção das instituições. Entretanto, este trabalho também é realizado por outros atores religiosos, com muito menos visibilidade, assumindo uma forma menos institucionalizada, partindo do próprio religioso, em templos de religiões afro-brasileiras nas periferias, por exemplo. Atento a isso, o próximo capítulo busca compreender o processo de acolhimento de imigrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade na cidade de Porto Alegre através da perspectiva de atores religiosos específicos, nossos interlocutores, que atuam ou atuaram diretamente nesta atividade, inscrevendo-se na história do acolhimento contemporâneo de migrantes em vulnerabilidade em nosso estado.

### **3 O ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM PORTO ALEGRE SOB A PERSPECTIVA DE RELIGIOSOS DO SUL DO MUNDO: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS**

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma apresentação dos interlocutores entrevistados, Padre James-son Mercure e a Yalorixá Mãe Negrita da Oyá, apresentando suas trajetórias, formações e o envolvimento com a temática do acolhimento. É necessário reforçar, aqui, a sua importância neste trabalho: ambos foram escolhidos para contribuir com este trabalho pois possuem vidas dedicadas às questões sociais e ao acolhimento. Ambos são religiosos negros, com trajetórias únicas e potentes: ele é imigrante negro; ela, sacerdotisa de uma religião de matriz africana. Participam das redes de acolhimento e contribuem para o debate público sobre justiça social e o combate à desigualdade. Entretanto, também são duas trajetórias invisibilizadas: capítulos que contam sobre o acolhimento a imigrantes,

sobretudo negros, que não fazem parte da história oficial do processo de migração contemporânea na cidade de Porto Alegre. Apesar de possuírem perspectivas importantes sobre o tema da migração e sobre as lutas sociais que travam diariamente, não são referências incontornáveis ao se tratar de acolhimento e migração por aqui. São fontes de saber e conhecimento do Sul global, deslegitimadas por processos históricos, como o racismo e o colonialismo.

Ademais, o capítulo pretende fazer um debate entre a percepção dos interlocutores acerca dos desafios da temática do acolhimento. Este capítulo apresenta algumas fotos do acervo pessoal de Mãe Negrita, portanto são imagens inéditas, compartilhadas para enriquecer o trabalho e para tornar públicos arquivos de um acervo muitas vezes invisibilizado, capazes de contar outras histórias sobre a chegada de imigrantes negros em Porto Alegre.

### 3.1 PADRE JAMES-SON MERCURE: “EU ERA ESTRANGEIRO E ME ACOLHESTES”

A entrevista com o Padre James-son foi realizada no dia 9 de abril de 2021, uma sexta-feira, iniciando às 20h, pelo Google Meet. Nossa conversa durou cerca de uma hora. Notei que ele parecia estar um pouco cansado, acredito estar assim justamente pelo dia e horário de nosso encontro virtual, já que as atividades de auxílio aos migrantes da Missão Pompéia continuavam ocorrendo, dentro do permitido pelas normas sanitárias de distanciamento social do novo coronavírus. Entretanto, o Padre James-son foi muito simpático e atencioso ao tirar minhas dúvidas e contar um pouco de sua trajetória de vida e experiências com os migrantes. Em suas palavras e explicações, sempre falava dos migrantes com muito carinho e cuidado, mesmo para denunciar situações difíceis pelas quais eles passavam. Aqui, nesta seção, apresento algumas informações sobre a história de vida e trajetória do Padre James-son. Suas percepções também estarão presentes ao longo do capítulo, contribuindo para o debate sobre, acolhimento, integração social e manifestação cultural. A entrevista, na íntegra, se encontra no Apêndice B deste trabalho.

Nascido no Haiti, o padre James-son Mercure, 36 anos, pertence à congregação missionária São Carlos - Scalabrinianos. Fundada pelo bispo italiano João Batista Scalabrini, no fim do século XIX, a congregação tinha como carisma

específico o trabalho de evangelização e formação dos migrantes italianos que saíam do seu país em direção ao continente americano, sobretudo Argentina, Brasil e Estados Unidos. Com o passar do tempo e as novas necessidades, a congregação passou a atender migrantes de diversas nacionalidades e origens, em diversas partes do mundo. A congregação possui como lema “*eu era estrangeiro e me acolhestes*”<sup>8</sup>. Assim, depois de sua formação em Filosofia, James-son foi enviado ao México, local onde ficou por cerca de dois anos, período em que teve uma experiência de “*espiritualidade do nosso fundador*” (MERCURE, 2021).

Nos primeiros dois ou três meses de permanência no México, James-son trabalhou com imigrantes mexicanos deportados dos Estados Unidos, na cidade de Tijuana — cidade fronteiriça com a cidade estadunidense de San Diego, na Califórnia — sendo enviado, posteriormente, para outras regiões do país. Depois de dois anos, foi enviado para Bogotá, na Colômbia, onde fez seus estudos em Teologia, ao longo dos próximos quatro anos. Assim, ao retornar ao Haiti, foi ordenado diácono. Como relata o padre James-son, antes de sua primeira missão como padre ordenado, solicitou fazer uma experiência no Brasil:

Antes de eu ser padre, pedi para fazer essa experiência como um diácono na cultura do Brasil, antes da minha missão, para poder aprender a língua, conhecer a cultura né? Eu fiquei quatro meses no primeiro momento e depois me mandaram para o Haiti para ter minha ordenação como padre e depois eu voltei aqui no Brasil, faz 5 anos (MERCURE, 2021).

Depois da breve experiência inicial no Brasil, James-son retorna ao Haiti para receber sua ordenação como padre. Retornando às terras brasileiras, em 2017, a sua primeira missão ocorreu em Manaus, capital do Amazonas, na região Norte do país. Lá, trabalhou com imigrantes e refugiados, em sua maioria haitianos, venezuelanos e peruanos. Depois de permanecer lá por cerca de dois anos, veio para o Rio Grande do Sul participar da Missão Pompéia e atuar no CIBAI Migrações, onde havia a necessidade de um padre que falasse outras línguas, como o crioulo haitiano. A partir de então, além atuar no CIBAI Migrações e celebrar Missas na Paróquia Pessoal para os Migrantes Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, faz parte da coordenação do Fórum Permanente de Mobilidade Humana do Rio Grande do Sul (FPMH/RS) desde 2020, é vice-Coordenador do Comitê de Atenção a Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas do Estado do Rio

---

<sup>8</sup> Mateus 25:35.

Grande do Sul (COMIRAT/RS), além de ter cadeira junto ao COMIRAT/Porto Alegre. A presença nestes organismos permite ocupar um espaço importante de representatividade, que, em suas palavras, “ajuda a dar voz aos migrantes e lutar pela garantia de seus direitos” (MERCURE, 2021).

O fato de o padre James-son pertencer à congregação dos Scalabrinianos e seu trabalho com migrantes até sua ordenação como padre ajudam a compreender a sua relação com o processo de acolhimento de migrantes. Perguntado sobre como a prática religiosa auxilia no acolhimento dos migrantes em situação de vulnerabilidade, nosso interlocutor afirma que a formação recebida — Filosofia e Teologia — é muito ampla, não é específica para a tarefa. Entretanto, o amor e a sensibilidade aprendidos ao longo da sua trajetória são fundamentais para a atividade, que é realizada sem olhar para a religião daquele que necessita de ajuda:

Porque você não acolhe as pessoas só com o conhecimento, com a formação que você tinha recebido. Mas você acolhe as pessoas com todo o seu ser, né? Com a pessoa que você é, entende? Porque às vezes os migrantes chegam até nós, até mim, para... não sei, procurar uma ajuda ou outro tipo, não sei... para falar... e o primeiro momento é a escuta né? Não é, digamos assim, quando o migrante chegar você vai começar a falar e ir perguntando. Não. Primeiro escuta, porque eles têm alguma coisa para falar. Eles têm uma necessidade, eles precisam ser ouvidos, precisam ser escutados no primeiro momento, é isso. No primeiro momento vai muito, né, a formação humana, não tanto uma formação intelectual. Você pode ter uma formação intelectual muito... sabe.... bem, você pode ser bem capaz, você sabe muitas coisas mas se a você faltar a formação humana, então você não vai ter tempo para escutar a pessoa, você não vai ter uma certa sensibilidade, porque a pessoa chega com... às vezes.... com problemas, com problemas diferentes, então isso vê que é muito uma formação humana (MERCURE, 2021).

Essa formação humana é muito importante, pois muitos migrantes chegam até o CIBAI e ao Padre James-son em situação de extrema vulnerabilidade, necessitando de “ações e coisas concretas”:

Porque o migrante precisa de coisas concretas, o migrante precisa de ações, porque quando as pessoas estão numa situação de vulnerabilidade precisam mais ser escutadas, precisam ser mais escutadas pelo nosso serviço [...], porque nós podemos ir falando, falando, falando... e isso não entra, nada entra, porque está numa necessidade, porque está precisando o básico. Quando a pessoa está precisando o básico, você pode falar um montão de coisa e não adianta, não adianta. Às vezes falando a mesma língua, eu como haitiano, às vezes chegam aqui falando crioulo haitiano, crioulo, na mesma língua, falando, falando, repetindo uma coisa várias vezes, eles não entendem porque não... não é que não entendem, não é que eles não entenderam.... a necessidade é que é muito, sabe? A necessidade impede, quando a pessoa precisa o básico, impede de ouvir na mesma, na própria língua (MERCURE, 2021).

Em se tratando do atendimento religioso dado especificamente aos migrantes católicos, o padre James-son começou a realizar Missas em crioulo haitiano, uma novidade para a comunidade brasileira. Com o passar do tempo, visando à integração entre as comunidades brasileira e haitiana, sugeriu fazer Missas conjuntas, mesclando crioulo haitiano, francês e português:

Então a comunidade responde, a comunidade acolhe. Então, ao mesmo tempo, acolhendo a comunidade haitiana e também mostrando à comunidade brasileira uma cultura, um jeito ou modo de ser, um modo de celebrar, um modo de rezar diferente, mas o mesmo Deus; rezando a Deus, mas numa língua diferente, com uma liturgia mais alegre, porque nós somos haitianos caribenhos, somos do Caribe, temos uma cultura mais alegre, além da pobreza, além da dificuldade, nós sempre procuramos ter um sorriso para a vida (MERCURE, 2021).

Durante o ano de 2020, a igreja ficou fechada nas semanas iniciais da pandemia, voltando a abrir gradativamente para ajudar emergencialmente os migrantes, com a distribuição de cestas básicas e doações. Algum tempo depois, as atividades retornaram de segunda a sexta-feira para as questões de documentação e cursos de capacitação online. Atualmente, devido à pandemia do novo coronavírus e as normas sanitárias que restringem o público dentro das igrejas, a Missa realizada pelo padre James-son, no segundo domingo de todo mês, está sendo transmitida pelo perfil do CIBAI Migrações via Facebook. Quando perguntado sobre uma situação que marcou a sua trajetória no acolhimento de migrantes, Padre James-son compartilha que a melhor recompensa é saber que os migrantes estão bem e felizes, e gosta de lembrar aquele que foi ajudado para ajudar também, em um movimento que não deve ser entendido como chamado à retribuição ou pagamento, mas que empodera aquele que já esteve em posição de maior vulnerabilidade e, agora, pode tornar-se um agente. Nesse sentido, comenta o quanto a ajuda a uma pessoa pode ajudar várias:

Faz bem para pessoa que é ajudada, também faz para você mesmo bem, porque você se sente bem, porque além de ajudar a pessoa você está ajudando todos... todas as pessoas que são próximas dessa pessoa, família, filhos, sabe? Então não é só um coração que você está fazendo feliz, também estão fazendo vários corações felizes, sabe, de forma indireta. Então é por isso, eu sempre me sinto bem, me sinto feliz para ajudar as pessoas e tem coisas que acontecem que... eu não posso identificar dizer uma coisa, alguma coisa que fica na minha memória, mas porque são bastantes. (MERCURE, 2021)

Acompanhar as Missas de Padre James-son transmitidas via Facebook foi um presente. Mesmo à distância, senti uma alegria tremenda em assistir à celebração. O primeiro detalhe que me chamou a atenção foi a presença de diversas bandeiras nacionais — Brasil, Haiti, Peru, Venezuela, Cuba, Itália, Coreia do Sul, entre outros países — dispostas atrás do altar (Figura 4). No momento imaginei que, se eu estivesse em outro país, com uma cultura diferente ou outra língua, ver a bandeira do meu país ao lado da cruz de Cristo, seria uma forma de me ver acolhido, real e simbolicamente, naquela celebração e naquela comunidade. A arquitetura da igreja, por si só, já lembra um estilo mais moderno, diferente daquele que costumamos imaginar, ao estilo barroco, com muitos ornamentos. Não sei dizer se isto foi intencional quando da sua construção, mas sua arquitetura mais simples, sem muitos ornamentos, lembra um convite ao ecumenismo e ao diálogo intercultural, destacando, justamente, o colorido vibrante das bandeiras de todos que ali estão representados e ali chegam. Como relatei a James-son em nossa entrevista, foi grande a minha surpresa ao acompanhar a celebração, logo no início da transmissão, ao som dos tambores. Inicialmente fiquei confuso, não entendi. Eu já sabia que parte da Missa seria em créole, mas não esperava os tambores. Aí me perguntei: “que bonito, que alegre... tambores?”. Depois da entrevista com o Padre James-son e todo o seu relato sobre religião, a importância do movimento vodu como religiosidade popular e manifestação cultural, eu entendi. Lembrei do questionamento que fiz a mim mesmo e me perguntei novamente: “como não haveria de ter tambores?”. E para cada pergunta respondida, surgem outras mil: quais outros instrumentos são utilizados em Missas ao redor do mundo? Que outras surpresas as outras liturgias podem me causar? O que mais cada uma das culturas representadas por suas bandeiras no altar têm a me ensinar? Ademais, ver brasileiros e migrantes construindo a celebração, juntos, só comprovou, para mim, que a ideia de Padre James-son de ter uma Missa conjunta seria uma grande oportunidade de integração social, troca de experiências e culturas, além do compartilhamento do sagrado (Figura 5).



**Figura 4 - Altar da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia.**

**Fonte: CIBAI Migrações/Facebook**



Figura 5 - Missa do 32º Domingo Comum, celebrada pelo Padre James-son.

Fonte: CIBAI Migrações/Facebook

### 3.2 YALORIXÁ MÃE NEGRITA DA OYÁ: LEVANDO OS TAMBORES AO ESPAÇO PÚBLICO E ACOLHENDO A DIVERSIDADE

Eliane Almeida de Souza é moradora da Lomba do Pinheiro, região periférica da cidade de Porto Alegre. Também conhecida como Negrita, ou Mãe Negrita da Oyá, é Yalorixá do segmento Jêje-Ijexá, no Templo Africano Iansã e Xangô. O segmento Jêje-Ijexá — uma das linhagens da religiosidade de matriz africana — trabalha com as energias da natureza, que estão ligadas aos orixás. Existe uma gama de orixás dentro da religiosidade de matriz africana, mas existem alguns com os quais há uma maior aproximação, sendo alguns deles Bará, Oxum, Xangô, Iansã, Xapanã, Iemanjá e Ogum. É filha biológica e espiritual de Mãe Cenira do Xangô e possui mais de 30 anos de história dentro da religiosidade de matriz africana (SOUZA, 2021).

Professora e pedagoga, fez seu mestrado e doutorado na UFRGS, com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Com atuação social, fez sua caminhada dentro do movimento negro. Há mais de vinte anos, foi fundadora do Instituto África-América (IAFRA) do qual participa até hoje, através das questões pedagógicas, políticas e sociais ligadas à negritude. Nesse sentido, as atividades do IAFRA estão conectadas à tradição de matriz africana. Ao falar mais sobre sua religião, Mãe Negrita cita os desafios enfrentados, como discriminação, preconceito e injustiças sociais, o que se traduz, também, em uma religiosidade de resistência, característica compartilhada com o movimento negro (SOUZA, 2021).

Durante a gestão de Tarso Genro (2011-2014), Negrita foi Coordenadora da pasta de Diversidade, na Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, momento em que pôde dialogar com temas como educação do campo, gênero, a pauta da negritude e direitos humanos, permitindo muita ação e diálogo com os movimentos sociais: “levamos para dentro da Secretaria os tambores, a religiosidade, a educação do campo, a diversidade, todas essas riquezas. Isso para mim foi muito potente, muito potente”. Após um período afastada por questões de saúde, retornou às atividades do Estado na Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH), como Coordenadora pedagógica, levando consigo a pauta da diversidade: “e aí fizemos na FDRH uma grande ação da pauta da semana da Consciência Negra, abrindo na prática, de novo, a inserção dos movimentos

sociais, da religiosidade, de todas essas diversidades na prática né, se apresentando, mostrando, expondo... então foi muito lindo (SOUZA, 2021).

Depois de sua passagem pela FDRH, foi nomeada Coordenadora Estadual da Igualdade Racial na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (SJDH), no ano de 2014. Foi neste período, também, que Negrita entrou em contato com o COMIRAT-RS, presente na Secretaria. Este comitê dialogava com outras instituições que participavam do processo de acolhimento a migrantes, como o CIBAI Migrações. Uma das pautas que assumiria era a questão da migração, ou seja, articular o acolhimento dos migrantes, que logo no início se mostrou um grande desafio:

[...] pra mim era muito tranquilo, “ah, acolher, tá bom, né”... tem uma rede, vamos lá receber e fazer as boas-vindas... e eu comecei a ver que não era bem assim né, que essa acolhida era uma acolhida necessária, primordial, porque quando a gente começou a ver o tamanho dessa pauta né, entre as outras que eu já coordenava, mas essa foi a que eu acho que eu mais me joguei assim, pela necessidade mesmo... (SOUZA, 2021).

E tal necessidade relatada por Negrita se refere à situação dos migrantes haitianos que começaram a chegar ao Rio Grande do Sul no período, principalmente após o terremoto que afetou drasticamente a capital do país, Porto Príncipe, departamento com maior densidade demográfica no país, em 2010:

a gente começou a ver que tinha uma rede e que tinha um movimento, aonde as pessoas lá no Haiti conversavam com seus familiares, né... me desculpa se eu chorar porque é muito pesado né, falar sobre isso, mas é muito importante, muito lindo, assim... e aí conversavam com seus familiares, se despediam deles e diziam: “nós vamos para o Brasil porque lá as coisas estão muito boas”. O Haiti recém tinha passado por mais um terremoto, então tava uma situação bem difícil né, e eles estavam vendo aqui no Brasil uma perspectiva [...] Então eles vieram, chegaram aqui com muitos sonhos né, muita vontade de trabalhar, muita vontade de crescer, muita vontade de viver (SOUZA, 2021).

A partir de então, e compreendendo a seriedade da situação, foi formada uma rede de apoio, parceria entre a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado, Brigada Militar, Prefeitura de Porto Alegre, e instituições como o CIBAI Migrações. A maioria dos migrantes chegava pela rodoviária de Porto Alegre, vindos da região Norte, principalmente do Acre. A viagem durava cerca de cinco dias, e Negrita era avisada pela empresa de ônibus do horário de chegada, entre quatro e cinco horas da manhã. Arrumava-se, pegava o carro disponibilizado pelo Estado, e partia em

direção à rodoviária com seu marido, Adílio. Negrita relata que, ao chegar na rodoviária, percebia a falta de informação e a situação de desamparo em que se encontravam os haitianos:

E chegávamos lá, a gente olhava aqueles rostinhos, tudo perdido. Porque alguns queriam ir para Santa Catarina, outros queriam o Paraná, outros queriam São Paulo - que alguns já tinham, por exemplo, algumas pessoas deles, que já tinham vindo antes. Então eles diziam: “não, vem pro Sul... é São Paulo, vem pro o Sul... Santa Catarina, vem pro Sul... Paraná”, então para eles tudo era Sul! E aí a gente começou a ver assim, “tá, mas você vinha, você passou por Santa Catarina, você passou por São Paulo, você passou... por que você não desceu?”. E aí, claro, nós íamos lá com tradutor né, e eles diziam assim: “a gente nem sabe onde nós estamos, nós só sabemos que nós estamos no Sul” (SOUZA, 2021).



**Figura 6 - Mãe Negrita com migrantes acolhidos na rodoviária de Porto Alegre.**

**Fonte: Arquivos Dr<sup>a</sup>. Negrita/ SJDH**

Em alguns casos, quando os ônibus chegavam a São Paulo, os motoristas avisavam onde estavam e quem estivesse no seu destino, poderia descer ali. Entretanto, praticamente nenhum deles conhecia a nossa língua, e acabavam por

continuar dentro do ônibus, até chegar a Porto Alegre. Portanto, sabendo que o Brasil é um país de dimensões continentais e levando em consideração a falta de informação, torna-se evidente a situação de vulnerabilidade em que estas pessoas se encontravam, em que a falta de comunicação e compreensão do idioma poderiam causar um “desvio na rota” de milhares de quilômetros. O idioma também era um problema no primeiro contato com os migrantes, uma relação de desconfiança, acentuada principalmente com as mulheres do grupo: “era tanto medo, era tanta insegurança, que a gente dizia: ‘não, mas nós estamos aqui para ajudar’ e elas não confiavam, sabe [...] elas só dialogavam com os homens”. Assim, Negrita, os tradutores e os demais integrantes, se apresentavam como representantes dessa rede de acolhimento, e tentavam descobrir quem era o contato daqueles recém-chegados aqui no Brasil, para encaminhá-los ao destino correto, inclusive comprando as passagens de ônibus (SOUZA, 2021).



**Figura 7 - Migrante haitiano durante o acolhimento.**  
Fonte: Arquivos Dr<sup>a</sup>. Negrita/ SJDH



**Figura 8 - Migrantes haitianos na rodoviária de Porto Alegre. Um dos poucos registros das mulheres que chegavam à época na cidade.  
Fonte: Arquivos Dr<sup>a</sup>. Negrita/ SJDH**

Conforme o tempo passou, e a atuação nessa frente foi se tornando mais importante e potente, Negrita foi se dedicando cada vez mais a ela, desligando-se de algumas outras pautas da Secretaria e articulando-se com a rede de acolhimento. Negrita ressalta, neste período de cerca de três meses de muita intensidade, o comprometimento da rede de acolhimento criada — atuação coordenada entre o Estado, a prefeitura de Porto Alegre, CIBAI Migrações, UFRGS, Centro Vida, entre outros — no auxílio direto a mais de duzentos migrantes. Porém, já no fim deste período, uma situação mudaria a vida de Negrita e Adílio. Em um dos últimos ônibus que traziam os migrantes, em dezembro de 2014, chegou um grupo de nove haitianos sem familiares ou contatos no Brasil, e sem lugar para ficar. Então, a rede foi mais uma vez acionada: em contato com a Brigada Militar, os nove haitianos foram abrigados no alojamento da polícia, até se chegar a uma solução (SOUZA, 2021).

Com a derrota nas eleições para o governo do estado em 2014, sabia-se que a gestão Tarso se encerraria em 31 de dezembro daquele ano, prazo limite para o acolhimento dos nove migrantes haitianos no alojamento da Brigada Militar. Negrita, como referência do Estado, junto a representantes da Prefeitura, visitava o grupo no alojamento, levando roupas e mantimentos. Ao conversar com o grupo e averiguar sua situação, constatou que apenas pediam para trabalhar e poder ganhar algum sustento para enviar às suas famílias no Haiti. Este dinheiro ajudaria no sustento de suas famílias, além de pagar dívidas contraídas com “coiotes” — pessoas que conduzem os imigrantes através das fronteiras mediante pagamento — e outros haitianos, em sua terra natal. Não havendo a possibilidade de mantê-los no alojamento, nem conseguido vaga para o grupo em igrejas, instituições de apoio ou com o poder público, Negrita conversou com seu esposo, com sua mãe e chegaram à conclusão de que deveriam acolhê-los em sua própria casa:

E aí “não, mas como?”... A gente não pode pôr na rua, a gente é uma referência ali, né? Eu acho que o Estado enquanto Estado não deve fazer isso, mas enquanto ser humano, pessoa, eu acho que é indigno. Então eu estou assumindo a pauta, não de Estado né, mas sim de pessoa, e assumi essa responsabilidade, na condição de humanidade. Eu jamais gostaria, aceitaria, entenderia uma pessoa nossa, brasileira, chegando num país sem nada, nada - porque só tinham a roupa deles, não tinham nada... e o sorriso né? - e chegando a outro país e sendo posto na rua né, pelo Estado ou por outras pessoas. Então eu assumi a responsabilidade. Fui criticada, fui chamada a atenção, que não deveria fazer isso, e eu digo: “bom, se você não vai fazer o que eu posso fazer no momento, então você não atrapalha, dá o ladinho, que nós vamos fazer” (SOUZA, 2021).

Conforme relembra Negrita, por volta do dia 10 de dezembro de 2014, ela e seu marido foram até o alojamento da Brigada Militar buscar o grupo dos nove haitianos para levá-los para sua casa. Apresentou sua moradia, suas “regras de convivência”, explicou a situação de troca de governo e garantiu auxiliá-los a conseguir emprego. Negrita e Adílio acolheram o grupo como seus filhos. Neste período, transformaram sua casa não só em um local de acolhimento, mas também em um local de grande aprendizado: “A gente conversava com eles, fazia reuniões, e falávamos ali de Direitos Humanos e políticas públicas, de como usar camisinha, de ética, de respeito, de cuidados, de como eles iam se postar no emprego, [...] fizemos uma preparação” (SOUZA, 2021). Enquanto isso, sua chefia imediata no governo estadual, Eliene Amorim, buscava, através do diálogo com sindicatos, uma oportunidade de trabalho para os nove, e este era um ponto complexo, já que Negrita pedia para que os nove ficassem sempre unidos, ou seja, vagas de emprego para todos, ou ninguém vai. E a explicação era simples: juntos, os nove estariam unidos e fortes:

Porque chegavam umas pessoas lá no alojamento para levá-los e só tinha uma vaga, três vagas, no máximo quatro vagas e eu dizia para eles: “não saiam, não vão” e eles “mas por quê?”, aí eu pegava um lápis e quebrava: “ó, se pegar uma pessoa aqui, uma pessoa sozinha é frágil, é fácil quebrar”. Agora, pegava nove lápis e passava para eles: “quem quebra? Quem quebra?”, e ninguém conseguia. Então falava um pouco dessa questão deles né, porque no grupo tinha um que tinha mais de 50 anos, eu tinha certeza que aquele seria a pessoa que não ia ser empregada, que não ia entrar no mercado, que não atendia às exigências do mercado. Então eles entenderam também isso né, e eu dizia para eles ficarem juntos e que vamos conseguir emprego para todo mundo (SOUZA, 2021).

Em certo momento, Negrita precisou ir até o Rio de Janeiro para participar de um Congresso. Quando estava lá, recebeu uma ligação de sua chefia, avisando que o Sindicato da Construção Civil tinha conseguido nove vagas para o grupo de haitianos, na construtora OAS, e perguntaram se poderiam buscá-los para fazer a entrevista. O grupo, quando se deparou com o convite para ir até a empresa, mantendo a união e tendo Negrita como uma referência, disse: “não, não, só se vocês falarem com a nossa mãe no telefone e ela disser para vocês que nós podemos ir”, “não, se você autorizar por telefone, a gente sabe que nós podemos ir”. Percebe-se, aí, que a referência que Negrita passa a constituir para esse grupo

aproximava-se cada vez mais de sua atuação religiosa, como “mãe”, do que de sua atuação como agente estatal.

Com a autorização da “mãe de acolhida”, conheceram a empresa, fizeram a entrevista e foram contratados para trabalhar com carteira assinada. Depois de um período de quarenta e cinco dias, aproximadamente, durante o qual conviveram intensamente com Negrita e Adílio, e já empregados com carteira assinada, o grupo quis uma nova moradia, um local em que não “dessem trabalho” para o casal. Então, mudaram-se para uma casa nos fundos da residência de Mãe Cenira, onde essa mantinha seu ateliê e, mais uma vez, a rede de acolhimento foi mobilizada: foram adquiridas nove camas, colchões, travesseiros e cobertores para o grupo utilizar na nova moradia, ainda próximos do cuidado e carinho de Negrita e sua família:

A minha mãe disse que quando chegavam da OAS lá, muito frio eles passaram aqui, aí ela fazia um caldo para eles, alcançava na janela né, agradeciam e tomavam aquele caldo para se esquentar, para acordar no outro dia cedo às quatro, cinco horas da manhã, pra ir de novo... [emocionada] pra ir trabalhar. (SOUZA, 2021).

Após este período, sob os cuidados de Mãe Cenira, o grupo decidiu se mudar do local, indo morar mais próximo do local de trabalho, já que precisavam acordar muito cedo, cerca de quatro ou cinco horas da manhã, e tinham que pegar dois ônibus para chegar lá. Assim, mudaram-se para uma casa na zona Norte de Porto Alegre:

Aí fomos lá ver primeiro o lugar para onde eles iam, se era seguro, conversar com a comunidade, fazer o acolhimento. Então, assim... eu acho que a gente assumiu mesmo esse papel de pai e mãe, eu e meu esposo, porque a gente tinha muito compromisso, responsabilidade por eles né, e acho que é uma preocupação mesmo dessas questões da cidadania e dos direitos. E aí fomos lá, já tinha igreja ajudando, já tinha os vizinhos, a vizinhança toda acolheu eles, já tinha amigos lá, outros haitianos morando lá também. Então foi bem legal (SOUZA, 2021).

Entretanto, um deles resolveu não acompanhar os demais. A partir deste momento, em 2015, e com as dificuldades econômicas enfrentadas no país, o grupo construiu uma rede de contatos com outros migrantes, e tentaram buscar seu sustento e o de sua família em outras regiões do Brasil e no exterior, como no Chile, Estados Unidos e México. Negrita comentou que foi uma surpresa a decisão do grupo, mas que compreenderam a situação e suas prioridades:

Começaram a se dividir um pouco e assim... não nos avisaram nada, porque eles sabiam que nós éramos muito chorões... que nós íamos chorar muito, que a gente ia dizer para eles não irem né [risos], eles tiveram todo esse cuidado. [...] Nossa, foi estranho assim né, mas aí a gente entendeu que a prioridade deles... claro que a gente é muito questão de família... a prioridade deles era emprego, renda, era dinheiro para ajudar os seus familiares. Aceitamos né, tranquilo... não foi tão tranquilo porque choramos... mas assim né, aceitamos, entendemos e apoiamos eles (SOUZA, 2021).

Apesar de a experiência com o grupo ter sido relativamente breve, e ter feito parte de uma pauta com grandes desafios, foi uma oportunidade ímpar de aprendizado:

Então, assim, cada um deles é um leque, abre um leque de resistência, abre um leque de história, e aí falar essas histórias me emociona, porque a gente não acompanhou muita coisa deles, mas esse pouquinho né, que a gente aprendeu, que a gente cresceu, a gente viu que o ser humano tem conserto (SOUZA, 2021).

Ao ser questionada sobre como a sua religiosidade foi importante e atravessou toda essa experiência, fica claro que o acolhimento faz parte dos princípios fundamentais da religião e da sua liturgia: “a nossa religiosidade, e não desconstituindo nenhuma, e aquilo que eu falei: a mais discriminada, a que mais apanha né, a mais afetada nessa sociedade preconceituosa, ela acolhe a todos”. Negrita conta que na abertura de festas e atividades dedicadas aos orixás, há uma atenção especial às crianças, que recebem “doces, a doçura, o alimento, a canjica, as nossas tradições... porque elas são a continuidade dos nossos passos”. Depois, são acolhidos os idosos, pois são considerados “patrimônio material e imaterial”. De acordo com a nossa interlocutora, os idosos possuem o conhecimento e a sabedoria, carregam energia e ancestralidade: “se nós hoje estamos aqui, é porque eles chegaram primeiro”. Na sua religião, quando alguém chega ao Ilê<sup>9</sup> com o seu axó<sup>10</sup>, e é feita reverência a essa pessoa, não importa a sua cor, seja branca ou preta, ou se é mais nova ou mais velha, pois aquele gesto é feito em reverência à ancestralidade da pessoa. Se esta pessoa chegou até o Ilê, não chegou sozinha: trouxe junto toda a sua espiritualidade e ancestralidade. Ela é acompanhada por toda uma história, pessoas e energias que chegaram com ela até ali. Além do

---

<sup>9</sup> templo, terreiro.

<sup>10</sup> roupa tradicional das cerimônias religiosas.

acolhimento, Negrita ressalta a importância do amor e do respeito, que foram potencializados com a experiência de acolhimento (SOUZA, 2021).

A história de Mãe Negrita da Oyá com o grupo de haitianos acolhidos em sua casa é rica em detalhes, aprendizado e troca de vivências. Foi uma experiência única na sua vida e na vida de sua família. Perguntada sobre um aprendizado desta história que gostaria de destacar, compartilhou:

Então assim, um convite para que as pessoas olhem para o outro na sua totalidade, e não assim: “ah, esse aí é um haitiano, venezuelano, alguém que chegou aí, tá fazendo tal coisa” e ponto. Não, é alguém que chegou acompanhado da sua ancestralidade, da sua memória, da sua cultura, da sua história, e que merece respeito, tanto quanto eu. E se ele tem a pele diferente, se ele tem a cultura diferente, religiosidade diferente, que isso não seja um divisor de águas, alguma coisa para afastar, e sim que tenha algum ponto de aproximação. Eu acho que é isso, assim, que a gente possa olhar para o outro né, empoderado nessas questões e dizendo: “o que eu encontro nele que eu posso dialogar?”, ou se eu não posso dialogar, que a língua não nos aproxima, “tem algo ali que vai nos deixar mais fortes”, né. E o que nos fortaleceu, eu continuo insistindo, é o sorriso deles, o exemplo de não terem nada e de terem tudo. Então eu acho que é isso o que fica (SOUZA, 2021).

Esta seção do capítulo teve como objetivo trazer um panorama da sua trajetória e da história do acolhimento; outros detalhes serão abordados de forma pertinente ao longo do trabalho. Assim, fica o convite para conhecer a história na íntegra, com todos os detalhes, na transcrição da entrevista, presente como apêndice deste trabalho.

### 3.3 DESAFIOS E PERCEPÇÕES: DOCUMENTAÇÃO, O PAPEL DO ESTADO, INTERNET E A ATUAÇÃO NA ESFERA PÚBLICA

O primeiro capítulo deste trabalho, em sua segunda seção, apresentou algumas características do processo de migração contemporânea no Brasil. Abordou e trouxe alguns dados sobre a chegada ao país, trabalho, documentos e acesso a serviços, como saúde e educação. Agora, nesta seção, busca-se dar continuidade ao tema através da percepção e da experiência de nossos interlocutores. São suas falas e os pontos que destacaram que conduzem essa seção e também a subsequente, como fios condutores principais.

Um dos principais problemas enfrentados pelos migrantes, no Brasil, é a questão da documentação. No Rio Grande do Sul, de acordo com a pesquisa do

IPEA, 81% dos imigrantes tinham documentação. Destes, cerca de 33,6% conseguiram a sua documentação em menos de um mês, 24,9% levaram de 1 a 6 meses, enquanto 41,5% levaram mais de um ano para regularizar a sua situação — com destaque para 16,6% que passaram por um processo de 4 a 5 anos de espera. A demora na regularização de documentos pode colocar o migrante em situação de vulnerabilidade, pois pode impedi-lo de acessar o mercado de trabalho formal ou tirá-lo dele (IPEA, 2015). Sobre esta questão, padre James-son foi bastante contundente: as instituições de Estado não cumprem seu papel de forma adequada e ainda comenta sobre a burocracia no sistema da Polícia Federal:

[...] estamos ajudando o primeiro passo da parte da documentação, preenchendo os documentos no sistema também, que é um sistema bem... não é qualquer um, se você não tem prática no sistema você pode chegar lá e você está perdido, fica perdido porque não dá. Imagina um migrante que não tem computador, que não tem internet, você dá um site para fazer a documentação, não dá... (MERCURE, 2021).

Ainda é pertinente salientar a estrutura destinada a estes serviços. Porto Alegre, por ser a capital do Estado, possui maior concentração de órgãos e serviços públicos. Já a maioria das cidades do interior não possuem o mesmo acesso à estrutura governamental da capital e das principais cidades. Assim, o migrante precisa se deslocar até outras cidades, fazendo longas viagens:

Para fazer a renovação dos seus documentos, tem que sair da cidade onde eles estão, tem que viajar, tem que pegar um ônibus, mais duas, três horas de ônibus para poder ir na Polícia Federal. Chegando na Polícia Federal, então, às vezes dependendo da pessoa que ele encontra lá, diz “você entra no site, faz isso e pega o agendamento”. O migrante nem sabe, nem tem o computador, como vai fazer? Muita burocracia no sistema da Polícia Federal, aqui no Brasil. Por isso eles estão sempre dependendo da sociedade civil [...] (MERCURE, 2021).

Cada vez mais o uso de internet e a prestação de serviços online se fazem presentes na nossa vida, principalmente em um momento de pandemia e distanciamento social. Entretanto, conforme o relato do padre James-son, o acesso à internet e computadores é limitado por parte dos migrantes, aumentando a dependência de atores não-estatais. Nesse sentido, vê-se a importância dos recursos e serviços disponibilizados pelo CIBAI para o auxílio ao migrante no preenchimento de documentos e cadastro para agendamento de atendimento no sistema da Polícia Federal:

Às vezes o site não permite o agendamento, não tem agendamento para ir lá, entendeu? Então, pelo menos o mínimo eles deveriam fazer, porque já tem coisas que eles nem precisam fazer. Imagina se o migrante não tivesse nenhuma ajuda, quem ia fazer isso? A Polícia Federal, entendeu? Mas mesmo assim, não responde [...] olha, se o que corresponde, o que compete a eles, não estão fazendo certinho... (MERCURE, 2021).

Por outro lado, analisando a história de acolhimento narrada por Negrita, as idas à rodoviária para encaminhamento e auxílio aos migrantes que chegavam, o diálogo construído com o Sindicato da Construção Civil, para a contratação dos nove haitianos, se deram dentro do contexto da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do Estado, assim como a formação da “rede de acolhimento” — envolvendo estado, prefeitura e entidades civis e religiosas. Negrita salienta, ao longo do seu relato, a importância da articulação entre os diversos setores da sociedade e o papel do estado<sup>11</sup>:

[...] porque o estado, eu acho que cumpriu seu papel no momento que disponibilizou estrutura né, de acolhimento e espaço físico, e fez uma rede com a prefeitura. Porque eu no estado fazia isso [...] mas eu não fazia isso sozinha. Eu só consegui trazer uma caminhonete do estado para minha casa, para ficar à disposição às quatro, às cinco, seis horas da manhã, porque o estado tinha me autorizado, a minha chefia imediata né, toda a Secretaria... então assim, ali eu representava o estado. Eu só acessei o alojamento da Brigada porque a Eliene foi construindo né, com o governador do estado, conseguiu espaço para eles, o melhor espaço em segurança, onde é? Dentro da segurança. Então, o estado. Eu só ia acionando a rede da prefeitura e outros, CIBAI, UFRGS e outros, porque o estado construiu a rede através da Secretaria. Então assim, não é eu, né? Eu, enquanto estive no estado, ajudei a mobilizar, estive à frente dessa política, com essa estrutura. Eu acho, eu acredito que o Estado poderia ter feito mais sim, sempre a gente, na nossa vida, vai querer fazer mais, sempre precisa mais, mas assim, cumpriu... naquele tempo, com o que podia né, fez tudo o que podia com o que tinha. Então assim, fez a obrigação dele enquanto estado? Fez. Sempre vai faltar mais para as pessoas né, mas fez e fez assim, com cuidado, com ética, com respeito (SOUZA, 2021).

Além disso, há no estado do RS, a presença de espaços para debater migração, para propor iniciativas e para monitorar ações institucionais, como o COMIRAT/RS e o FPMH — dos quais, por exemplo, o padre James-son e o CIBAI, como instituição, fazem parte — vistos como pontos positivos pelo IPEA (2015) para a articulação de instituições e enfrentamento da questão da migratória. Entretanto, a maior parte das políticas para migração são, na percepção de Negrita, políticas de governo:

---

<sup>11</sup> Aqui, Negrita refere-se ao estado como o ente federado, ao estado do RS.

Devia ser uma política realmente de Estado e não de governo, não de gestão... nós não temos ainda uma política de Estado, infelizmente nós temos uma política de governo. Cada um chega e não importa a pauta, “essa é minha prioridade” e o que tá construído, que começou, tira fora. Quer dizer né, nesse tira fora, ou para, ou desconstitui, estão ali os sujeitos né, sujeitos de Direito... de direitos violados. Eu já digo que é violação mesmo de direitos humanos (SOUZA, 2021).

No Brasil, existem diversos amparos jurídicos que permitem a vinda e permanência de migrantes no país, mas o auxílio e a prestação de serviços a esta população ainda é um processo complexo. Havendo uma política de Estado bem definida, aplicada e articulada entre os três níveis da Administração Pública, buscando a observância dos princípios fundamentais por parte dos órgãos públicos que atuam diretamente no auxílio aos migrantes, a sociedade civil — e aqui ressaltando, não apenas os atores religiosos, foco do trabalho, mas ONGs, universidades, associações, entre outros — poderia se dedicar a atividades de auxílio mais específicas, mais “humanas”:

Poderia ajudar eles na inserção laboral, na integração na sociedade, algum curso, fazendo parceria com algumas universidades, alguma escola profissional, sabe? Poderia fazer um trabalho mais no sentido humano, ajudando sempre. Mas ajudando quem? Ajudando a prefeitura, ajudar os órgãos públicos que deveriam fazer essas coisas, porque se abrem espaço, se abrem a porta, é para entrar. Se vou para sua casa, você me abre sua porta, então chegando na sua casa você tem que ver como pode me auxiliar. Onde fica isso... onde fica a geladeira... tem que me orientar, entendeu? Estou na sua porta porque você abriu a porta (MERCURE, 2021).

Portanto, na ausência de políticas públicas efetivas para lidar com os migrantes, os atores religiosos, mais especificamente padre James-son e o CIBAI, atuam oferecendo serviços de auxílio à obtenção de documentos, distribuindo cestas básicas e prestando a assistência presencial, dentro das possibilidades da pandemia, utilizando seu espaço físico para a transformação social, conforme a teoria da mobilização de recursos de Sahliyeh (1990).

Como foi citado anteriormente, no atual contexto de pandemia, e com a popularização de serviços em formato virtual, a internet é uma ferramenta muito importante para a comunicação e para a realização de atividades profissionais e religiosas. Mãe Negrita comentou a importância da internet nesses tempos de distanciamento social:

Eu acho que a internet é o que está nos salvando né[...], porque realmente eu acho que essas redes [...] têm feito um serviço, ai nossa, fantástico. Muita coisa boa, muita criatividade, muita juventude, muita descoberta e muita socialização do conhecimento né, porque antes as pessoas tinham mas acho que ficavam muito para si, aquela coisa de só “eu vou vender”, “só vou fazer tal livro”, “vou fazer tal coisa” e agora não, parece que tá tudo muito aberto né... muito “pega, vai, pega” (SOUZA, 2021).

Além disso, Mãe Negrita comentou que, durante o atual momento, tem utilizado a internet para fazer o atendimento virtual, mas reconhece que muitos religiosos não estão conseguindo acessar seus filhos de santo, seus amigos e seus clientes por não dominar a tecnologia. O padre James-son também tem utilizado os canais virtuais para alcançar aqueles que precisam de uma atenção espiritual e contato com a religiosidade. Através do Facebook, suas Missas são transmitidas na página do CIBAI Migrações, permitindo que pessoas até de fora do estado consigam assistir a celebração (SOUZA, 2021; MERCURE, 2021). Portanto, o domínio da tecnologia, em maior ou menor grau, é muito importante para o acesso dos fiéis à espiritualidade e para a propagação dos valores por cada uma das religiosidades, evidenciando também a capacidade dos atores religiosos, e das religiões como um todo, de se adaptar, de adentrar espaços modernos e de utilizar novas tecnologias a seu favor (SAHLIYEH, 1990; SANTOS, 2014).

Por fim, é importante discutir a presença dos nossos atores religiosos, Mãe Negrita e Padre James-son, como importantes vozes no debate público e na defesa dos direitos daqueles indivíduos que Boaventura de Sousa Santos (2014), dentro das teologias pluralistas progressistas, caracteriza como “pobres”: afrodescendentes, indígenas, imigrantes e vítimas do capitalismo. Ao longo de sua jornada, Mãe Negrita tem forte atuação social dentro do movimento negro. A participação no IAFRA e a defesa de pautas políticas, sociais e pedagógicas relacionadas com a questão da negritude — que caminha junto com a religiosidade de matriz africana — permitiram que, ao integrar o governo do estado, Mãe Negrita pudesse levar ao espaço estatal e à esfera pública o combate ao preconceito e às injustiças sociais, além de debater diversidade, gênero e também religiosidade. Assim, foi uma oportunidade de compreender a religião como uma esfera de irradiação de imensa contribuição para a organização de redes, para mobilização social, e para a conscientização e envolvimento da esfera pública, respeitando sua autonomia. Da mesma forma, o protagonismo de Padre James-son — não apenas um religioso, mas também imigrante negro — nos espaços públicos de discussão,

como COMIRAT/RS e FPMH, permite uma perspectiva singular sobre a temática da migração, por conta de sua experiência pessoal e por ter uma visão teológica que, mesmo institucionalizada como scalabriniana, assim como Mãe Negrita, parte do Sul global, é moldada por essas necessidades e por essa força e energia.

Ao longo deste capítulo, buscou-se conhecer o perfil de interlocutores religiosos importantes ao debate e à história das migrações contemporâneas na cidade de Porto Alegre, Padre James-son Mercure, e Mãe Negrita da Oyá, apresentando brevemente suas trajetórias de vida e suas experiências com migração e com o processo de acolhimento de migrantes. Nesta seção do capítulo, foi realizada uma análise, a partir da percepção dos interlocutores, sobre temas como documentação de migrantes, atuação do Estado, utilização de meios virtuais e atuação na esfera pública dos atores religiosos, apresentando-os como representantes de teologias pluralistas progressistas. A partir da classificação de nossos interlocutores neste grupo de teologias políticas que, segundo Santos (2014), seria o grupo com maior potencial de produzir alternativas contra-hegemônicas de dignidade humana, e o mais aberto ao debate ecumênico e à interculturalidade, a próxima seção busca, com a ajuda da perspectiva de James-son e Negrita, compreender a integração dos migrantes na sociedade e a religião não somente como manifestação cultural, mas também como campo de luta e mobilização por direitos humanos e de educação para as relações interculturais. Essa foi uma das constatações mais importantes da pesquisa empírica realizada.

#### 3.4 PARA ALÉM DO ACOLHIMENTO: A EXPRESSÃO RELIGIOSA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL, SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E VIA DE INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA

Como foi visto nas seções anteriores, o migrante apresenta diversas dificuldades ao longo do seu estabelecimento no país, começando com o acolhimento, passando pelo acesso a serviços básicos, como saúde, educação e trabalho. Estas questões são de suma importância para a integração do migrante na sociedade acolhedora. Existem outros fatores que podem dificultar a integração social: quando o migrante chega em um novo país, ele pode se deparar com diversas diferenças, como novos valores e costumes, idiomas e religiões. Portanto, o processo de integração do migrante na sociedade passa por questões de ordens

variadas: questões econômicas, sociais, políticas, religiosas, culturais, de habitação, etc (FONTES, 2010). Boaventura de Sousa Santos chama essas questões de zonas de contato:

Zonas de contato são, portanto, zonas em que ideias, conhecimentos, formas de poder, universos simbólicos, e modos de agir rivais se encontram em condições desiguais e interação de múltiplas formas (resistência, rejeição, assimilação, imitação, tradução, subversão, etc) de modo a dar origem a constelações culturais híbridas, nas quais a desigualdade das trocas pode ser reforçada ou reduzida (SANTOS, 2014, p.81).

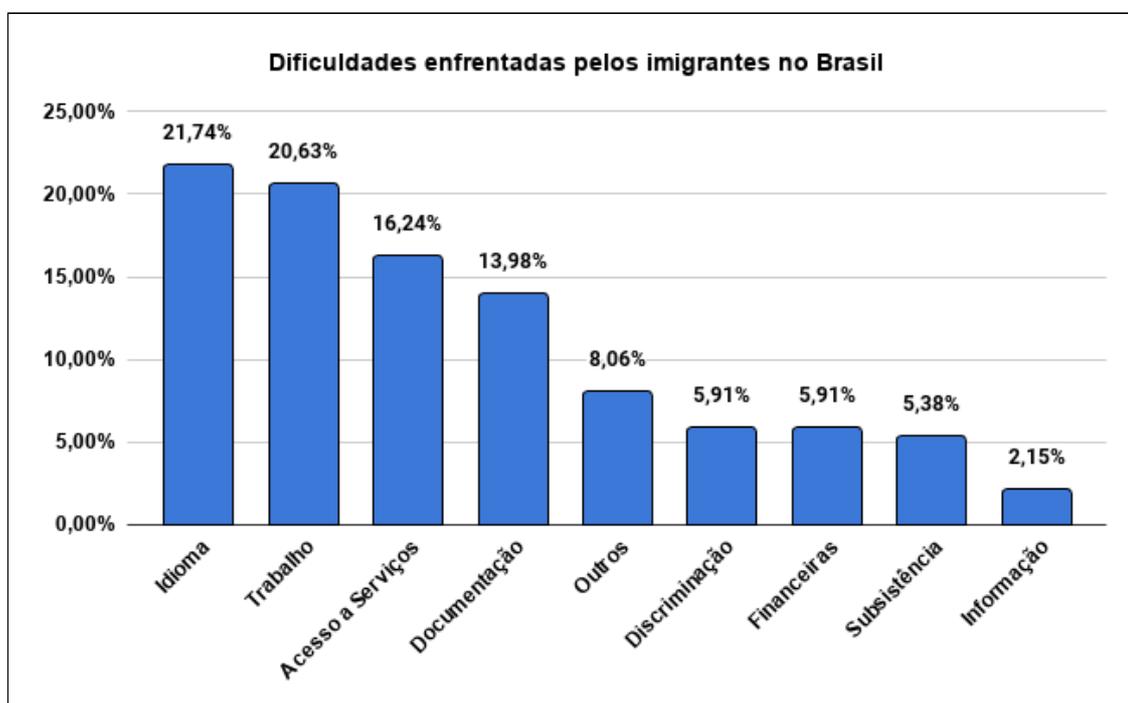
Para o autor, ainda, as trocas desiguais não se limitam àquelas impostas pelo colonialismo e suas consequências, apesar de ainda exercer grande influência em um mundo dito pós-colonial.

Neste sentido, enquanto que, para Santos (2014), o contato entre duas culturas, nas diferentes zonas, se dá de múltiplas formas, para Fontes (2010), a integração social dos migrantes pode se realizar através de dois modelos: acomodação e assimilação. No primeiro caso, a integração ocorre em um sentido de co-habitação, permitindo que as duas culturas — do país de origem e do país de acolhimento — estejam presentes na mesma sociedade. Neste modelo, faz-se presente a tolerância da sociedade acolhedora em reconhecer a necessidade do migrante manter relações com a sua origem. No caso da assimilação, o migrante precisa se integrar à sociedade, adotando a cultura e os costumes locais. Conforme Jackson (1991, apud FONTES, 2010), em um exemplo dos Estados Unidos, para o migrante concorrer à cidadania estadunidense, é necessário realizar uma “prova de cidadania”, que consiste em responder algumas perguntas cívicas e sobre a história do país, além de conhecer um mínimo da língua e dos costumes nacionais.

Assim, o modelo de assimilação de Fontes (2010) é visto como uma “imposição cultural” sobre o migrante, enquanto o modelo de acomodação permite a manutenção dos principais elementos culturais de origem, além de permitir a troca de valores entre o migrante e a sociedade acolhedora. Entretanto, Santos (2014) esclarece que todos os povos que entraram em contato com as concepções ocidentais de modernidade fizeram-no em condições forçadas e de subalternidade. Assim, tiveram de abandonar seus valores e concepções ou receberam os novos princípios de forma mais ou menos voluntária, conforme o período e a intensidade da violência de imposição, alternando entre guerra e conversão, entre pilhagem e

comércio, e entre o assimilacionismo e multiculturalismo. O processo de integração social, portanto, é complexo, e deve envolver todos os atores da sociedade: governos, comunidade, instituições de auxílio, e os próprios migrantes. É um esforço que envolve a participação ativa dos nacionais e dos migrantes.

Um dos principais desafios que o imigrante e o refugiado encontram ao chegar no país é a limitação da comunicação causada pela diferença de idiomas. Em pesquisa realizada no ano de 2015 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Ministério da Justiça, a maior dificuldade para os migrantes era o idioma (21,74%), à frente de trabalho (20,63%) e acesso a serviços (16,24%)(IPEA, 2015).



**Gráfico 2 - Dificuldades enfrentadas pelos imigrantes no Brasil.**  
Fonte: IPEA, 2015, p.138.

Ao realizar uma pesquisa sobre integração com senegaleses na região norte do Rio Grande do Sul, Tedesco e Grzybovski (2011) relatam a grande dificuldade de integração dos imigrantes com a sociedade local devido ao idioma. Na ocasião, parte da pesquisa seria realizada através de questionário, e poucas fichas de perguntas foram respondidas, já que poucos sabiam ler em português. Segundo um representante do grupo, seus conterrâneos tinham receio de responder a pesquisa equivocadamente, assim, preferiram não fazê-la. Ainda na mesma pesquisa, os

autores notaram que, nos períodos em que não estavam trabalhando, os senegaleses apenas conversavam entre si, assistiam televisão, escutavam música ou ligavam para amigos e parentes no Senegal. Não parecia haver espaço e oportunidade para lazer coletivo, para comunicação e integração com a sociedade de acolhida.

Sendo o idioma importante para a integração da população migrante na sociedade acolhedora, e um determinante para a comunicação com outras pessoas, infere-se que este fator atravessa muitas situações do cotidiano. Por este motivo, Zamberlam et al. (2014) vê como de suma importância preparar os adultos que chegam ao país sem falar a língua, mas também capacitar os professores no Brasil para atender as crianças que imigram com seus pais. Como já foi exposto em capítulos anteriores, a falta de comunicação pode atrapalhar o atendimento médico recebido pelos migrantes, tanto para a realização do diagnóstico por parte do médico, como para o entendimento do tratamento por parte do paciente. Ademais, o idioma pode ser um impeditivo nas relações de trabalho, como vislumbramos na narrativa da pedagoga haitiana Rebecca Bernard:

Quando entrei no Brasil, em Janeiro de 2013, tudo parecia estranho ao meu redor: o idioma, a cultura, a comida, etc. No lugar de trabalho, só o patrão podia comunicar-se comigo, porque só ele entendia o idioma espanhol. A interação no ambiente do trabalho não era favorável, os colegas não conseguiam entender o que eu dizia, porque não falam nenhuma das línguas que eu falo e tampouco espanhol. Os primeiros meses foram mais difíceis no processo de adaptação. Devido às muitas orações, à convivência com os brasileiros e a muitas leituras, comecei a entender e a ouvir as conversações. Muitas vezes, me sentia constrangida por não poder expressar os meus sentimentos e minhas necessidades (BERNARD, 2020, p.38-39).

Por este motivo, segundo o padre James-son, o ensino do idioma português é uma das prioridades do CIBAI no auxílio aos migrantes. Na sua percepção, a documentação e o idioma são os principais quesitos para o migrante integrar-se na sociedade. Como já discutimos nos capítulos anteriores, a documentação é importante para ter acesso ao mercado de trabalho formal. Já o idioma é fundamental para conquistar melhores vagas de emprego e salários mais altos:

[...]o idioma é importante porque... sem o idioma, até sem o idioma, a pessoa falando o básico pode conseguir um trabalho né, para receber um salário mínimo. Mas mesmo assim tem que procurar, tem que fazer esforço para falar bem a língua se o migrante quer se promover dentro do trabalho.

Se não quer ficar só [...] no básico, no salário mínimo então tem que se esforçar nesse sentido. Então é por isso que aqui no CIBAI, nosso foco também é muito sobre essa questão do idioma e da inserção laboral (MERCURE, 2021).

Assim, o CIBAI oferece, todos os anos, cursos de língua portuguesa para os migrantes, para sua integração na sociedade e no mercado de trabalho. Padre James-son reconhece que, durante a pandemia, a ausência do curso presencial e a substituição por aulas virtuais reduziu sensivelmente o número de alunos, principalmente daqueles em situação mais vulnerável, devido à dificuldade de acesso à internet e computadores. Muitos possuem celular com internet, mas com pacotes de dados apenas para troca de mensagens no Whatsapp ou Facebook, não sendo suficiente para acompanhar aulas online. Por outro lado, o modo virtual permitiu que muitos migrantes que possuem acesso à internet de qualidade, mas que moram principalmente em cidades do interior do Rio Grande do Sul, pudessem participar do curso online (MERCURE, 2021).

Outra iniciativa do CIBAI é o ensino de créole para os seus voluntários. Como um dos professores do curso, Padre James-son explica a importância, mesmo sendo um conhecimento básico, do créole no acolhimento dos migrantes. Muitos dos voluntários que lá trabalham falam o francês. Começar o diálogo ou uma frase utilizando uma palavra na língua francesa, como um *bonsoir*, *bonjour*, já ajuda a deixar o migrante — haitiano ou senegales, por exemplo — mais confortável e feliz, segundo ele. Aqui, ele usa o paralelo de algum brasileiro chegando a um país onde se fala apenas inglês, e ser um conforto escutar pelo menos uma pessoa falando o português. Portanto, esta é a importância do curso de créole:

é um jeito de adquirir confiança da parte do outro que fala crioulo e que não fala bem português. Então o fato de perceber que você está fazendo esforço para falar sua língua, crioulo, que você não está nem no Haiti, então isso vai motivar ele também... a pessoa, para falar português, entendeu? Isso é uma dinâmica, é [...] uma forma de integração também (MERCURE, 2021).

**Oficinas online de crioulo haitiano**

Aos sábados, dias 24/04, 01/05, 08/05, 15/05, 22/05, das 15h às 16h30

Link para inscrição e informações  
<https://forms.gle/2bTd2W4j58X6f1sJA>

**Feda Pierre**

**James-son Mercure**

**CIBAI**  
MIGRAÇÕES

**Figura 9 - Informativo sobre as oficinas online de crioulo haitiano.  
 Fonte: CIBAI Migrações**

A experiência de Mãe Negrita com o acolhimento e com o grupo de haitianos também nos traz algumas reflexões sobre a relação entre idioma e integração. A primeira questão, que já abordamos anteriormente, é o fato de, na chegada, a maioria dos migrantes que aportaram na rodoviária de Porto Alegre não ter a intenção de ficar no estado, pois queriam encontrar seus contatos em outros lugares, como Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A falta ou dificuldade de comunicação fez com que chegassem até o Rio Grande do Sul. A segunda questão, já falando do grupo acolhido em sua casa, trata das aulas e conversas em inúmeros idiomas mobilizadas por Negrita e Adílio e pelos imigrantes haitianos acolhidos. Quando algum dos migrantes tinha dúvida sobre o nome de algum objeto dentro da casa, os dois “professores” colavam um papelzinho no objeto em questão com seu nome em português, e os demais acrescentavam nas demais línguas que falavam:

“Que que é isso aqui, madre?”, “é a geladeira”, aí colocaram geladeira em inglês e eles colocavam em crioulo, em francês, em espanhol, meu esposo colocava em guarani, em português, então você imagina, colocava o papel

ali, e eles ficavam a maioria ali lendo, acho que era uma aula para eles né, para nós também (SOUZA, 2021).

Além disso, Mãe Negrita afirma que, movimentando a rede de acolhimento, conseguiu com que eles fizessem curso de português e com que alguns, para ter uma renda extra, pudessem dar aulas de francês para estudantes de vestibular ou que quisessem aprender a língua. Ademais, nossa interlocutora comentou que, por ser um grupo muito unido e trabalharem juntos, seus acolhidos se ajudavam muito, e conseguiam se manter integrados, mas relembra que o caso deles é uma exceção, e muito migrantes sofriam com o impedimento do idioma:

E eu acho que eles não enfrentaram tantas barreiras em relação ao idioma porque eles andavam sempre muito juntos, então sempre tinha no grupo um que falava melhor o espanhol... nem todos falavam espanhol, nem todos falavam francês e nem todos falavam inglês, e todos nem quase falavam português. [risos] **Mas todos falavam créole**. Então a língua deles né, nativa, eu acho que foi a resistência, porque sempre tinha alguém que falava com alguém, e pegava a palavra, o contexto e traduzia para os outros. E aí outros: “Ah, ok, tudo bem”. Então assim né, essa exceção de grupo, de idiomas, manteve eles nessa rede de integrados, mais integrados do que muitos que a gente soube de casos, que foi o caso deles no início, não sabiam onde estavam né. Porto Alegre, Santa Catarina ou Curitiba... e tudo é Sul (SOUZA, 2021, grifo nosso).

Assim, não é surpresa perceber porque o idioma é o principal problema enfrentado por migrantes no Brasil e que, de acordo com a pesquisa IPEA, os problemas seguintes são o trabalho e acesso a serviços, respectivamente, reforçando a ideia de que o processo de integração passa por diversos âmbitos da vida e do cotidiano e que, até certo ponto e apesar de suas especificidades, todos os desafios estão interligados:

A língua permite contatos, encontros, maior visibilidade e entendimento do outro. Se não há isso, preconceitos e estranhamentos são evidenciados e produzem distanciamentos. Não há dúvida de que a correlação entre língua e cultura, por exemplo, torna-se cada vez mais fundamental. A língua é um dos aspectos elementares desse processo; um dos primeiros obstáculos que um imigrante enfrenta quando se transfere para outro país; envolve o problema da comunicação, visão de mundo, historicidade, cultura de origem e seus símbolos cotidianos (hábitos). As formas de expressão linguísticas refletem e fornecem o acesso à cultura e, muitas vezes, constituem um modelo de cultura. A língua é um mediador cultural e define a competência comunicativa tanto para o estrangeiro quanto para o autóctone (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 346).

Conforme a afirmação de Tedesco & Grzybovski (2011), as barreiras na comunicação podem comprometer o entendimento do outro, evidenciando preconceitos e estranhamentos, como a xenofobia. Além disso, tratando especificamente do Brasil, ainda há o racismo estrutural presente na nossa sociedade. Em pesquisa com os migrantes, Zamberlam et al. (2014) constatou que havia, por parte da população e dos meios de comunicação, o uso de termos racistas e xenofóbicos, dando caráter de delinquência aos migrantes. Nesse mesmo sentido, Mãe Negrita comenta que, apesar de não receber reclamação de seus acolhidos, notava o preconceito pelo qual passavam:

Quando a gente saía com eles, né, como que a sociedade nos olhava e os olhavam, né, porque a gente chegava num posto de gasolina, nos primeiros dias com eles, eu ia num carro e o meu esposo no outro carro, e aí tinha algum lugar, a gente chegava no posto e as pessoas segurando bolsa e se olhando, tipo, como se fossem ser assaltadas, sei lá, saqueadas, e eu tinha que dizer: “não, calma gente, eles são haitianos... estão no Brasil”. Então eu me colocava à frente assim, e eles: “para quê isso, madre?”... “não, filho, a gente precisa avisar as pessoas, porque aqui tem muita violência”, e eles ficavam olhando. Então, assim, eles tinham um estranhamento na questão do racismo, porque eles acham... que eu acredito e eu tenho quase 100% isso comigo, que eu sofro muito mais racismo por ser mulher negra, periferia, religiosa, do que eles por serem haitianos. Não que não sofressem, mas assim, eu sofro racismo diuturnamente, em todos os lugares da sociedade, desde a tendinha do armazém, dos vizinhos, do mercado, do centro, das lojas, das universidades... eu sofro, eu sofro o racismo diuturno, e eles não se atentaram... eu não sei se eles não quiseram ver, porque também era mais uma dor e falar disso também é dolorido(SOUZA, 2021).

Além do relato de preconceitos sofridos diuturnamente, em diversas esferas da vida, nas quais atua ativamente para combatê-los, Mãe Negrita traz uma perspectiva alternativa sobre a percepção do grupo: eles não falavam sobre o preconceito, ou evitavam tratar desse problema, pois seria mais uma dor, seria mais um tema doloroso a ser debatido, a ser discutido.

Analisando os dados da pesquisa do IPEA (2015), quando era perguntado à sociedade civil e às instituições públicas se os migrantes enfrentavam dificuldades mais graves em relação à população em geral — o que poderia denotar discriminação ou vulnerabilidade específica — a resposta foi afirmativa em 87% e 61% dos casos, respectivamente. Quando se perguntava aos migrantes se estes se sentiam discriminados na obtenção e acesso a serviços públicos, apenas 26% responderam afirmativamente. Além disso, quando perguntados se haviam sofrido violações de direitos humanos, apenas 18% responderam positivamente. Deste

percentual, apenas 28% acreditava ter sofrido violações de direitos humanos por ser imigrante. Portanto, a perspectiva alternativa trazida por Mãe Negrita e os dados do IPEA quanto à baixa percepção sobre a discriminação e baixos relatos de violação de direitos humanos por parte dos migrantes são pontos que necessitam de estudos mais aprofundados, mas já permitem uma reflexão inicial, de que muitos podem esconder suas dores para continuar sobrevivendo na sociedade acolhedora. Apesar de toda essa situação, Mãe Negrita lembra que, apesar de explicar para o grupo os problemas da sociedade, o racismo, a relação entre polícia e periferia, tentava tornar o ambiente mais leve, e lembrava da importância do período que eles ficaram no alojamento da Brigada Militar:

[...] e dentro do alojamento da Brigada... conversavam lá com os brigadianos, saíam, voltavam... estabeleceram relações de confiança, de segurança, que às vezes a nossa comunidade não consegue estabelecer porque está na linha de tiro, na linha de frente, eu acho que foi muito bom, foi muito significativo (SOUZA, 2021).

Quando perguntado sobre a sua percepção acerca de xenofobia e de racismo, padre James-son explica que, assim como outros imigrantes — sejam do Haiti ou de países africanos, como o Senegal — quando em sua terra natal, conhecia as questões do racismo, mas não havia sofrido na pele, já que quase a totalidade da população haitiana é composta por pessoas negras. Aqui no Brasil, por outro lado, “tem pessoas que até me olham diferente”, conta ele, mas tenta “não dar bola”, e justifica dizendo que a sua formação religiosa ajuda a superar tais problemas. Entretanto,

[...] os migrantes muitas vezes, muitos deles, não têm essa formação. Às vezes se percebe uma certa resistência, um certo medo deles, sobretudo os senegaleses, muitos deles não querem trabalhar com carteira assinada, não querem trabalhar com uma empresa porque sofrem racismo, então preferem vender na rua, preferem ter um trabalho autônomo assim para ganhar sua vida; pela mesma questão muitos sofrem preconceito, racismo e outros às vezes também pela falta de formação, e outros não sabem nem ler, nem escrever, né. Então imagina a cor, você é negra, [...] e você não sabe ler nem escrever. Então imagina né... e você se sente inferior, e os outros também muitas vezes te fazem ver como inferior, entendeu? (MERCURE, 2021).

Padre James-son condena e combate o racismo e o preconceito, os quais chama de “pura ignorância”. Relata que até na Bíblia é possível encontrar este preconceito contra Jesus<sup>12</sup>:

“Quando Jesus estava pregando, começando a sua missão, os saduceus, os doutores da Lei, conversavam perguntando: “o filho de José, onde nasceu? Quem é a sua família?” Então, tudo isso dentro da Bíblia, a gente percebe esse preconceito, né?” (MERCURE, 2021).

Apesar de ver na sua formação como religioso uma forma de tentar superar esta ignorância, James-son relatou um caso em que, cumprindo suas funções religiosas, sofreu preconceito. Em certa ocasião, uma senhora foi até a igreja para marcar o batizado de uma criança de sua família. Inicialmente, tratou dos detalhes com um dos padres brasileiros que fazem parte da Missão Pompéia. Entretanto, na data marcada para o evento, o padre brasileiro não estava em Porto Alegre, e deixou o padre James-son responsável por celebrar o batizado. Na data marcada, a senhora chegou até a igreja com os demais familiares, e quando soube que padre James-son seria o responsável pelo batizado, “a cara dela mudou completamente”, como se não tivesse gostado da notícia, mas também por quem o padre James-son era. A família, logo em seguida, disse que a tal senhora “não estava bem da cabeça”. Padre James-son comenta: “Ah, eu senti... óbvio. Mas eu sempre falo, isso aí é pura ignorância. Pura ignorância, uma pessoa que faz preconceito é porque a pessoa não conhece, não valoriza diferença”. Depois disso, ainda completa que, se ele na condição de religioso em uma igreja passa por este tipo de situação, imagine o que podem passar migrantes trabalhando em uma empresa ou trabalhando como doméstica (MERCURE, 2021).

Um ponto em comum na fala dos nossos dois interlocutores é a existência, na nossa sociedade, da ideia do migrante como aquele que rouba empregos dos nacionais. Como já foi comentado neste trabalho, a vida do migrante na sociedade depende da obtenção de uma renda e de um trabalho, seja para seu sustento aqui, seja para enviar o dinheiro a sua família no país de origem. Portanto, a questão econômica é, sim, muito importante. Porém, ela é apenas uma componente dentro de todas as necessidades, objetivos e potencialidades do migrante. Mãe Negrita

---

<sup>12</sup> As teologias pluralistas progressistas cristãs debatem muito sobre o “movimento sociológico” de Jesus, ou seja, a ideia de que a religião “sempre foi uma fonte de inspiração para os grupos sociais e movimentos que lutaram contra a injustiça e a opressão ao longo da história” (SANTOS, 2014).

relata os diversos questionamentos feitos a ela e a Adílio sobre o acolhimento dos nove haitianos em sua casa:

Muita gente nos criticou, dizendo que eles estavam tirando trabalho dos brasileiros e eu disse: “gente, muitas vezes eles estão fazendo aquilo que vocês não querem fazer, que não se submetem, ou que acham que não conseguem, ou não querem mesmo... então deixa eles trabalharem, fazer a parte deles. Não critiquem, vocês não sabem as condições deles, o que eles precisam fazer para sustentar as famílias deles, lá” (SOUZA, 2021).

Padre James-son complementa, lembrando que o migrante é muito mais do que a “razão econômica”:

[...] algumas pessoas pensam que o migrante que sai de seu país para buscar uma vida melhor por causa... por razão econômica... então estão vindo para tirar o seu trabalho, né. Sempre pensam desse lado, o lado econômico, mas não pensam o lado cultural, o lado social e dessa parte que o migrante é um ser humano, o migrante é uma pessoa de cultura, um migrante já tem muitas coisas, tem uma gastronomia diferente, então tem muita potencialidade, muita potência, muita riqueza, bagagem para poder oferecer ao país, mas infelizmente sempre vê o lado econômico (MERCURE, 2021).

Aqui, o conceito de lógicas monoculturais ocidentais, apresentado por Boaventura de Sousa Santos, pode oferecer entendimentos valiosos. Segundo esse conceito, a imposição de um modelo cultural ocidental, baseado em um projeto de dominação política ou econômica, cria categorias de culturas e saberes que são desqualificados, considerados “ignorantes, inferiores, particulares, exóticos, perigosos, residuais ou improdutivos” (Santos, 2014). Então, quando os diversos aspectos de uma cultura que chega encontra a cultura estabelecida nas zonas de contato, há o estranhamento, o preconceito e a rejeição do diferente. É necessário ressaltar, como bem lembra Padre James-son, que esse estranhamento também acontece por parte do migrante, há um “choque de cultura”:

Então, no primeiro momento pode ver um choque cultural, dependendo da pessoa, porque não todo mundo tem uma preparação para sair do seu país, são obrigados né, vai sair de seu próprio país, e isso requer uma certa formação, uma certa preparação para não entrar na depressão, para não... sabe? Porque tudo isso é um pouco complicado, mas eu sempre digo... chegando, eu tenho outra cultura, você tem outra cultura, então chegando aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, o migrante só precisa de um espaço, só precisa ser bem acolhido para poder mostrar sua potencialidade cultural (MERCURE, 2021).

Padre James-son comenta ainda que, na sua atividade, entra em contato com diversas culturas diferentes. No Brasil, existem diversos tipos de migração e migrantes de lugares diferentes: venezuelanos, haitianos, senegaleses, moçambicanos, angolanos, nigerianos, dominicanos, bengalis, entre outros. É necessário, portanto, na sua visão, criar espaços que permitam aos migrantes “apresentar seus projetos, apresentar cultura, sua gastronomia, comida diferente, sabor diferente para o país, né? Os europeus fazem, os asiáticos fazem, então por que os novos migrantes não podem fazer?” (MERCURE, 2021). Além disso, padre James-son lembra que, além do espaço para sua manifestação cultural, é necessário que o migrante também esteja disposto a tal projeto. Neste sentido, ele exprime a vontade de reunir os haitianos e apresentar as potencialidades e belezas de sua cultura para os gaúchos, mas muitos se fecham. Tal fato ocorre com seus conterrâneos, devido a um processo que, na percepção do padre James-son, é de “diabolização” da cultura haitiana, alimentado por supostos pastores de algumas denominações cristãs.

Ao chegar ao Brasil, alguns haitianos, por saber ler e ter maiores habilidades de comunicação, denominam-se “pastores” e começam um processo de desqualificar a cultura de seu país, relacionando-a com o Diabo. Então, como bem lembra Padre James-son, a religião pode ter influências positivas sobre a cultura e o acolhimento, mas também pode influenciar negativamente, e neste caso por levar a pensar que “essa vida já não adianta, pensando na vida além dessa vida, e que realmente... ninguém sabe, sabe?” (MERCURE, 2021). Sobre este tipo de teologia fundamentalista cristã, que desqualifica e diaboliza a cultura e a tradição, Santos (2014, p.93) salienta que “[...] não é possível imaginar um passado não ocidental incontaminado por fatores que conduziram ao presente predicamento. O seu medo do futuro transmutou-se em um mal-estar radical [...] perante a intolerável repetição do presente, [...] recorre à repetição radical do presente como única substituição possível do futuro”.

A cultura haitiana, tão diabolizada por alguns segmentos religiosos, tem suas raízes no vodou haitiano, culto às divindades conhecidas como loa<sup>13</sup>: os espíritos ancestrais ou santos. Os fiéis do vodou, ou *sevité*, podem utilizar imagens de santos católicos ao cultuar os loas: St. George (São Jorge) é *Ogou Badagris*, St. Pierre

---

<sup>13</sup> em crioulo haitiano, *lwa*. Ainda podem ser utilizados sinônimos como *sen* (santo) ou, no plural, *sen yo*, *zanj* (anjo) ou *djab* (diabo), *mistè* (mistério) e *sprit* (espírito) (BAPTISTA, 2012).

(São Pedro) é *Papa Legba*, Nossa Senhora de Czetochowa é *Ezili Dantò*, e Nossa Senhora das Dores é *Ezili Freda*, por exemplo. Ao olhar para a figura do santo, o fiel já o identifica com o loa correspondente. Alguns loas, entretanto, não possuem essa correspondência direta com os santos católicos; alguns podem realizar o bem, o mal ou ambos; dar conselhos, curar ou realizar desejos. José Renato de Carvalho Baptista (2012) explica que o fato de haver a relação entre os santos católicos e os loas do vodu vai além do sincretismo: enquanto o sincretismo pressupõe uma justaposição e uma relação simbiótica de elementos religiosos, a **creolização** — ou também *melanje* — representa uma reinvenção, um reordenamento de perspectivas religiosas. A partir das tradições africanas e dos elementos católicos, surge algo novo: o vodu, com suas dinâmicas e seus significados próprios.

O processo de invenção e transformação da religião no Haiti pode ser visto como um exemplo da construção das relações sociais não só do Caribe, mas do mundo pós-colonial. Baptista apresenta o conceito de “pessoas móveis”:

Inseridas em fluxos de relação que se projetam em escalas locais e transnacionais, as pessoas se movem por diferentes espaços e relações, permitindo inserções distintas fundadas essencialmente no contexto particular de cada interação e, ao mesmo tempo, que sugere uma fragmentação destes sujeitos (BAPTISTA, 2012, p. 30).

O autor traz esse conceito para explicar o fenômeno das *jénn ginen* — reuniões ou cultos realizados em “igrejas”, ou *legliz* — onde há a realização de preces aos santos católicos, dedicadas à Virgem Maria, além de ocorrer a manifestação dos loas através do processo de possessão de alguns dos frequentadores. Portanto, as *jénn ginen* adotam símbolos e elementos litúrgicos cristãos — não só católicos, mas também protestantes, como o momento do testemunho — e do vodu, compondo um “mosaico” (BAPTISTA, 2012).

É importante apresentar estas informações pois, quando padre James-son comentou sobre a diabolização da cultura haitiana pelos evangélicos, usei o termo “renegar” para me referir ao processo, e ele reforçou: é diabolizar. Note aqui que, no momento, eu usei os termos como sinônimos. Mas, ao analisar um exemplo apresentado por Baptista (2012) de sua pesquisa de campo para a tese de doutorado, ficou mais compreensível o uso incorreto de “renegar”. Em uma de suas viagens ao Haiti, ao pegar uma forte gripe, ficou aos cuidados de uma de suas anfitriãs, Madame Evans. Para curar sua gripe, a anfitriã fez um chá para baixar sua

febre e realizou um processo de *koule fey*, ou seja, “despejar folhas” sobre o seu corpo. Estas técnicas são muito utilizadas pelos *doktè fey*<sup>14</sup> e adeptos do vodu. Apesar de Madame Evans ser evangélica e ter rompido relações com sua família, tradicional no vodu, ainda utiliza-se de técnicas de cura diretamente ligadas à medicina tradicional haitiana e aos sacerdotes do vodu, ressignificando-as como uma “tradição familiar” para conciliar com sua forma de professar a fé. Ao falar sobre vodu, Madame Evans não nega a existência nem deixa de crer nos loa, apenas considera-os como ligados ao Diabo (BAPTISTA, 2012). Portanto, por um lado, fica mais fácil de compreender porque padre James-son não achou correto o termo “renegar” utilizado por mim. Por outro, mostra como as relações religiosas são complexas, se inventam e reinventam conforme as zonas de contato se apresentam, ressignificando símbolos e tradições, acompanhando os migrantes ao longo de sua viagem.

Como padre James-son relembra, o processo de independência do Haiti<sup>15</sup> teve em sua base o movimento vodu<sup>16</sup>; a dança e a música, por exemplo, são heranças desse movimento. Na sua perspectiva, as pessoas só lembram dos pontos negativos, que afirma existir, mas também existe o lado positivo da religião popular:

Tô falando como padre, mas também penso: tem coisas boas porque são seres espirituais, entendeu? São seres espirituais, e a partir daí... eu tenho uma cultura de que eu sinto orgulho, dessa cultura haitiana. Então é herança deles, daquelas pessoas que já nos salvaram, das pessoas que lutaram para que o Haiti pudesse ser um país livre. A primeira República livre! A primeira República negra livre! (MERCURE, 2021).

O fato de o Haiti ser a primeira República negra independente influenciou em toda a sua história e, com tristeza na fala, padre James-son afirmou: “influenciou e até agora a gente tá pagando por isso, né? Até hoje... o problema do Haiti... mas é um problema histórico”, e completou: “e até agora estão fazendo um tipo de

---

<sup>14</sup> espécie de profissional da medicina popular haitiana.

<sup>15</sup> A Revolução Haitiana (1791-1804) foi um período de conflito na colônia francesa de Saint-Domingue, levando ao fim da escravidão e à independência do Haiti, tornando-o a primeira república negra livre. É considerado um momento paradigmático para a população negra escravizada no continente americano.

<sup>16</sup> Padre James-son toma o vodu como movimento, ou seja, como manifestação. Tal pensamento segue a linha do antropólogo e padre haitiano Laënnec Hurbon, no livro "*Vodu: o Deus da resistência negra*", que vê o vodu como manifestação social e como modo de organizar as relações comunitárias, que mantém os laços de apadrinhamento, de vizinhança e camaradagem; uma forma de resistência contra o racismo e contra o colonizador.

escravidão... e de outra forma sabe... é outra forma... infelizmente isso é outro assunto...”<sup>17</sup> (MERCURE, 2021).

Quando padre James-son citou a música tradicional do Haiti, logo fiz a relação com a celebração das Missas em créole e português, que acompanhei através de transmissão pelo Facebook, na página do CIBAI Migrações, como parte de meu trabalho de campo. Foi uma experiência surpreendente, diferente das Missas que eu já tinha acompanhado ao longo da minha vida. Além da celebração em si, ora em créole, ora português, o que mais se destacou foi a presença dos tambores. No Brasil, o tambor é um instrumento comumente utilizado em religiões de matriz africana, como o Batuque e Candomblé, além da Umbanda, por exemplo. As diferentes cantigas e toques dos tambores são utilizados em momentos específicos das celebrações, marcando momentos de dança e dos rituais. O tamboreiro, por sua vez, conduz a cerimônia, e é tão importante na cerimônia quanto o babalorixá ou a yalorixá. No Batuque, por exemplo, é possível descobrir se o templo é Jêje, Ijexá, Jêje-Ijexá, Cabinda ou Oyó através da “pancada” e do ritmo dos tambores. Portanto, esse instrumento possui papel central na ritualística das religiões de matriz africana no Brasil (VALENTIM, 2014), assim como no Vodou (BAPTISTA, 2012).

Nesse sentido, perguntei qual foi a reação dos brasileiros ao se depararem com uma Missa católica, mas com elementos diferentes. De forma alegre, Padre James-son confessou que os brasileiros que ali chegavam gostavam e achavam a celebração muito bonita. Por este motivo, sugeri fazer uma Missa única, unindo brasileiros e haitianos no mesmo horário, utilizando as duas línguas, além do francês. Esta união de povos, línguas e culturas torna a celebração uma reunião singular, trazendo grande originalidade. Sobre os tambores, nosso interlocutor relembra a importância do movimento vodou e do instrumento na cultura haitiana e na celebração católica:

Então já entrou e se entrou em todo, em todo, e é um instrumento típico, é um instrumento natural... onde bate um tambor e tiver um haitiano... isso move, isso é dentro, sabe, é o nosso. E não só no Haiti, na África também usa esse instrumento dentro da Missa, tem uma liturgia diferente. Porque o povo é diferente, entendeu? A Missa, a religião católica é de Roma, o Cristianismo veio assim né, tem um todo... mas o povo tem que mostrar sua

---

<sup>17</sup> Para compreender os desafios contemporâneos do Haiti, recomendo a tese de doutorado da minha orientadora, Pâmela Marconatto Marques, *“Nou led, nou la!” : “estamos feios, mas estamos aqui!” : assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza* (2017).

originalidade dentro do que celebra, né? Mas eles [os brasileiros] gostam muito, gostam bastante. (MERCURE, 2021).

É importante ressaltar aqui a importância desta fala do padre James-son, de reconhecer a Roma como o centro do catolicismo, mas assumindo que há, a partir do Sul Global, formas diversas, contra-hegemônicas, de expressar essa religiosidade. Zamberlam et al. (2014) sugere, por parte das igrejas, um maior ecumenismo entre as diversas denominações cristãs, além do diálogo inter-religioso com os demais grupos não-cristãos. A atitude de Padre James-son, ao sugerir a união entre as Missas brasileira e haitiana, é uma contribuição muito importante para este diálogo. Outro exemplo potente e sofisticado de boa convivência e relacionamento inter-religioso é a experiência de acolhimento na casa da Mãe Negrita. Dentre os nove haitianos, havia muçulmanos, evangélicos e de religiosidade de matriz africana: “e assim, essa diversidade religiosa tava na minha casa né, aí eu digo... nossa, que crescimento [...] de respeito, de ética, porque todos eles, pela lei da sobrevivência, se uniram”. Mãe Negrita relembra uma situação em que, ao chegar à casa de sua mãe, notou que o grupo falava muito alto, e achou estranho, e que talvez pudessem estar brigando:

Aí chegando lá, “oi filhos tudo bem?”, e eles “oi madre! Oi padre! Tudo bem? Tranquilo!”, “você estavam falando muito alto, *que pasa?*”, “Não madre, tranquilo... estamos apenas a conversar! Estamos todos *bien*, nos damos todos *bien*... “Ah, *muy bien*”. Então assim, era o jeito deles, e a gente nunca viu eles falando assim na nossa casa, outro lugar, entre eles... e não era briga, era a conversa deles né? Imagina nove pessoas conversando né, cada qual quer colocar o seu ponto de vista... então não era briga (SOUZA, 2021).

Ademais, Mãe Negrita relata que dentro da sua própria família, o diálogo inter-religioso é presente. Enquanto ela e sua mãe pertencem à religiosidade de matriz africana, seu irmão é evangélico. Assim, afirma que, se ele se sente bem nesse espaço, é onde ele deve estar, cabendo a ela entender, respeitar e acolher:

Ali com os haitianos eu via muito isso. Cada um com a sua religiosidade, cada um ia no seu culto e ninguém tinha... claro, a gente conversou muito também com eles, mas ninguém desconstituía ninguém por estar neste lugar ou criticava “porque o teu Deus é um e o meu Deus é outro”. Eu sempre dizia para eles: todos os caminhos levam ao pai, né. [...] Não importa de cada um né, e o que fazia lá, o importante era como se sentia quando voltava para esta coletividade (SOUZA, 2021).

Com essas falas é possível compreender a importância dos atores religiosos no processo de acolhimento, integração social e na promoção da tolerância religiosa como valor, celebrando a religiosidade como espaço de manifestação cultural e fortalecimento existencial, cotidiano, dos migrantes.

O processo de integração social e acolhida passa por questões burocráticas, como a documentação; por acesso a serviços públicos, trabalho e renda. Entretanto, como apresentou-se neste capítulo, o migrante não deve ser reduzido apenas à “dimensão econômica”, não é um “tomador de empregos”. Muito pelo contrário, trata-se de uma pessoa com diversos conhecimentos, cultura — idioma, religião, danças, músicas, gastronomia — e, não menos importante, uma história. A integração social entre o migrante e a sociedade acolhedora é um processo complexo, que, de acordo com as falas de nossos interlocutores, passa por diversos desafios, sejam eles postos pela xenofobia ou pelo racismo estrutural no Brasil, apresentado conceitualmente por Silvio de Almeida, seja pela imposição de um modelo de viver Ocidental, baseado no Norte global. O idioma, forma de comunicação básica em uma sociedade, atravessa diversos aspectos da vida do migrante, e precisa ser tratado como uma prioridade no processo de integração social. Quando teologias conservadoras impõem uma visão única de mundo e diabolizam culturas, “tornam Deus tão supérfluo quanto o Deus da modernidade Ocidental. Deus transformou-se na marca de uma empresa econômico-política global de produtos divinos” (SANTOS, 2014, p.112).

Constante no primeiro capítulo deste trabalho, Emile Sahliyeh (1990) já apresentava que muitos teólogos começaram a interpretar seus textos sagrados a partir de uma visão humanista e de combate a problemas sociais, como a pobreza e a discriminação. As teologias pluralistas e progressistas, mais abertas ao debate inter-religioso, ao ecumenismo e ao intercultural, buscam unir culturas, como a do acolhedor e a do acolhido; buscam integrar e criar um convívio harmônico entre cristãos, muçulmanos e religiosos de matriz africana, tendo como base princípios como carinho, respeito e amor. Estas teologias, conforme Boaventura de Sousa Santos, têm

práticas religiosas baseadas na comunidade, para as quais Deus se revela no sofrimento humano injusto, nas experiências de vida de todas as vítimas de dominação, opressão ou discriminação nas lutas de resistência que elas promovem” (SANTOS, 2014, p.112).

A partir do que foi abordado neste capítulo, buscou-se apresentar as experiências e as percepções de nossos dois interlocutores, Mãe Negrita e Padre James-son, acerca da integração social dos migrantes e a importância da religião como manifestação cultural, seus desafios e conquistas e também como dimensão a partir da qual se podem levantar reflexões importantes sobre racismo. Estes atores podem ser considerados, por suas falas e trajetórias, representantes de teologias pluralistas progressistas, que buscam construir concepções de dignidade humana alternativas ao modelo hegemônico de direitos humanos Ocidental neoliberal, através da ideia de que, segundo Santos (2014, p.114) “Deus é o garante último da liberdade e da autonomia nas lutas que os sujeitos, tanto individuais como coletivos, travam no sentido de se tornar sujeitos de sua própria história”.

#### **4 CONCLUSÕES**

Este trabalho buscou, ao longo do seu desenvolvimento, compreender a atividade exercida por religiosos no processo de acolhimento de migrantes em vulnerabilidade no estado do Rio Grande do Sul. De forma geral, buscou-se compreender, mesmo de forma modesta, a religião e os atores religiosos nas Relações Internacionais através da história e trajetória de interlocutores singulares no processo de acolhimento e migração contemporânea no Rio Grande do Sul: Padre James-son Mercure e Mãe Negrita da Oyá.

Com este fim, discutiu-se o papel dos atores religiosos nas Relações Internacionais, através do conceito de *teologias políticas* como linguagem de dignidade humana, apresentado por Boaventura de Sousa Santos, destacando como ganharam expressão ao longo das últimas décadas. Com base nos estudos de Emile Sahliyah, mostrou-se que a revitalização dos atores religiosos no cenário internacional pode ser explicada por três teorias: a incompatibilidade presumida entre religião e modernização, a teoria da crise, e a mobilização de recursos. Como visto ao longo do trabalho, as três teorias se complementam, e ajudam a explicar a importância e expressão dos atores religiosos. Com esse aporte teórico foi possível compreender que, principalmente a partir do Sul global, surgem novas formas de pensamento teológico, preocupadas com uma visão humanista da religião, tendo como pautas a luta contra a pobreza e a injustiça social, em defesa das vítimas do colonialismo, do racismo e das diversas formas de atuação do capitalismo

neoliberal. Estas teologias, em sua expressão pluralista e progressista, são identificadas por Boaventura como as teorias mais capazes de engajar pessoas subalternizadas na luta contra a globalização hegemônica, tornando-se mesmo uma alternativa ao repertório dos Direitos Humanos — marcados pelo individualismo, secularizados, estado-cêntricos, ocidentalizados — como linguagem de dignidade humana contra-hegemônica.

A partir deste entendimento, apresentou-se um panorama do processo de migração contemporânea no Brasil, evidenciando os novos rostos da migração, sua diversidade cultural e religiosa. Com base em dados governamentais e no relato de autores haitianos, apontou-se alguns dos primeiros problemas encontrados por imigrantes e refugiados ao chegar no Brasil: falta de alojamentos e estruturas organizadas para o acolhimento, demora no processo de obtenção de documentação, que dificultam o acesso a trabalho formal; além de alguns serviços públicos, como saúde e educação, não estarem capacitados adequadamente para receber uma população em situação vulnerável, com outra língua e cultura diferentes. Assim, acaba restando aos atores não-estatais, em sua maioria Instituições Religiosas, prestar estes serviços e articular redes de acolhimento.

Como vimos ao longo do trabalho, de forma mais ou menos institucionalizada, os religiosos possuem função importante no processo de acolhimento de migrantes em vulnerabilidade. A contribuição de nossos dois interlocutores, Padre James-son Mercure e Mãe Negrita da Oyá é de suma importância para compreender a última década de acolhimento a migrantes no Rio Grande do Sul. O fato de suas histórias de vida e o trabalho realizado — sobretudo o de Mãe Negrita, já que Padre James-son está atualmente inserido nas redes de acolhimento — não estarem devidamente documentados na história do processo de migração e acolhimento da cidade de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul, e servirem como referência incontestada da temática, sugere que nossos interlocutores são — ainda que em graus distintos — invisibilizados<sup>18</sup>. Apesar de exercerem a função de lideranças religiosas — e, como tal, serem vozes públicas com capacidade de influenciar seus seguidores — e da grande contribuição que podem dar ao tema da migração, da diversidade étnica, cultural e religiosa, é preciso considerar que Padre James-son é, ele próprio, um imigrante negro; enquanto Mãe negrita é uma mulher

---

<sup>18</sup> Essa constatação foi feita com base na consulta aos trabalhos já publicados sobre migração na UFRGS.

negra sacerdotisa de uma religião de matriz africana. Ou seja: são, eles próprios, alvos de preconceito e racismo, como mencionaram em suas entrevistas; isso, associado ao fato de que abraçam teologias do Sul global — quando Padre James-son fala em um modo haitiano de estar na religião, com tambores e mais alegria, por exemplo — têm seus saberes muitas vezes marginalizados do projeto ocidentalizado de sociedade e construção de conhecimento: são considerados pelo Ocidente, como diz Boaventura de Sousa Santos, saberes “inferiores, particulares, exóticos, perigosos, residuais ou improdutivos”.

Entretanto, quando houve a oportunidade de atuação nos espaços públicos — a atuação de Mãe Negrita no governo do estado do Rio Grande do Sul e a participação de Padre James-son nos fóruns e comitês para migrantes — estes atores colaboraram de forma ativa e central: Mãe Negrita levou os tambores e a diversidade para o governo estadual, enquanto Padre James-son se faz presente, como religioso ou representante da sua instituição religiosa, nos espaços de discussão para defender os direitos dos migrantes.

A partir das entrevistas, ficou claro que o processo de acolhimento, não só no estado do Rio Grande do Sul, mas no Brasil como um todo, é um processo complexo. Por um lado, o Brasil possui diversos amparos jurídicos para receber imigrantes e refugiados — inclusive um amparo específico para haitianos, que concede visto humanitário, em vista das condições do país após o terremoto de 2010 — mas, por outro lado, não há, na prática, políticas de Estado que garantam aos migrantes acesso aos serviços básicos de qualidade e de forma ágil. Um exemplo exposto é a dificuldade para regularizar a documentação dos migrantes junto à Polícia Federal. Com muita burocracia e problemas no sistema, cabe às instituições, como o CIBAI, auxiliar os migrantes a preencher os documentos e agendar atendimento junto ao órgão federal. Neste sentido, soma-se ao problema o difícil acesso à internet e a computadores que passam muitos migrantes, principalmente em cidades do interior, que não possuem a mesma estrutura física e a presença de órgãos públicos para validar ou renovar sua documentação.

Apesar da existência, no contexto do Rio Grande do Sul, de espaços de discussão, como o FPMH e o COMIRAT/RS, muitas das ações tomadas para o auxílio a migrantes ainda são políticas de governo, e podem mudar a cada nova gestão. Portanto, faz-se necessário uma política de Estado, a partir do nível federal, que possa coordenar com os demais entes da federação, além da sociedade civil, e

desenvolver planos objetivos e bem definidos de articulação entre os diversos órgãos públicos para facilitar o acesso a serviços públicos, como obtenção de documentação.

Outro desafio enfrentado no acolhimento e integração dos migrantes à sociedade brasileira é a fronteira do idioma. Considerado um dos maiores problemas pelos migrantes para a sua integração na sociedade, o idioma atravessa todas as situações do cotidiano, influenciando relações de trabalho, relações sociais, e relações de confiança. Como afirmou Mãe Negrita, não fosse pela falta de informação e a questão do idioma, muitos migrantes que aportaram na rodoviária de Porto Alegre não precisariam ter feito longas viagens, de até cinco dias; teriam chegado ao seu destino correto — seja Santa Catarina, Paraná ou São Paulo — e encontrado seus contatos e familiares. Assim, informações claras e pessoas capacitadas não teriam causado desencontros e “erros de rota” de milhares de quilômetros, onde para eles, tudo era “o Sul”. Ademais, Padre James-son afirma que uma das portas de entrada no CIBAI é o curso do idioma português para estrangeiros. Ele vê como essencial para a integração do migrante na sociedade e no mercado de trabalho, permitindo que se alcance melhores salários e melhores condições de vida.

Por outro lado, também é importante que o brasileiro tenha algum conhecimento da língua do migrante. No processo de acolhimento, segundo Padre James-son, é muito importante para o migrante escutar uma palavra familiar vinda daquele que acolhe, é uma forma de começar uma relação de confiança e amizade. A partir dessa motivação, surgiu a ideia das oficinas de crioulo haitiano para voluntários do CIBAI e demais interessados.

A principal contribuição de nossos dois interlocutores ao debate está além do acolhimento: trata da expressão religiosa como manifestação cultural, como uma forma de integração do migrante na comunidade e como forma de resistência. Ao longo do trabalho, demonstramos que as teologias adotadas por nossos interlocutores, apresentadas como pluralistas e progressistas, localizadas no Sul global, têm potencialidade para construir linguagens de dignidade humana contra-hegemônicas. Portanto, são as teologias mais abertas ao discurso ecumênico, ao debate inter-religioso e intercultural. O ponto mais forte do trabalho, que pôde contribuir com maior ênfase para a compreensão da atuação de religiosos no acolhimento de migrantes é que, através da experiência e atuação da Mãe

Negrta e do Padre James-son, podemos concluir que o trabalho de acolhimento perdura ao longo do tempo; é necessário ajudar o migrante na sua chegada, mas é muito importante também criar laços de confiança mútua e troca de experiências e saberes. É um trabalho de ética, de compreensão da diversidade, da luta contra preconceitos e de educação contínua e mútua.

E essa luta pode se manifestar através da cultura e da religião. A experiência compartilhada por Mãe Negrta, de acolhimento do grupo de haitianos, é um exemplo real de construção de uma comunidade pautada na diversidade: composta por brasileiros e haitianos, multilinguística — português, créole, francês, espanhol, inglês e guarani — e multirreligiosa — cristãos, muçulmanos e religiões de matriz africana — funcionando com ética, respeito e carinho, e que projetava nas diferenças uma via de integração comunitária. Já as atividades realizadas pelo Padre James-son na Missão Pompéia, além de atender às necessidades mais urgentes dos migrantes, ajudam a promover a solidariedade, a integração e a educação intercultural. As Missas realizadas pelo Padre James-son são um convite à celebração, ao encontro de culturas através da expressão religiosa. É uma forma muito intensa de, cada vez mais, unir Porto Alegre e Haiti através da fé, da tradição e da cultura. Como o próprio Padre James-son afirmou, é necessário dar espaço para o migrante apresentar suas potencialidades, sua cultura e seu modo de ver o mundo. Acredito que estas duas histórias compartilhadas comigo e com você, leitor, são histórias que precisavam ficar registradas na história, são exemplos de um caminho, uma possibilidade viável de construir um futuro mais tolerante, mais solidário e mais justo. São tempos difíceis, os desafios são imensos, mas a colheita de amanhã, nós plantamos hoje.

Devido ao tempo limitado de pesquisa e o recorte do TCC, dois pontos não puderam ser abordados com profundidade: O primeiro, é o vodu entendido como movimento na fala de Padre James-son, ou seja, inserido nas lutas comunitárias e a possibilidade de seguir essa pista por meio do trabalho de Laënnec Hurbon. Aqui mantenho minha curiosidade sobre o estudo da religiosidade; além disso o pequeno, mas rico contato que tive com o Haiti, sua cultura e sua história, me deixaram motivados a pesquisar mais sobre o tema. O segundo ponto, do qual apenas chegamos a reflexões iniciais, é a percepção do migrante acerca do racismo. A partir da fala da Mãe Negrta, sobre os seus “filhos de acolhimento” não comentarem sobre situações de racismo pelas quais passaram, somada os dados do IPEA, sobre

a diferença entre a percepção dos migrantes sobre sofrer discriminação e a percepção da sociedade civil que atua no acolhimento quanto à situação, me levaram a hipótese de que os migrantes possam esconder tais situações de preconceito por medo ou para evitar as dores do problema ao lembrá-lo. Acredito que os dois pontos são dignos de maiores estudos.

É preciso, também, no âmbito da universidade, criar espaços para que estes interlocutores possam falar e, quando o façam, possam ser ouvidos. Mãe Negrita e Padre James-son têm muito a ensinar e a compartilhar. Assim como este trabalho busca colocar mais um tijolo na construção do conhecimento sobre migração e Relações Internacionais, é necessário construir condições para que esses importantes interlocutores sejam vistos como vozes incontornáveis nesse campo. É tornar o conhecimento mais interdisciplinar, aberto à pluralidade religiosa, seja oriunda do Haiti, da Venezuela, do Peru, do Uruguai, do México, ou da Lomba do Pinheiro. Como aluno do curso de Relações Internacionais na UFRGS, realizando este trabalho, posso tomar isso como um aprendizado.

Por fim, mas não menos importante, uma das características que Mãe Negrita mais destacou nos seus filhos haitianos é o seu sorriso para a vida. Segundo ela, apesar de todas as dificuldades, de toda a vulnerabilidade exposta devido ao processo de migração empreendido por eles, “[...] em momento algum eles perderam a fé, em momento algum eles perderam seus sorrisos”. Algumas horas depois, durante a entrevista com o Padre James-son, ao me explicar sobre a proposta de integração das Missas em créole e português, falou sobre a cultura do seu país: “[...] temos uma cultura mais alegre, além da pobreza, além da dificuldade, nós sempre procuramos ter um sorriso para a vida”. Acho que, para mim, esta também é uma lição que fica, algo que, em tempos difíceis, não é possível esquecer: apesar das dificuldades, não perder a fé e sorrir para a vida!

## 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. **Sè Tou Melanje**: uma etnografia sobre o universo social do vodu haitiano. 2012. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições Persona: Lisboa, 1978.

BERNARD, Rebecca. 'Imigração haitiana no Brasil: Considerações a partir do relato de experiência de uma pesquisadora haitiana' *In*: PADILHA, Letícia; MARQUES, Pâmela Marconatto (Orgs.). **Brasil e Haiti**: Racismo, Ciência, lutas históricas e dramas atuais. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Portal de Imigração**: Instituições de Apoio, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/publicacoes-obmigra/instituicoes-de-apoio>. Acesso em: 1 abr. 2021.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/RELAT%C3%93RIO%20ANUAL%20OBMigra%202019.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso: 10 fev. 2021

FERREIRA, Marcelo; REINHOLZ, Fabiana. Sem políticas públicas efetivas, imigrantes sobrevivem da solidariedade. **Brasil de Fato**. Porto Alegre, 28 jun. 2020. Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/28/sem-politicas-publicas-efetivas-imigrantes-sobrevivem-da-solidariedade>. Acesso em 29 mar. 2021.

FONTES, Ivo Emanuel Meira Tito. **Imigração e integração social**: a integração social de imigrantes no distrito de Santarém. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/14584>. Acesso em: 15 abr. 2021

FOX, Jonathan; SANDLER, Shmuel. **Bringing Religion into International Relations**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2004.

HAYNES, Jeffrey. **An Introduction to International Relations and Religion**. Londres: Pearson, 2013.

HAYNES, Jeffrey. 'Religião nas Relações Internacionais: Teoria e Prática' *In*: CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan. **Religião e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do Cristianismo e do Islã**. Curitiba: Juruá Editora, 2016.

IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos. **Membros da RedeMiR**. 2021a. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/membros-da-redemir/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos. **RedeMiR: Rede Solidária para Migrantes e Refugiados**. 2021b. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/sobre-a-redemir/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS - IPEA. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. **Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. Brasília. Série Pensando o Direito, n. 57, 2015. Disponível em: [http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD\\_57\\_Liliana\\_web3.pdf](http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD_57_Liliana_web3.pdf) . Acesso em: 25 mar. 2021

MARQUES, Pâmela Marconatto. **Pesquisa Empírica em Direito**. Metodologia de pesquisa em Direito: Ensaio Tempestivos. Porto Alegre: Ed. CirKula, 2021.

MERCURE, James-son. **Entrevista com o Padre James-son Mercure**. [abr. 2021]. Entrevistador: Bruno Müller. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp4 (71 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MISSÃO POMPÉIA. **Sobre Nós**. 2021. Disponível em: <<https://missaopompeia.com/sobre-nos/>> Acesso em 02 abr. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Economia e Estatística. Secretaria de Planejamento Governança e Gestão. **Perfil dos Imigrantes no RS**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202011/16151645-estudo-perfil-dos-i-migrantes-no-rs.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SAHLIYEH, Emile. 'Religious Resurgence and Political Modernization' *In*: SAHLIYEH, Emile (Ed.). **Religious Resurgence and Politics in the Contemporary World**. Albany: State University of New York Press, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, G. J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. **Refúgio em Números**, 5ª Ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020.

SOUZA, Eliane Almeida de. **Entrevista com Mãe Negrita da Oyá**. [abr. 2021]. Entrevistador: Bruno Müller. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp4 (120 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, 2010.

TEDESCO, J. C.; GRZYBOVSKI, D. **Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional**. REP - Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 18, n. 2, p. 336-355, 2011. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2433/1571>. Acesso em 23 mar. 2021

VALENTIM, Sérgio. **Batuque Gaúcho**. 26 jul. 2014 (26min10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KccphQFDWfA>. Acesso em: 20 mai. 2021

VISÃO MUNDIAL. **Nossa História**. 2021. Disponível em: <https://visaomundial.org.br/nossa-historia>. Acesso em 29 mar. 2021

ZAMBERLAM, Jurandir, et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil: haitianos no Rio Grande do Sul**. Ed. Solidus, Porto Alegre, 2014.

## APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PADRE JAMES-SON MERCURE

**[Bruno Müller]** Já comecei a gravar aqui. Então assim, eu gostaria primeiro de me apresentar para o senhor. Meu nome é Bruno Müller, eu tenho 28 anos, sou aluno do curso de Relações Internacionais da UFRGS. Sou aluno da professora Pâmela, ela está orientando o meu trabalho. Eu sou aqui de Porto Alegre, nasci e fui criado aqui. Entrei na Universidade no curso de Engenharia Elétrica, algo bem diferente das Relações Internacionais, mas aí na metade do caminho acabei trocando de curso, que era algo mais a ver comigo, que eu tinha mais interesse. Logo no final de 2019 eu tive uma aula eletiva com a professora Pâmela né, foi a primeira turma que ela deu aula lá no nosso curso e a partir dali, então, com ela tendo esse contato com a questão da migração, eu acabei me interessando pela área né e eu sempre também tive interesse em História da Religião. Então desde o início do curso eu queria tentar relacionar Religião e as Relações Internacionais e conhecer a professora Pâmela... então a relação foi surgindo né, a questão da migração e da religiosidade. A partir daí, surgiu então esse projeto, de analisar a atuação de religiosos no processo de acolhimento de imigrantes e refugiados.

**[James-son Mercure]** Muito bom. Parabéns.

**[BM]** Então assim, eu tenho algumas perguntas para o senhor. O senhor fica à vontade para responder... se eu também falar alguma coisa que está errado, o senhor pode corrigir, sem problemas né, tô aqui para aprender com o senhor. Certo?

**[JM]** Uhum. Isso.

**[BM]** O senhor tem alguma dúvida Inicial? Assim, alguma...

**[JM]** Não, assim, nenhuma dúvida se você não me perguntou nada então só aí... vou responder o que eu sei né, o que eu vivi, o que eu sei...

**[BM]** Tá bom, então tá. A primeira primeira pergunta assim... na realidade eu gostaria que o senhor se apresentasse. No caso do nosso curso de Relações

Internacionais né, esse vai ser basicamente o público, a maior parte das pessoas que vão ter acesso, vão ler, são pessoas de Relações Internacionais, então talvez eles ainda não conheçam o senhor. Então gostaria que o senhor falasse um pouco da sua experiência de vida, no caso das experiências que o senhor julga importante para compreender a sua trajetória de vida.

**[JM]** Ótimo. Primeiro, eu sou o Padre James-son Mercure, meu sobrenome é Mercure, James-son é o nome, né?. Eu sou haitiano... como eu falei agora, como eu sou padre eu tenho uma formação religiosa né. Eu estudei Filosofia no Haiti, depois me mandaram para México para fazer uma experiência na área da migração e também da espiritualidade do nosso fundador, que é João Batista Scalabrini né... eu pertenco a uma comunidade, esta congregação cristã Missionária São Carlos - Scalabrinianos, e foi fundada por um italiano, que estava lá na Itália. Foi bispo e depois vendo tudo que está acontecendo... os italianos saindo do país para América, para Argentina, Estados Unidos, Brasil, então ele fundou essa congregação que tem o carisma específico trabalhar com os imigrantes, evangelizar, fazendo um trabalho de evangelização para os migrantes italianos que estão fora do país, da Itália. Então já faz muito tempo que esta congregação abriu para todos os migrantes porque tem várias partes, de várias nacionalidades, de vários países e os migrantes estão em toda a parte do mundo, não só tem migrantes italianos. Agora tem outros tipos, outros rostos da... né.... no mundo da migração né... tô só falando um parênteses. Filosofia... eu falei que eu estudei Filosofia no Haiti, depois me mandaram para México para fazer essa experiência com os migrantes, sobretudo os mexicanos que foram deportados dos Estados Unidos... estava fazendo experiência de dois três meses na fronteira entre Tijuana e Estados Unidos e depois me mandaram para outro estado do México para fazer essa experiência da espiritualidade do nosso fundador. Eu fiquei quase dois anos no México, depois aí me mandaram para Colômbia para estudar Teologia numa cidade dos Jesuítas. Lá em Bogotá eu fiquei quase quatro anos. Depois dessa formação eu fui ordenado diácono. Então eu recebi naquele momento... eu recebi a designação para trabalhar aqui no Brasil. Antes de eu ser padre pedi para fazer essa experiência como um diácono na cultura do Brasil, antes da minha missão para poder aprender a língua, conhecer a cultura né? Eu fiquei quatro meses no primeiro momento e depois me mandaram para o Haiti para ter minha ordenação como padre e depois eu voltei aqui no Brasil, faz 5

anos. Minha primeira missão foi lá em Manaus com os migrantes haitianos e os latinos que estão lá, os peruanos e venezuelanos. Eu fiquei lá quase dois anos, quase dois anos, né? Depois saí aqui em Porto Alegre, sobretudo aqui no CIBAI Migrações. É um centro de acolhida que já tem mais de 60 anos aqui no Rio Grande do Sul e Porto Alegre, especificamente, então vendo a necessidade de um padre que fala várias línguas, sobretudo o crioulo haitiano, que é uma língua nativa para nós, então me mandaram aqui para poder fazer... para ajudar, né? Para poder fazer essa ponte com os migrantes, e desde aí estou aqui para servir, para colaborar, é... participar de várias reuniões com COMIRAT, Fórum Permanente, que eu sou parte da equipe da coordenação do Fórum Permanente aqui, COMIRAT... como instituição nós somos vice-Coordenador do COMIRAT Municipal, e COMIRAT Estadual também. Estamos assim fazendo essa incidência na área política e também social, assim levando ou ocupando espaço para poder fazer ouvir as vozes dos migrantes também, para poder lutar pelos direitos deles também.

**[BM]** Assim, para a minha próxima pergunta, então, eu queria perguntar para o senhor de que modo a sua prática religiosa atravessa o processo de acolhimento dos refugiados? Assim, qual a importância que o senhor dá para sua religiosidade, pelo seu trabalho religioso, como ele é importante no processo de acolhimento desses refugiados e Imigrantes?

**[JM]** Olha só, desde a formação, digamos assim né, eu recebi uma formação praticamente estudando Filosofia, Teologia, é digamos assim, uma carreira mais ampla que não têm uma especificidade, mas dentro da minha formação a gente... eu recebi essa... esse amor sabe? Essa sensibilidade até os migrantes, né? E falando da religião, da minha religião católica, o cristianismo né, normalmente nós fazemos um trabalho não olhando a religiosidade ou a religião dos migrantes. Tem migrantes que são católicos... não sei se estou na linha para responder você né? Tem migrantes que são católicos, não são muitos, então para os poucos que são católicos, eu como haitiano procuro dar um atendimento específico nessa área da espiritualidade, da crença deles, da fé, porque normalmente os migrantes saem de seus países carregando, digamos assim, trazendo além de uma religião, além de uma crença, trazendo consigo mesmos uma cultura sabe... tá ouvindo? Tá ouvindo?

**[BM]** Tô ouvindo.

**[JM]** Tá... trazendo uma cultura diferente, trazendo todo o modo de ser diferente. Então dessa praticidade, dentro da minha religiosidade, da minha religião, eu procuro atender a esse grupo específico, que são católicos, celebrando missa da língua deles uma vez por mês, cada segundo domingo do mês, então esse domingo que vem vou ter missa com eles assim, junto com a comunidade, fazendo uma integração, porque a comunidade brasileira aqui, então, não tem essa... digamos.... não posso dizer que não tem a sensibilidade, mas não tinha visto uma celebração, mesmo que católicas, com outra língua ou outra liturgia... é uma novidade então para eles, é uma novidade. Então a comunidade responde, a comunidade acolhe, então ao mesmo tempo acolhendo a comunidade haitiana e também mostrando a comunidade brasileira uma cultura, um jeito ou modo de ser, um modo de celebrar, um modo de rezar diferente mas o mesmo Deus, rezando a Deus, mas numa língua diferente, com uma liturgia mais alegre porque nós somos haitianos caribenhos, somos do Caribe, temos uma cultura mais alegre, além da pobreza, além da dificuldade, nós sempre procuramos ter um sorriso para a vida. Não sei se eu respondi...

**[BM]** Não, sim... o senhor respondeu... é, assim, eu tenho algo que também, aí eu não sei, até que ponto assim... queria também saber a opinião do senhor, quando eu perguntei ali como a prática religiosa atravessa esse processo, eu perguntei também com questões que o senhor tenha aprendido com a sua fé, ao longo da sua formação, digamos... valores importantes para o acolhimento....

**[JM]** Isso, tudo isso entra né, a gente mesmo que aprenda alguma coisa, como posso dizer, tudo inclui, né? Tudo entra, sabe? Porque você não acolhe as pessoas só com o conhecimento, com a formação que você tinha recebido. Mas você acolhe as pessoas com todo o seu ser, né? Ou a pessoa que você é, entende? Porque às vezes os migrantes chegam até nós, até mim, para, não sei, procurar uma ajuda ou outro tipo, não sei, para falar, e o primeiro momento é a escuta né? Não é, digamos assim, quando o migrante chegar você vai começar a falar e perguntando. Não. Primeiro escuta, porque eles tem alguma coisa para falar. Eles têm uma necessidade, eles precisam ser ouvidos, precisam ser escutados no primeiro

momento, é isso. No primeiro momento vai muito, né, a formação humana, não tanto uma formação intelectual. Você pode ter uma formação intelectual muito... sabe.... bem, você pode ser bem capaz, você sabe muitas coisas mas se você faltar a formação humana, então você não vai ter tempo para escutar a pessoa, você não vai ter uma certa sensibilidade, porque a pessoa chega com... às vezes.... com problemas, com problemas diferentes, então isso vê que é muito uma formação humana. Entendeu?

**[BM]** Entendi, entendi sim.

**[JM]** Não sei se eu... não sei se eu sou muito... não sei, eu falei assim né...

**[BM]** Estamos indo muito bem, tá muito certo, obrigado. Uma outra pergunta que eu gostaria de fazer para o senhor, assim, no caso por exemplo dos imigrantes e refugiados haitianos, do pessoal que vem, por exemplo, do Senegal, da África num todo, são pessoas negras que chegam ao país, que já possui toda uma história de um racismo estrutural e também podem enfrentar outros problemas como a xenofobia, certo? Então eu queria perguntar para o senhor: quais as dificuldades que o senhor vê nestas situações onde além desse preconceito com estrangeiro, como essas pessoas que chegam aqui também tem que lidar né, com a questão do racismo estrutural no Brasil, se há alguma relação entre esses dois preconceitos, se algum é mais evidente que o outro...

**[JM]** Olha só, falando em preconceito, racismo né, sabe que, por exemplo, falando dos haitianos e dos senegaleses então, eles... eles... nós viemos de um país que praticamente 100%, 99% é raça negra, entendeu? Então não tem outra cor como aqui no Brasil, tem brancos, tem amarelos, tem afro-descendentes, sabe? Então tem uma diversidade racial muito ampla aqui no Brasil, porque o Brasil geograficamente falando é muito grande, é um pequeno continente, então dá para ter... dá para fazer diferente... dá para perceber essas coisas, essas diferenças, essas pessoas que pensam que são melhores, que pensam que são a raça melhor, sempre existiu isso mas infelizmente os migrantes quando eles estão... quando nós estávamos no Haiti ou no Senegal, não tinha... nós não tínhamos percebido isso. Nós tínhamos ouvido dessa questão do racismo, dessas questões do preconceito, né, mas não tínhamos

vivido na nossa pele. Eu estou falando e estou me incluindo porque eu como padre, como haitiano... antes de ser padre sou haitiano, então eu sofri também isso. Tem pessoas que até um pouco me olham diferente né... entendeu? Mas é isso... pela formação... pela minha formação, com tudo isso eu não... sabe, eu não dou bola nisso. Eu... para mim é isso e tanto faz isso, eu não... eu não me deixo... não deixo isso aí me influenciar porque eu tenho uma formação que supera tudo isso, né. Mas os migrantes muitas vezes, muitos deles, não têm essa formação. Às vezes se percebe uma certa resistência, um certo medo deles, sobretudo os senegaleses, muitos deles não querem trabalhar com carteira assinada, não querem trabalhar com uma empresa porque sofrem racismo, então preferem vender na rua, preferem ter um trabalho autônomo assim para ganhar sua vida, pela mesma questão muitos sofrem preconceito, racismo e outros às vezes também pela falta de formação, e outros não sabem nem ler, nem escrever, né. Então imagina a cor, você é negra, tem uma pele negra... preta digamos assim, e você não sabe ler nem escrever. Então imagina né... e você se sente inferior, e os outros também muitas vezes te fazem ver como inferior, entendeu? Então é um tema um pouco complicado, muito complexo, porque às vezes a mesma pessoa que fala com você esse tema, que fala de um jeito, mas terminando de... sem querer, terminando de ser um pouco preconceituoso ou racista, porque o tema, a palavra... a fala também, mesmo na brincadeira a gente percebe isso, entendeu? Na brincadeira a gente percebe isso, mas eu sempre falo, não é como um tipo de resignação. Sempre existia isso... imagina que existia isso no tempo de Jesus. Quando Jesus estava pregando, começando a sua missão, os saduceus, os doutores da Lei conversavam perguntando: "o filho de José, onde nasceu? Quem é a sua família?" Então, tudo isso dentro da Bíblia, a gente percebe esse preconceito, né? Ele sempre foi assim, que o ser humano... como posso dizer, sempre assim... não é sempre não, às vezes eu não posso dizer... nós infelizmente queremos aparecer. Nós infelizmente, pela competição, nós queremos ser superiores e o fato de sermos melhores, lutar, trabalhar, então às vezes sem querer nós estamos pisoteando o outro, nós estamos fazendo uma competição, dando uma certa diferença e depois, sabe... é um tema bem complexo, bem... não sei, bem complicado, bem difícil de fazer um debate com esse tema, é um pouco... não é tão fácil assim né, porque eu falo, aqui estou numa missão... falando assim porque você está gravando, fazendo essa gravação, né... eu estava sozinho aqui uma vez, chegou uma senhora para fazer um batizado, mas ela não era da família da criança

né, acho que a irmã da mãe da criança que ia ser batizado né? Então, mas quem ela entrou em contato era com outro padre né, padre brasileiro entrou em contato, tá? Então aconteceu que o padre, surgiu uma emergência, saiu... não saiu, ele não estava aqui em Porto Alegre então eu estava sozinho, ele me deixou... “então você pode fazer o batizado, você é padre”, sabe? A senhora ficou chateada. Quando eu comecei a falar, “ah, você quem é?”, assim. A cara dela mudou completamente. Então eu falei “ah, tá tudo bem então”. E depois “então você procura algum lugar, procura uma outra igreja para fazer o batizado, eu não vou fazer... eu não vou fazer”. Mas ela tinha pagado o salão atrás, tudo isso a pessoa responsável do salão veio falar comigo e a família veio falar dizendo que ela não está tão bem de cabeça. Se não estivesse bem da cabeça então para que delegar a ela fazer, sabe? Então tem tudo isso. Ah, eu senti... óbvio. Mas eu sempre falo, isso aí é pura ignorância. Pura ignorância uma pessoa que faz preconceito é porque a pessoa não conhece, não valoriza diferença. A pessoa que tem uma cultura diferente de você é uma riqueza. Então se você se fecha assim, pensa que a sua cultura que é melhor, pensa que é a sua cor que é melhor então você está totalmente... você é totalmente ignorante. Entendeu? Eu tenho isso na minha cabeça e então falando assim: eu como padre sofrendo isso, imagina um migrante trabalhando em alguma empresa, imagina o migrante que está trabalhando numa casa como doméstica, imagina o migrante que está fazendo faxina... é isso... é uma coisa que tem, que existe. Isso não é uma novidade, e acho que antes era ainda pior, né?

**[BM]** Eu acho que a passos lentos estamos melhorando, mas ainda existem problemas que dóem muito. Fazem doer.

**[JM]** É, muitos problemas, sim. O primeiro para poder vencer tudo isso né, o primeiro passo também é da pessoa mesma né, nós como da raça negra, afro, então temos que fazer o esforço, temos que estudar e trabalhar, então o fato de estudar, de ser alguém, sabe? Então tem muitas coisas que vão ser eliminadas, superadas né? Entendeu?

**[BM]** Sim, entendi. Outra coisa que eu gostaria de conversar com o senhor... o senhor tem contato com diversos imigrantes, de diversos locais, diversas origens. Então o senhor tem contato com diversas culturas, acredito eu. Nesse processo

assim de... processo de integração social desses imigrantes e refugiados, como o senhor vê a questão assim da cultura ? No caso da cultura dos imigrantes, qual é a importância da cultura que chega ao país na integração social com a sociedade aqui do Rio Grande do Sul, do Brasil?

**[JM]** Olha só, quanto por exemplo aqui... falando da cultura... ter várias culturas dentro do mesmo país para mim... eu sempre digo... tá ouvindo?

**[BM]** Sim, estou ouvindo.

**[JM]** ... é sempre uma riqueza. Então... infelizmente antes de chegar nesse tema na cultura, muitas pessoas... não muitas pessoas, algumas pessoas pensam que o migrante que sai de seu país para buscar uma vida melhor por causa... por razão econômica... então estão vindo para tirar o seu trabalho, né. Sempre pensam desse lado, o lado econômico, mas não pensam o lado cultural, o lado social e dessa parte que o migrante é um ser humano, o migrante é uma pessoa de cultura, um migrante já tem muitas coisas, tem uma gastronomia diferente, então tem muita potencialidade, muita potência, muita riqueza, bagagem para poder oferecer ao país, mas infelizmente sempre vê o lado econômico. Claro, antes o migrante chega para buscar um trabalho para ter uma vida digna, mas depois disso ele tem que ter espaço para mostrar sua cultura, mesmo dentro do trabalho. Então ele vai mostrando vai visibilizando, vai dando uma visibilidade da sua cultura porque está numa cultura diferente, está ouvindo música diferente, tá comendo diferente. Então, no primeiro momento pode ver um choque cultural, dependendo da pessoa, porque não todo mundo tem uma preparação para sair do seu país, são obrigados né, vai sair de seu próprio país, e isso requer uma certa formação, uma certa preparação para não entrar na depressão, para não... sabe? Porque tudo isso é um pouco complicado, mas eu sempre digo... chegando, eu tenho outra cultura, você tem outra cultura, então chegando aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, o migrante só precisa de um espaço, só precisa ser bem acolhido para poder mostrar sua potencialidade cultural. Eu, como você falou, eu tenho vários contatos com diferentes culturas, migrantes que são de várias culturas, cubanos, colombianos, haitianos, senegaleses, que são culturas diferentes, e às vezes a religião influencia também sobre a sua própria cultura, então é sempre uma riqueza porque aqui em

Porto Alegre, aqui no Rio Grande do Sul, no Brasil, não só tem um tipo de migração, tem várias nacionalidades. Agora estão falando só sobre os venezuelanos porque são bastante, uma migração nova, mas tem haitianos, senegaleses, tem pessoas de Moçambique, tem pessoas de Angola, tem pessoas de Bangladesh, tem nigerianos, tem dominicanos, tem várias nacionalidades, várias culturas diferentes. Então isso é uma riqueza, precisa ter projetos, editais, projetos... onde os migrantes podem apresentar seus projetos, apresentar cultura, sua gastronomia, comida diferente, sabor diferente para o país, né? Os europeus fazem, os asiáticos fazem, então por que os novos migrantes não podem fazer? Podem fazer, mas só precisam espaço, só precisam poder se abrir, porque não só a pessoa que acolhe, mas também a pessoa que chega precisa ter uma certa abertura também... para poder se integrar, entendeu? Você fecha então você dificulta bastante. Por exemplo, eu falo isso, quando eu cheguei aqui em Porto Alegre... eu tenho conhecimento que aqui tem bastante pastores haitianos, pastores evangélicos... eles chegam aqui, nunca foram pastores, chegando aqui o fato de saber ler mais que os outros, então se nomeiam pastores né, então eles colocam uma coisa na cabeça de muitos haitianos, que eles diabolizam a cultura haitiana. Então se fecham... eu queria fazer, sabe... eu queria fazer um encontro, eu queria me unir, sabe? Para poder apresentar alguma coisa, Para poder fazer... mostrar para a cultura gaúcha, para a cultura brasileira... outro lado da migração, outra potencialidade. Mas infelizmente ele se fecham assim... não dá. Porque pelo mesmo fato da religião evangélica pensar tudo né, que essa vida já não não adianta, pensando na vida além dessa vida, e que realmente... ninguém sabe, sabe? Então às vezes a religião influencia bastante a cultura e faz que a pessoa fique... parada, mesmo.

**[BM]** Interessante isso que o senhor falou... de negar a cultura haitiana.

**[JM]** Não é só de negar a cultura haitiana, é diabolizar. Como sabe... nós “independizamos” assim... nossa independência foi como pelo movimento do vodu. Então esse movimento, digamos assim, a cultura surgiu nesse movimento, a partir desse movimento do vodu, e música... tem lado positivo também. Também tem lado negativo, mas infelizmente as pessoas que tem uma cabeça bem... sabe, o modo de ser bem fechada e pensa... só vê o lado negativo né, mas dentro do movimento do vodu, dessa religiosidade popular, tem coisas boas também. Tô falando como padre,

mas também penso: tem coisas boas porque são seres espirituais, entendeu? São seres espirituais, e a partir daí... eu tenho uma cultura que eu sinto orgulho, dessa cultura haitiana. Então é herança deles, daquelas pessoas que já nos salvaram, das pessoas que lutaram para que Haiti pudesse ser um país livre. A primeira república livre... a primeira república negra livre.

**[BM]** Sim... pelo o que eu pude ver da história da independência do Haiti, isso influenciou em toda a história do país, ser a primeira república negra...

**[JM]** [tristeza na fala] Influenciou e até agora a gente tá pagando por isso, né. Até hoje... o problema do Haiti... mas é um problema histórico.

**[BM]** É uma história longa, mas é uma história de libertação, antes de tudo. Não só a libertação de um povo por si só, uma nação, mas a libertação do ser humano né, de um sistema mau... perverso... da escravidão...

**[JM]** É... [tristeza na fala] e até agora estão fazendo um tipo de escravidão... e de outra forma sabe... é outra forma... infelizmente isso é outro assunto...

**[BM]** Eu queria ver também com o senhor, pesquisando sobre a Missão Pompéia, além das missas em crioulo haitiano, tem missas em italiano, coreano, espanhol... então assim, isso representa a diversidade de culturas e também a diversidade de idiomas. Em uma pesquisa do IPEA e do Ministério da Justiça, os imigrantes que participaram dessa pesquisa, a maioria deles cerca de 21%, colocou como o primeiro problema, o maior desafio ao chegar no Brasil é a questão do idioma. A gente sabe que o idioma pode influenciar em vários aspectos da vida, seja nas relações de trabalho, nas relações com a sociedade. Então eu queria saber também essa questão do idioma, das dificuldades que o senhor vê no dia a dia ao lidar com os imigrantes e refugiados.

**[JM]** Sim. Normalmente a primeira... se tem duas portas de entradas aqui... falando da integração na sociedade eu posso dizer primeiro que não sei o que está no primeiro lugar, se idioma ou a documentação, entendeu? Então são duas coisas principais que os migrantes precisa para se integrar dentro da sociedade: a

documentação, porque com a documentação tem a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho e a língua, o idioma é importante porque... sem o idioma, até sem o idioma, a pessoa falando o básico pode conseguir um trabalho né, para receber um salário mínimo. Mas mesmo assim tem que procurar, tem que fazer esforço para falar bem a língua se o migrante quer se promover dentro do trabalho. Se não quer ficar só na faxina, no básico, no salário mínimo então tem que se esforçar nesse sentido. Então é por isso que aqui no CIBAI, nosso foco também é muito sobre essa questão do idioma e da inserção laboral. Então inserção laboral vai muito também ao lado junto com a documentação, porque a documentação... primeiro, sem a documentação o migrante pode conseguir um trabalho assim, com carteira assinada né? Você sabe a lei trabalhista aqui, então é bem complicado nesse sentido. Então por isso nós temos esse projeto do idioma. Então todo ano nós temos esse curso de português para os migrantes, então muitos migrantes participam, e agora com essa questão da pandemia nós só estamos conseguindo assim, dar continuidade online, de forma virtual, mas infelizmente nem todos os migrantes tem essa possibilidade também da internet, porque tem migrante que só tem internet para mandar mensagem pelo WhatsApp ou abrir Facebook, mas para participar numa aula online... então isso requer... você tem que ter megabytes, tem que ter dados da internet para poder participar. Então por isso dá uma diminuição, muito né, nem todos conseguem, sobretudo as pessoas mais vulneráveis nesse sentido, que não tem trabalho, que não tem como pagar... até que não tem nem como comprar comida, entendeu? Mas esse lado é outro lado, mas também esse curso está abrindo mais... muitos imigrantes de outros municípios outras cidades do Rio Grande do Sul estão participando nesse curso online, como aí é à distância os migrantes que têm possibilidade né, que têm possibilidade para poder participar. Então é isso né, mas nós sempre sempre trabalhando, durante esta pandemia, nunca fechamos... no início fechamos porque quando teve o quarentena total, né... então mês de março, abrir e depois aí, metade abril, nós abrimos para ajuda emergencial para os migrantes, porque nós tínhamos recebido bastante ajuda, cestas básicas para os migrantes, então abrimos no início cada quarta e sexta-feira né, falando do ano passado, e depois aí pouco a pouco, começamos a abrir de segunda até sexta-feira para as questões da documentação, de alguns cursos de capacitação online, tudo isso né. Até agora nós estamos abertos para assistir os

migrantes, mas sempre respeitando o protocolo, né. Tudo à distância, com máscara, né.

**[BM]** Outra coisa que eu queria que o senhor comentasse assim, qual seria a sua impressão, falando no caso do trabalho de acolhimento de imigrantes e refugiados, qual a visão que o senhor tem sobre o processo aqui em Porto Alegre, no Brasil, de uma forma geral, as dificuldades, como as instituições se articulam para fazer esse trabalho de acolhimento?

**[JM]** Nós aqui... quando eu cheguei aqui escutando e falando de COMIRAT e outras instituições, entidades que dizem que estão trabalhando com os migrantes, que estão interessados para acolhimento dos migrantes nas cidades, na área da pesquisa, tudo isso... então existe uma rede de migração assim, bastante... como eu posso dizer né bem... significada, e a gente se mobiliza quando surge algum problema, sabe, mas isso na fala, no discurso existe né. Mas na realidade, na realidade, não é... não estou me achando porque eu pertença a essa instituição CIBAI Migrações, mas na realidade, inclusive os migrantes mesmos falam, que a única instituição que ajuda de verdade, que ajuda mesmo com pandemia, sem pandemia é o CIBAI Migrações. Nós sempre procuramos ajudar, graças a Deus, os voluntários também, os voluntários que não podiam participar, que não podiam ajudar... vieram outros voluntários também para ajudar, os advogados e as pessoas para ajudar nos currículos, também... então eles, as pessoas que ficam em casa fazendo um atendimento online ajudando na parte dos currículos, ajudando na prática jurídica, psicológica... então, uma forma ou outra, online, se atendimento à distância e também física, sempre procuramos acompanhar os migrantes, procuramos orientá-los, entendeu? E falar a outras entidades e órgãos públicos. A gente tem parceria com a Federal, Polícia Federal, através de um contato, como tipo de amizade. Às vezes surgem casos emergenciais, casos, sabe... então só com uma ligação... às vezes a gente procura se mobilizar para poder auxiliar os casos urgentes, muito urgentes. Mas outras entidades, inclusive outros órgãos públicos, só falam. Só tendo bons discursos, sabe? Fala bonito e... bem, isso tem importância, ajuda na parte da escrita, da pesquisa tudo isso, mas na realidade concreta, na realidade, na realidade, nem todos trabalham, nem todos fazem o que estão falando na verdade, entendeu? Porque o migrante precisa de coisas concretas, o migrante

precisa de ações, porque quando as pessoas estão numa situação de vulnerabilidade... precisa mais ser escutada, precisa ser mais escutada pelo nosso serviço... não falando na cabeça, porque nós podemos falando, falando, falando... e isso não entra, nada entra, porque está numa necessidade, porque está precisando o básico. Quando a pessoa está precisando o básico, você poder falar um montão de coisa e não adianta, não adianta. Às vezes falando a mesma língua, eu como haitiano, às vezes chegam aqui falando crioulo haitiano, crioulo, na mesma língua, falando, falando, repetindo uma coisa várias vezes, eles não entendem porque não... não é que não entendem, não é que eles não entenderam.... a necessidade que é muito, sabe? A necessidade impede, quando a pessoa precisa o básico, impede ouvir na mesma própria língua.

**[BM]** A necessidade chega ao nível da sobrevivência... não é viver, é sobreviver.

**[JM]** Sim, é isso.

**[BM]** O senhor falou desse relacionamento, amizade com a Polícia Federal, por exemplo. O senhor vê, existe alguma política de Estado, no nível federal assim? Porque eu vejo muito... pela pesquisa que eu fiz do trabalho, que muitos desses trabalhos né, de auxílio, de assistência, documentação, é feito com o auxílio de entidades civis, instituições religiosas, né. Falta uma política de Estado para atender esses refugiados, esses imigrantes? Porque claramente, como o senhor falou, não é só a documentação, não é só o papel, ele é importante, mas existem mais necessidades humanas também, né...

**[JM]** É, existem muitas necessidades humanas, mas você sabe né, às vezes o Estado não responde, mesmo com a documentação não responde como deveria responder, entendeu? Porque imagina, nós estamos fazendo... estamos ajudando o primeiro passo da parte da documentação, preenchendo os documentos no sistema também, que é um sistema bem... não é qualquer um, se você não tem prática no sistema você pode chegar lá e você está perdido, fica perdido porque não dá. Imagina um migrante que não tem computador, que não tem internet, você dá um site para fazer a documentação, não dá... se não é a sociedade civil, se não é por algumas instituições, que não estão aí para ajudar, auxiliar eles, então ficaria mais

trabalho para Polícia Federal. Nesta parte estamos fazendo o primeiro passo... quase tudo, porque preenchendo todos os documentos, mais ou menos cinco ou seis papéis aí, fazendo cópias para eles e buscando o agendamento para eles irem lá. Às vezes o site não permite o agendamento, não tem agendamento para ir lá, entendeu? Então, pelo menos o mínimo eles deveriam fazer, porque já tem coisas que eles nem precisam fazer. Imagina se o migrante não tivesse nenhuma ajuda quem ia fazer isso? A Polícia Federal, entendeu? Mas mesmo assim, não responde... imagina, você vai falando coisa social, aula de português, curso de capacitação... olha, se o que corresponde, o que compete a eles, não estão fazendo certinho... é, esse eu tô falando de forma geral. Aqui em Porto Alegre a gente tem essa proximidade de alguém da Polícia Federal, e mesmo assim tem essa dificuldade, mas e os estados e os municípios, as cidades que não tem nenhuma sociedade civil para ajudar nesse sentido? Como eles fazem? Entendeu?

**[BM]** Porto Alegre ainda é uma cidade grande, tem recursos...

**[JM]** É tem as cidades, que têm interesse... que têm interesse sobre esse tema, mobilizando, incentivando de uma forma ou outra, sabe... conscientizando, mas tem outras cidades que não... tem cidade que os migrantes estão que só tem... frigorífico e trabalho. O migrante chega e trabalha. Para fazer a renovação dos seus documentos, tem que ir da cidade onde eles estão, tem que viajar, tem que pegar um ônibus, mais duas três horas de ônibus para poder ir na Polícia Federal. Chegando na Polícia Federal, então, às vezes dependendo da pessoa que ele encontra lá, diz "você entrano site, faz isso e pega o agendamento". O migrante nem sabe, nem tem o computador, como vai fazer? Muita burocracia no sistema da Polícia Federal, aqui no Brasil. Por isso eles estão sempre dependendo da sociedade civil, dependentes da sociedade civil nesse sentido, que não deveria ser a sociedade civil. Poderia ajudar eles na inserção laboral, na integração na sociedade, algum curso, fazendo parceria com algumas universidades, alguma escola profissional, sabe? Poderia fazer um trabalho mais no sentido humano, ajudando sempre. Mas ajudando quem? Ajudando a prefeitura, ajudar os órgãos públicos que deveriam fazer essas coisas, porque se abrem espaço, se abrem a porta, é para entrar. Se vou para sua casa, você me abre sua porta, então chegando na sua casa você tem que ver como pode me auxiliar. Onde fica isso... onde fica a geladeira...

tem que me orientar, entendeu? Estou na sua porta porque você abriu a porta. Não é abrindo a fronteira, abrindo a porta e chegando... fazendo de conta que nem existe. Por isso tem migrantes, infelizmente chegando aqui, que estão numa situação de rua, que precisa acompanhamento psicológico, que tem problema mental, sabe? Então é complicado. Eu tenho um migrante que eu conheço aí que está numa situação de rua, né...

**[BM]** O trajeto para chegar até o país e se estabelecer já é uma dificuldade grande, aí quando chegam aqui, enfrentam mais dificuldades.

**[JM]** Dificuldades, choque cultural, tudo isso. É como eu falei, nem todo mundo está preparado, tá pronto para sair de seu país, né. Nem mesmo uma pessoa que tem uma formação acadêmica, tudo isso, mas não está preparada. Imagina, porque sair de seu país fazendo uma experiência de outra cultura é outro status, entendeu? É outro nível. Mas se a pessoa já nem tem o básico para comer, imagina... chegando no país fazendo essa experiência em outra cultura é difícil, né?

**[BM]** Sim, é bem difícil... a gente já está com quase uma hora de conversa né, não quero tomar muito seu tempo, já tomei uma hora do seu tempo, né.

**[JM]** Pois é, passa muito rápido, passa muito rápido.

**[BM]** Para encerrar, já ir para o encerramento, eu tenho dois pontos, mas aí eu lembrei de um extra, que queria comentar com o senhor. É que eu vi numa das gravações das suas missas no Facebook do CIBAI Migrações, eu fui olhar para conhecer né, para ver as transmissões e eu me surpreendi, foi uma coisa diferente para mim ver, por exemplo, ao longo da sua missa, o uso de percussão para o acompanhamento da celebração da missa. Quando eu ia na missa, principalmente quando era mais novo, com meus pais, sempre tinha aquele teclado... e não havia percussão, não havia tambor. Eu nunca tinha visto, então para mim foi uma surpresa né, eu não estava acostumado, mas achei muito bonito. Então, o acompanhamento de percussão é comum nas missas no Haiti e, acredito eu, é uma questão cultural... religião e a cultura se misturam. Então, o senhor chegou a notar alguém que foi acompanhar a missa daquele dia, que talvez não estava acostumado e teve também

alguma reação? Aconteceu algo desse tipo, que a pessoa chegou lá e “opa, o que está acontecendo”? O senhor já notou algo assim?

**[JM]** Olha só, é como eu falei agora no início né, que o pessoal gostou bastante, a comunidade... antes eu celebrava a missa com eles à parte né, cada segundo domingo às 11h, só com eles né. Então... aí os brasileiros às vezes passando, escutando né, eles acharam bonito, né. Então eles falaram desde o ano passado, comecei a ir junto com a comunidade de brasileiros... que se integrem, que façam uma missa nove e meia junto... vocês podem animar em francês, em crioulo, com suas músicas... a gente acompanha, sabe? Então eles estão gostando bastante, né. E dá uma especificidade né, dá uma certa originalidade nessa parte, porque eu falei agora... na história da independência do Haiti pelo vodu, essa essa questão dos tambores. Então já entrou e se entrou em todo, em todo, e é um instrumento típico, é um instrumento natural... onde bate um tambor e tiver um haitiano... isso move, isso é dentro, sabe, é o nosso. E não só no Haiti, na África também usa esse instrumento dentro da Missa, tem uma liturgia diferente. Porque o povo é diferente, entendeu? A missa, a religião católica é de Roma, o Cristianismo veio assim né, tem um todo... mas o povo tem que mostrar sua originalidade dentro do que celebra, né? Mas eles gostam muito, gostam bastante.

**[BM]** Ao acompanhar a transmissão eu falei “nossa, é diferente, e é muito bonito” e deixou a celebração muito mais animada. E faz parte dessa integração social também. Muito legal. Bom... assim, para encerrar... eu já tomei bastante tempo do senhor, eu queria saber se o senhor pode compartilhar alguma memória, alguma situação que envolve esse trabalho de acolhimento... algo que aconteceu e que tenha marcado o senhor, que tem um significado especial. E depois eu deixo já para o senhor fazer algum comentário sobre algo que não conversamos aqui... deixo o senhor à vontade para fazer esses comentários.

**[JM]** Olha só, tem tantas coisas... tem cada coisa, cada coisa que a gente faz... que nós realizamos, nós ajudamos. Os migrantes, eles ficam felizes sempre, né. Mas o que eu posso dizer... cada coisa que eu realizo para uma pessoa, o fato de ver que a pessoa está feliz, se sente feliz, se sente bem agradecida, eu me sinto bem, entendeu? Então eu sinto bem e às vezes a gente ajuda e lembra que... se a

pessoa quer ajudar, né? Mas a pessoa sempre lembra... então isso é sempre gratificante né, porque às vezes as pessoas... tem pessoas que não querem ajudar, um pouco meio fechadão. Mas porque não sabe o que é, quando a gente está ajudando, não sabe o bem que faz né. Faz bem para pessoa que é ajudada, também faz para você mesmo bem, porque você se sente bem, porque além de ajudar a pessoa você está ajudando todos... todas as pessoas que são próximos dessa pessoa, família, filhos, sabe? Então não só um coração que você está fazendo feliz, também estão fazendo vários corações felizes, sabe, de forma indireta. Então é por isso, eu sempre sinto bem, sinto feliz para ajudar as pessoas e tem coisas que acontecem que... eu não posso identificar dizer uma coisa, alguma coisa que fica na minha memória, mas porque são bastantes.

**[BM]** E tem algum ponto que a gente não discutiu aqui, que o senhor acha importante, algum apontamento, algum comentário...

**[JM]** Nenhum comentário... fico feliz também pelo seu aí... você, pelo seu trabalho né, seu interesse de fazer esse trabalho e faz parte também de seu currículo, no seu programa, é sua caminhada como estudar também, é a parte teórica, mas espero algum dia também... isso leva a você também a fazer alguma prática também, de alguma instituição que ajuda as pessoas, e por que não aqui no CIBAI? Também sempre nós temos nossas portas abertas para as pessoas que quiserem ajudar os migrantes, e que quiserem se ajudar, também.

**[BM]** O senhor falando no CIBAI, eu vi que agora vai ter uma oficina de crioulo haitiano né... eu vou participar, estarei lá! Todas vão ser online, mas vou estar lá.

**[JM]** Ótimo, você já está inscrito?

**[BM]** Sim, já estou inscrito. Acho que me inscrevi ontem... é, ontem. Ontem de tarde eu fiz inscrição. Eu não sei se o senhor vai participar...

**[JM]** Eu vou ser um dos professores, somos dois professores, uma haitiana e eu, nós dois vamos. É mais o primeiro conhecimento sobre a língua, falar alguma coisa básica com os migrantes. Porque... o que surgiu essa ideia né? Tem pessoas

voluntárias aqui que falam francês, e quando eles estão atendendo os migrantes.... e os migrantes chegam a ser haitianos ou senegaleses, eles começam com uma palavra, uma frase em francês, *bonsoir*, *bonjour*, eles se sentem felizes, e isso faz parte da acolhida, entendeu? Entra e se sente à vontade, porque a língua é uma porta, sabe? Você chega no país... não sei se você tem o conhecimento, tinha viajado para outro país... você chega no país, encontra todo mundo falando inglês, falando inglês... você encontra uma pessoa, só uma pessoa que fala uma frase em português, então você se sente bem. Então isso faz parte da acolhida, então a gente abre isso como uma forma de acolhida e para as pessoas voluntárias que estão aqui trabalhando com os migrantes e outros voluntários também, que tem uma certa proximidade com os migrantes haitianos. Isso ajudaria, isso seria uma porta de entrada, é um jeito de adquirir confiança da parte do outro que fala crioulo e que não fala bem português. Então o fato de perceber que você está fazendo esforço para falar sua língua, crioulo, que você não está nem no Haiti, então isso vai motivar ele também... a pessoa, para falar português, entendeu? Isso é uma dinâmica, é um jeito de integração também, uma forma de integração também. Por isso... isso surgiu, né.

**[BM]** Então nos veremos lá também! Muito obrigado, agradeço mais uma vez o senhor pela disponibilidade, pelo tempo, já é tarde e o senhor se disponibilizou a participar da entrevista comigo... e mais uma vez obrigado então pela participação.

**[JM]** De nada, imagina. Sempre à disposição aí, a gente se encontra lá na na aula de crioulo haitiano. Um abraço.

**[BM]** Boa noite.

**[JM]** Boa noite.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA COM MÃE NEGRITA DE OYÁ

**[Bruno Müller]** Bom dia.

**[Mãe Negrita]** Bom dia. Prazer... a gente não conseguia se falar nessa vida louca, todo mundo em casa e mesmo assim não conseguia se falar.

**[BM]** É verdade. Agora tudo online, tudo a distância, né?

**[MN]** É, tudo muito louco, é tudo muito doido, gente...

**[BM]** É uma coisa que eu acho que ninguém... já aconteceram outras vezes no mundo mas a gente nem imaginava que ia passar. Pelo menos hoje em dia a gente tem internet para conversar né.

**[MN]** Tentei usar o fone aqui mas não deu... a tua última frase eu não ouvi, amado.

**[BM]** A última pandemia que teve foi há 100 anos atrás e não tinha internet, então não dava pra se ver nem à distância.

**[MN]** Eu acho que a internet é o que está nos salvando né... tá doido... olha só salvando de não ficar surtado e não enlouquecer, de não tá pior a situação, porque realmente eu acho que essas redes têm dado um... têm feito um serviço, ai nossa, fantástico. Muita coisa boa, muita criatividade, muita juventude, muita descoberta e muita socialização do conhecimento né, porque antes as pessoas tinham mas acho que ficavam muito para si, aquela coisa de só “eu vou vender”, “só vou fazer tal livro”, “vou fazer tal coisa” e agora não, parece que tá tudo muito aberto né... muito “pega, vai, pega”. Acho que está sendo importante também né para nos ressignificar.

**[BM]** Eu acho que depois de tudo isso, a gente tem que ver o mundo de outra forma. Claro, é uma tragédia sem tamanho né, mas a gente tem que tentar tirar algo bom daí, um aprendizado.

**[MN]** É verdade, é verdade... mas como é que tu chegou no Brasil?

**[BM]** Eu sou daqui mesmo. Nascido e criado em Porto Alegre. [risos]

**[MN]** E por que a pesquisa com os migrantes?

**[BM]** Bom, se a senhora me permitir, eu vou me apresentar, então.

**[MN]** Claro!

**[BM]** O meu nome é Bruno Müller, eu tenho 28 anos, nascido e criado aqui em Porto Alegre, morei minha vida toda no bairro Alto Teresópolis... e vivi minha vida toda aqui em Porto Alegre. Eu estudei também a vida toda escola pública, fiz meu ensino médio ali no Parobé, no Centro, fiz o técnico em eletrônica também, que é uma área bem diferente de Relações Internacionais e migração, né? Eu entrei na UFRGS curso de engenharia elétrica. Fiz alguns semestres, mas não me adaptei ao curso, não era o que eu queria, e acabei indo para uma área que eu sempre tive interesse, sempre gostei de História, Política, Economia... então nas Relações Internacionais eu ia ter essa oportunidade de trabalhar com todos esses assuntos. Agora mais pro final do curso né, eu entrei em contato com a professora Pâmela, numa cadeira eletiva, e ela acabou nos trazendo uma nova perspectiva de pesquisa, quais temas pesquisar nas Relações Internacionais, a temática da migração. E eu sempre tive interesse em estudar religião, História da Religião... como manifestação cultural, sabe? E aí surgiu a ideia, então, de relacionar religião e o processo de migração, através do acolhimento de imigrantes e refugiados por religiosos...

**[MN]** Que legal. É, eu vi ontem ali no teu trabalho, eu acho que tu pegou assim um tema bem complexo né, porque falar de religiosidade, tanto uma como a outra, não é fácil nesses tempos de intolerância... principalmente da nossa de matriz africana,

que é uma das que mais tem sido afetada, e falar da questão dos migrantes também né, dessas migrações que estão aí... é um trabalho invisível nesse... nesse desgoverno né? Tu pegou aí muita responsabilidade né? Eu acho que é bom, porque é um desafio, tu jovem aí e tem essa disponibilidade, mas eu tô aqui para ajudar né, tô aqui pra contribuir. Então eu fico à disposição para ver como é que eu posso... ontem eu li um pouco aí eu digo “nossa!”, mas é eu e o padre Jameson, que é uma pessoa fantástica também, eu conheci ele agora... eu e o meu esposo estivemos com ele... acho que quatro meses, a gente precisou acolher uma haitiana, e a gente conseguiu uma casa para ela morar. Então assim, deu todo um movimento e a gente chegou até ele, ou ele chegou até nós... ah, é... eu pedindo ajuda na rede, assim nos conectamos, e eu já conhecia o trabalho dele quando estive à frente do Estado, mas eu não conhecia ele pessoalmente. Nos vimos em alguma reunião, mas eu não atentei porque era muita demanda. Eu trabalhei no Estado, uma pauta muito louca, assim, desde a acolhida, da chegada dos haitianos né... e outros grupos na rodoviária. Era eu e meu esposo que íamos lá às 4 horas da manhã, às 5 horas da manhã e ficava com a caminhoneta do estado, porque a hora que ele ligava “chegou o ônibus”, eu já tava fazendo contato direto com a empresa que tava mandando os ônibus trazê-los né, foi uma coisa muito doida isso, e aí eu tive a oportunidade de conhecer esse padre, mas eu escutava dele... “não, o padre tá no CIBAI”, mas eu não sei até porque eu acho que não era esse padre a referência do CIBAI, e depois quando o governo disse “olha tá terminando o mandato...” e eu digo “tá, e aí? e os haitianos?”. Eu era responsável por toda a diversidade do estado, eu era Coordenadora da Igualdade racial do estado, então depois do governador, quem falava na pauta da negritude, da religiosidade, das imigrações e outros segmentos no estado, era eu. E aí ele disse “olha, nós não temos o que fazer”. Já tínhamos conseguido espaço para ficar na lá na Brigada né, no alojamento da Brigada né, e assim, foi todo o trabalho lindo de construção, de... e eu acabei, acho que... meio que abusando assim... acho que avançando na pauta do estado e me apropriando dele, no sentido de ser mãe, né? E aí eu dizia para eles “olha, gente”, pegava o lápis, e ia lá todos apavorados, querendo pelo emprego, sua família esperando, porque a maioria deles vieram pelos coiotes né, então foi muito sério a vinda, e deixaram os familiares lá, e tinha muita coisa em jogo ali, desde familiares, de filhos, de irmãos, tudo, e eu dizia pra eles: “olha, vocês vão conseguir um emprego para todos”, porque eu tinha, no fim, depois de todos que chegaram

aqui, que eu consegui acolher, e levar para lá, e fazer esse movimento, foram mais de 200. Ou vai para o CIBAI, ou vai pra Santa Catarina, vai pra São Paulo, volta pro Paraná, para Curitiba. E aí que sobraram nove. E eu disse: “nossa”, e aí o meu marido disse: “e agora?”, e eu disse pra ele “e agora?” [risos], aí a gente se olhou... não podemos abrir as portas da Brigada e dizer “ó, vai mudar o governo, vão embora”. Então isso começou também me... sei lá, me incomodar e desacomodar, e eu conversei com meu esposo... “e aí, quem sabe a gente acolhe eles na nossa casa?” Não tinha lugar, não tinha igreja, lugar nenhum. “Quem sabe a gente acolhe na nossa casa?”. Nossa, o pessoal das igrejas, da secretaria, da prefeitura ficaram enlouquecidos. “Mas como que tu vai fazer isso, Negrita? Como que tu vai...”, eu disse: “olha, na rua não vou colocar...”. E aí eu dizia para eles: “vão todos trabalhar juntos”, porque aí eu conversava... começou uma aproximação, e eu dizia para eles “ninguém se separa porque se vocês se separarem vocês vão ficar frágeis”. Aí tinha um no grupo que era muito... de mais idade assim, sabe? Tinha quase 60 anos, e eu pensava também nele, porque se esse grupo se separa, os mais jovens conseguem emprego e esse aí morre de fome, porque né, não vai ser acolhido. E aí eu ia todos os dias lá, depois comecei a levar minha mãe, meu filho e a esposa para conhecer eles e tudo, e eu pegava um lápis e dizia: “olha esse lápis, se vocês se separarem, olha aqui” e quebrava o lápis. Eles ficavam se olhando... “uma pessoa só”. Aí pegava nove, “olha aqui, quem é que quebra?”. Passava, ninguém quebrava. E aí depois eu disse: “esse é o trabalho que vocês estão fazendo aqui no Brasil, e vocês vão conseguir emprego para todos”, e aí eu já tava saindo do estado. Nos últimos dias, e eu desesperada, minha chefe dizia assim: “negona, larga, larga... porque tu vai sofrer, não são teus filhos...”, e eu: “não largo, não largo, são meus filhos, vou acolher...”. Então foi uma relação muito desafiadora né, entre eu e o estado, e eu com a demissão nos últimos dias, eu disse: “pode me mandar embora, mas que agora não vou largar, não vou largar mesmo”. Aí vinha alguém lá de Tapes, daquele lado, querendo levar um e eu “ou vão os nove, ou não vão ninguém”. “Mas como?” Aí chegavam lá no grupo, conversavam com eles... “olha, nossa madrinha, disse que consegue nove vaga ou não consegue nada”, e eles fecharam assim, sabe? E eu digo, nossa, eu chorava todas as noites, porque como é que eu posso fazer isso com as pessoas, né? Muita responsabilidade. E aí eles lá no alojamento, terminando o governo do estado, assim, nos últimos dias fui para o Rio de Janeiro fazer uma formação, e a minha chefe, minha chefe imediata, a Eliene Amorim, ficou em

contato, sabendo do meu problema, disse “olha, vou numa reunião”, aí foi na reunião lá com sindicalistas, falou com um rapaz... Mateus... do Sindicato da Construção Civil. E aí... Mateus, e aí ela disse para ele “ela não vai largar se não conseguir”. E ele disse “ai, eu consigo umas vagas na OAS, estamos lá com construção no aeroporto, eu consigo mais vaga, mas tá difícil com esse governo, está trocando...”, e ela “mas se tu conseguir nove vagas tu pode levar eles, se tu não conseguir tu não vai tirar eles de lá, porque ela não vai deixar e eles não vão sair”. Então já tava assim, o estado já tava entendendo nosso caso e fechando também, porque eu disse para elas né, eu não me preocupo com dois ou três ficaram, nove. Então esses nove precisam ser colhidos por um espaço que dê para nove pessoas... “mas isso não existe”... “existe sim”... Aí começou aquela teimosia entre eu e o estado, fizemos campanha, conseguindo roupa, comida... alimentos. Nossa foi muito muito lindo, assim, Um dia ela me ligou, eu tava no Rio de Janeiro e ela me ligou dizendo “olha, o Mateus disse que é possível conseguir emprego para os nove, tem que fazer entrevista lá para empresa, tem que levar eles...”, eu digo: “tá, conseguindo nove vagas, ok”. E eles foram lá pra levá-los né, para conhecer a empresa... “não, a gente veio aqui buscar vocês para levar...” e eles “não, não, só se vocês falarem com a nossa mãe no telefone e ela disser para vocês que nós podemos ir”. E eu no Rio de Janeiro no Congresso, aí eles me ligaram dizendo assim: “não, se você autorizar por telefone, a gente sabe que nós podemos ir”. Aí eu conversei com o pessoal do sindicato e disse “eu não sou a mãe deles né, mas eles me deram esse nome e eu sou do estado. Mas se vocês levarem os nove para ver a possibilidade de conseguir vaga para os nove, vocês podem levá-los.” Aí eles foram, tiraram fotos, me mandaram fotos né, porque estavam lá, foram acolhidos, almoçaram no restaurante, conheceram a empresa... conseguiram emprego para os nove de carteira assinada, de vale-refeição, vale-transporte, então assim, nossa, os direitos né, que hoje estão estão nesse desmonte louco aí... e aí eles começaram a trabalhar, ficaram por meses lá. Então eu tenho um pouco essa para história assim para dividir com você agora nesse trabalho e também algumas ações depois que nós fizemos com eles que a Pâmela também ajudou muito né, ela conseguiu... a gente fez uma rede... já tinha uma rede pequena e ela entrou e ampliamos essa rede. Então ela conseguiu assim com o pessoal... eu acho que foi o Mensageiros da Caridade, essa rede maravilhosa que ela tem também. Aí conseguimos nove caminhas, nove cobertores, nove travesseiros, nove jogos de lençóis para eles.

Depois que eles ficaram na minha casa 45 dias, a gente conversou, perguntando se estava tudo bem. “Ah, madre nós não queremos atrapalhar, nós queria ir para outra casa, porque agora a gente tá trabalhando”, e eu digo: “então eu não vou largar vocês, vou acompanhá-los... e aí eu vou conseguir uma casa”. Aí, no fundo da casa da minha mãe, tinha uma casa vazia e arrumamos, organizamos, e era uma coisa muito louca porque eles, nos primeiros dias que a gente levou eles para lá, o último que fechava a porta, deitava na porta, então assim, não tinha uma acomodação organizada porque era cama e sofá né, e o último que fechava a porta deitava ali né, porque não tinha mais espaço. Aí eu conversei com a Pâmela né, “olha, como é que tá lá os filhos?”, “Estão bem, estão amontoados mas estão bem”. Aí ela disse: “não Negrita, pode deixar”. Não demorou, eu acho que uma semana, ela correu, e aí consegui nove caminhas, e aí a gente organizou, meu marido foi lá e ajudou a montar. Aí depois quando a gente saía com eles no final de semana, porque a gente tinha, graças a Deus né, tinha dois carros, então eu saía dirigindo um né, levando cinco, que era uma caminhoneta, e o meu marido levando quatro no outro carro. Aí a gente chegava lá nos postos de gasolina as primeiras vezes e as pessoas se assustavam, seguravam bolsa e tudo, e aí nós já tava acostumado a ir ali, e a gente “não se preocupem, gente, não se preocupem, são os imigrantes”, aí as pessoas baixavam a guarda. Foi muito preconceito assim que eles enfrentaram, muito, muito. E aí o meu marido dizia assim: “aí vai a Preta de Neve e os Nove Anões” [risos]. Então a gente saiu muitas e muitas vezes com eles e íamos para um lugar lá, tomar banho no açude, e eles pareciam crianças e tudo. A gente adotou eles. Com a chegada do novo governo, eles estavam muito bem na OAS, e aí começou essas loucuras de desmonte todo, eles começaram a se comunicar numa rede muito louca e se mudaram assim, digamos uns.... acho que assim, logo que começou essa loucura da pandemia, para mais perto do emprego, porque também eles acordavam umas cinco horas da manhã, pegavam dois ônibus... eles viviam para trabalhar. Chegavam assim... em frangalhos em casa né. E vinham para dormir. E claro, a gente ficou a 5 km deles, não tinha mais... nós dava aula para eles escrever, nove línguas né. Assim, pegava guarani, pegava o crioulo e pegava francês, pegava inglês, pegava o espanhol, pegava o português e dava aula para eles, colocava na geladeira, na parede, para eles aprenderem e foi muito legal porque o pessoal da OAS dizia: “olha, os filhos da Mãe Negrita lá, quando eles chegam...”, a gente falava muito, deu muita aula eu e meu esposo para eles... cidadania, de ética, direitos

humanos, relação sexual, de cuidado diário, de tudo, e eles diziam assim: “Quando chegam os filhos da Mãe Negrita na empresa, a gente conhece, consegue ver onde eles estão, porque eles andavam unidos”. Todos tinham o mesmo jeito de se colocar de andar, de estar lá, de saber o que tá fazendo né, e mandavam dinheiro para os seus familiares no final do mês. Foi muito muito gratificante, muito, muito forte né, esse nosso contato, e não só eu, mas meu esposo, minha mãe, meu filho, porque a gente aprendeu muito, muito, muito, nessa questão de não ter nada, de tá sozinho aqui no país né? Um dia, um me chamou lá no lá no espaço lá da Brigada ainda e disse assim: “madre, preciso te contar uma coisa”. E eu “mas meu Deus, o que houve?”, “Minha mulher está *embarazada* de três meses”. Então a gente acompanhou também a gestação, dessa gravidez. Depois ele foi... esse daí foi um... cada um tem uma história né? Só um deles que eu soube que faleceu infelizmente, né. Depois de muitos anos faleceu no Haiti. A gente só soube notícias assim pelo Face, mas assim uns foram e teve dois ou três que... um tá no Chile, dois voltaram... tem um que foi depois desse grupo, voltou e trouxe o irmão, e o irmão trouxe se essa pessoa, essa companheira que é a mãe desse outro bebê, que está em outro lugar agora... e o irmão dele foi para São Paulo, e de São Paulo foi para o México né. Tá trabalhando no México. Então assim, eles têm histórias lindas assim né, desses movimentos todos e que a gente sempre recebe notícias, “e aí madre, como está? Tudo bem?” Então foi muito lindo assim, muito potente, esse nosso contato com eles. E agora nós temos um, desse irmão foi para o México, que esse não era do grupo dos nove, e acabou vindo depois, sendo foi acolhido e entrou na nossa vida, nos chama de madre, chama meu esposo de padre, e tá sozinho ali, por enquanto né, que esse relacionamento dele não deu certo, e mora na frente da nossa casa. Então eles construíram, meu esposo ajudou a construir a gente deu para eles um espaço ali, um espaço físico e eles construíram uma casa para os dois morar né. Então eles pegaram ali, ajudaram. Aí agora, outro que foi para o México deixou ele, e ele né, trabalha, trabalha, trabalha muito também, sai cedo volta, tarde, é da igreja evangélica né. E se dá muito, muito bem com a gente. Então assim, uma ou duas vezes na semana a gente se vê, e vê como é que tá, aí fala para o telefone... e ele tá bem sim. Agora ele quer arrumar outra esposa né, estão conversando lá com outros haitianos, para morar com ele, para não ficar sozinho. Então acho que é importante dizer o quanto eles estão vivos e sobrevivendo, e

principalmente nesses tempos loucos que nós estamos todos... nessa busca da sobrevivência. Então esse é um resumo rápido do meu contato com eles...

**[BM]** Então, a senhora já deu um belo depoimento, e eu tenho mais algumas perguntas, se a senhora puder me responder... e assim, se em algum momento eu usar algum termo, falar de alguma forma... a senhora tem toda a liberdade para me corrigir, me explicar... tô aqui para aprender com a senhora, né.

**[MN]** Tá, então não me chama de senhora, me chama de Negrita. [risos]

**[BM]** Tá bom [risos]. A primeira pergunta... eu quero pedir para a Negrita se apresentar... provavelmente o principal público que vai ler esse meu trabalho são alunos de Relações Internacionais, e tanto o tema da migração, como a religião nas Relações Internacionais são dois temas que não são tão discutidos... isso eu pesquisei um pouco sobre trabalhos de conclusão na UFRGS né, são dois temas que são pouco apresentados. Então eu gostaria que a senhora se apresentasse, falar um pouco da sua trajetória, da sua biografia né... um pouco da sua trajetória profissional, que sejam importantes para os leitores do trabalho conhecerem a sua jornada.

**[MN]** Ok. Então, meu nome é Eliane Almeida de Souza, sou mais conhecida por Negrita ou Mãe Negrita da Oyá, né. Sou moradora da Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, e é deste lugar que eu falo né. Lomba do Pinheiro. O lugar onde eu concedo essa entrevista para vocês chama-se Sociedade, né... o Templo Africano Iansã e Xangô, falo na condição de yalorixá né, de mãe de santo, de zeladora de santo... que a gente sempre diz que santo não tem mãe [sorriso], então falo na condição de zeladora de santo, e professora, pedagoga. Fiz meu mestrado e doutorado na UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fiz o meu pós-doutorado na FURG, Universidade Federal de Rio Grande, que é o extremo Sul do Brasil, então eu venho, chego até você através da Pâmela Marconatto, minha colega da Universidade, uma pessoa que eu tenho muito apreço, e agradeço a oportunidade de estar contribuindo com essa pesquisa. E a minha trajetória de luta, de caminhada social, é dentro do movimento negro. Faço parte... fundamos uma ONG chamada IAFRA (Instituto África-América) há mais de 20 anos,

e hoje ainda continuo integrante desta dessa ONG. Faço parte do conselho, sou diretora... presidente honoris causa, é isso... no caso aqui é o cargo né, mas assim, só para dizer que o IAFRA é uma ONG que caminhamos com ela, nas formações, nas questões pedagógicas, as questões políticas, sociais, eventos, atividades que dialogam todos com as questões da negritude, e por dentro das questões da negritude ou colada está a religiosidade de matriz africana. E por integrar esse segmento que vem sendo não só discriminado, mas que vem sendo afetado pelas discriminações, pelos preconceitos né, pelas injustiças sociais, a gente tem uma religiosidade de muita resistência né, pela maioria da comunidade que integra a religiosidade africana é a comunidade negra, mas temos também os não-negros, que são bem-vindos, mas a gente fala desse lugar de história né, de ancestralidade, de memória sobre essa perspectiva da religiosidade. Tem vários segmentos da religiosidade. Eu sou do segmento de jêje-ijexá né, que também é uma das linhas né... a gente chama de linhagens né, dessa religiosidade, que trabalha com as energias da natureza. Então, para nós, tudo é energia né, e as energias da natureza estão ligados aos Orixás, que podemos chamar de Bará, Oxum, Xangô, Iansã, Xapanã, Iemanjá, Ogum, Nanã... e por aí vai. Nós temos os principais, que são doze, mas são muito mais, mas que a gente dialoga mais, mais aproximação são doze. E é assim, nesses tempos de pandemia, nas nossas casas, por exemplo, algumas... mas as nossas, a minha e o terreiro da minha mãe, nós estamos fechados e atendemos somente online, virtualmente, e sabemos que muita gente não está nem conseguindo acessar né, os seus filhos de santo, como a gente diz, os seus clientes, os seus amigos para ajudar... porque não dominam as tecnologias, e a gente conversava um pouco sobre a importância das tecnologias na nossa vida né, tem sido fundamental. Então assim, a minha mãe é Mãe Cenira de Xangô, é a bacia né de onde eu falo, ela é minha mãe espiritual, minha mãe religiosa como a gente diz, e é minha mãe biológica, e eu chego até ela na condição de yalorixá, de filha de santo feita e preparada por ela depois de muitos anos, porque eu fui iniciada em outras casas, com outras pessoas, mas se foi toda uma caminhada, um processo, né. Eu tenho mais de 30 anos na religiosidade de matriz africana, então é desse lugar que eu me apresento, que eu falo com vocês, dizendo que é periferia, que é um espaço negro, que a gente tá aí para dialogar com as diversidades e depois eu vou falar um pouco dessas diversidades aonde vai entrar a pauta com a questão dos

imigrantes, que nós também tivemos oportunidade de conhecê-los, acolhê-los... não todos, alguns, aqui no Brasil.

**[BM]** A próxima pergunta já entra mais no tema do refúgio e da migração. Como esse tema entrou na sua vida? Em que momento ele entrou na sua vida? E, de que maneira este tema dialoga com a sua religiosidade?

**[MN]** Então, nessa caminhada né, educacional, e depois eu entrei na UFRGS também para fazer o mestrado e não parei mais de estudar... só parei no ano passado quando eu terminei meu pós-doutorado, eu tive contato com vários grupos e segmentos né, e trabalhos também. Eu parto da questão do Estado, né? Em 2011, depois de uma longa campanha política, uma caminhada também social com o governador Tarso, nós entramos no governo, eu assumi na Secretaria de Educação do Estado a parte de Coordenadora da diversidade, e ali dialogava já com educação do campo, com gênero com, os direitos humanos, com a pauta da negritude, dos quilombolas. Então assim, esse esse trabalho foi muito potente né, muito significativo, que foi a minha chegada no Estado, na condição de Coordenadora de uma pauta muito forte e que já veio com esses meandros assim, com esses eixos, e foi muito importante porque aprendi muito na prática com essas questões, e trabalhava, já dialogava com 497 municípios. Então, uma vez por mês, nós fazíamos formações com 30 Coordenadorias, que se chamam Coordenadorias Regionais de Educação, e cada representante da diversidade vinha desses eixos e fazia uma formação conosco né, se enchia de conteúdo, de trocas, e levava aos seus municípios a pauta do Estado sobre essas questões. Então nós tivemos muita ação, muita atividade, muita formação, abrimos o diálogo, estreitamos o diálogo com os movimentos sociais, levamos para dentro da secretaria os tambores, a religiosidade, a educação do campo, a diversidade, todas essa riqueza. Isso para mim foi muito potente, muito potente. Depois, passando por um problema de saúde, eu tive que ficar um pouquinho afastada. Aí quando eu voltei, eu não pude mais ficar em grupos grandes, abertos né, porque a Secretaria de Educação, a nossa aqui, não tem divisória, é tudo aberto né. Então não pude ir para lá, eu não podia me expor. E aí fui para a FDRH (Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos) né, que é um lugar pequeno, que trabalhava... que era uma rede escola de governo, onde eu fui Coordenadora pedagógica. Então na FDRH, que também era uma estatal nossa,

aqui do Estado... hoje não existe mais, infelizmente, né... e trabalhei com projetos nas universidades, de coordenação, lá na FACCAT, na UFRGS né, em outras instâncias, e foi muito importante também, porque nós realizamos formações e eu consegui levar para a FDRH essa diversidade também. Fizemos, por exemplo, não só nas pautas pedagógicas do currículo, mas uma ação que combinou um pouco com aquilo que a gente se propõe, que eu me propunha, mas que coleí nessa rede e movimenteí, então fizemos grupos e coletivos... então a gente se propõe. E aí fizemos na FDRH uma grande ação da pauta da semana da Consciência Negra, abrindo na prática, de novo, a inserção dos movimentos sociais, da religiosidade, de todas essas diversidades na prática né, se apresentando, mostrando, expondo... então foi muito lindo. E depois desta ação, então, eu integro a Coordenação Geral da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. Então, depois do governador do Estado, quem assumiu e falava da pauta da questão racial, da questão também religiosa, da diversidade religiosa... aí eu vi que na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos havia alguns comitês. Tinha ali o comitê de migração, aí dialogava com o pessoal do CIBAI, dialogava com o pessoal de outros lugares ali, que estavam com esse movimento né, porque a Dilma tinha assinado um termo de cooperação e abrindo as portas, as fronteiras né, para que nós acolhêssemos os imigrantes.

**[BM]** Isso foi em que ano, mais ou menos?

**[MN]** Olha, eu que começou esse movimento em 2013, porque quando eu cheguei em 2014, esse movimento já estava assim se constituindo, então eu acho que foi em 2013. Então a gente... e aí o pessoal, a minha chefia imediata disse: “olha Negrita, tu também tem essa responsabilidade assumir, integrar o comitê, sair no Diário Oficial, e não é papel, é prática”. E fazer reuniões, e ver como é que a gente faz a acolhida dessas pessoas que estão chegando. Eu pra mim era muito tranquilo, “ah, acolher, tá bom, né”... tem uma rede, vamos lá receber e fazer as boas-vindas... e eu comecei a ver que não era bem assim né, que essa acolhida era uma acolhida necessária, primordial, porque quando a gente começou a ver o tamanho dessa pauta né, entre as outras que eu já coordenava, mas essa foi a que eu acho que eu mais me joguei assim, pela necessidade mesmo... a gente começou a ver que tinha uma rede e que tinha um movimento, aonde as pessoas lá no Haiti conversavam com seus familiares, né... me desculpa se eu chorar porque é muito pesado né, falar

sobre isso, mas é muito importante, muito lindo assim, e aí conversavam com seus familiares, se despediam deles e diziam: “nós vamos para o Brasil porque lá as coisas estão muito boas”, o Haiti recém tinha passado por mais um terremoto, então tava uma situação bem difícil né, e eles estavam vendo aqui no Brasil uma perspectiva, não só de qualidade de vida mas de... para eles para, os familiares deles. Então eles vieram, chegaram aqui com muitos sonhos né, muita vontade de trabalhar, muita vontade de crescer, muita vontade de viver. E aí nós começamos... fizemos uma rede né... nós que eu digo Secretaria do Estado, prefeitura, Brigada Militar, outros... que a gente começou a ver que esta demanda foi exigindo outras frentes para proteção mesmo, né, da vida deles. Então eles chegavam, e depois de quatro, cinco dias em viagem de ônibus, eu acolhi aqui mais de duzentos haitianos. Então quando a empresa ligava para minha casa ou para mim e dizia: “às quatro, cinco horas da manhã vai chegar um ônibus com tantos haitianos”, eu me arrumava, pegava o carro do Estado, eu e o meu esposo e íamos para a rodoviária. E chegávamos lá, a gente olhava assim aqueles rostinhos, tudo perdido. Porque alguns queriam ir para Santa Catarina, outros queriam o Paraná, outros queriam São Paulo, que alguns já tinham, por exemplo, algumas pessoas deles, que já tinham vindo antes. Então eles diziam: “não, vem pro Sul... é São Paulo, vem pro o Sul... Santa Catarina, vem pro Sul... Paraná”, então para eles tudo era Sul. E aí a gente começou a ver assim, “tá, mas você vinha, você passou por Santa Catarina, você passou por São Paulo, você passou... por que você não desceu?”. E aí, claro nós íamos lá com tradutor né, e eles diziam assim: “a gente nem sabe onde nós estamos, nós só sabemos que nós estamos no Sul”.

**[BM]** Eles vinham pelo Acre, né?

**[MN]** Eles saíam do Acre, eles iam pelo Acre. Do Acre até aqui dava cinco dias, né. E a gente começou a se assustar assim porque os ônibus não paravam de chegar e a gente começou a tentar fazer uma rede dizendo: “olha quando, chegar em São Paulo, fala com essa empresa e diz para eles, quem vai para São Paulo, fala” e os motoristas até diziam: “ó, que vai ficar em São Paulo, desce”, mas eles não entendiam a nossa língua. A maioria deles falava crioulo, poucos inglês, e aí eles não desciam. Quando chegava aqui, nós tínhamos a obrigação enquanto Estado de acolhê-los, porque senão eles iam atravessar a rua e ir pro meio da rua. A gente

começou a passar na rodoviária e ver que alguns já tinham chegado em outros ônibus, que não era só aquela empresa né, e tavam ali, sozinhos.

**[BM]** Sim... já chegaram e não tiveram nenhum contato com eles...

**[MN]** Não, porque eles achavam: “vou chegar lá e vai ter alguém do meu familiar, que eles disseram que era no Sul, me esperando”... só que o Sul deles era Santa Catarina, e a gente olhava... “o que você tá fazendo aí?”, “eu tô aqui esperando meu familiar”. Às vezes nós pedíamos o contato, quando eles começaram a entender que a gente era do Estado, que era da prefeitura, que não ia... porque também é muita maldade, que não íamos fazer mal para eles, que eles confiassem em nós. Então a gente conseguiu acesso do contato deles lá de Santa Catarina, de São Paulo, de outros lugares que já tinham passado, Curitiba... e aí fazia o contato, comprava passagem para eles, eles não tinham nem comida e nem dinheiro para passagem. E olhavam para nós assim, tipo “a gente vai esperar aqui a nossa família nos buscar”, e eu dizia “mas aqui não é a rodoviária de Curitiba”, “aqui não é a rodoviária de Santa Catarina”, “que não é a rodoviária de São Paulo”. Foram os lugares que eles mais vieram, né? E aí eles olhavam para nós e “não, a gente vai esperar aqui” e eu “não, mas então deixa a gente ajudar”. E aí nós conseguimos, então, através dos tradutores, o pessoal do CIBAI né, e essa rede toda, aí. Eles voltavam, às vezes a gente comprava... o Estado ou município... comprava a passagem, às vezes mandava lá um código deles lá na rodoviária de lá para embarcá-los. Olha foi muito complexo assim, sabe? Muito complexo. E aí nós começamos a ver que esse era o nosso trabalho, então, enquanto estado. Às quatro horas amanhã, às cinco horas da manhã, pegar o carro e ir pra lá esperar o ônibus chegar, acolher, dizer para eles “não saiam daqui, fiquem juntos, não se percam”, porque nós tínhamos medo que eles se perdessem e que alguém fizesse alguma maldade, que eles chegavam aqui... né, soltos assim, e muitos também não se conheciam entre si, não eram familiares. Então também não tinha esse contato. E eu nunca esqueço assim né, quando chegavam as mulheres elas... eu não sei que tanta dor que elas tinham, que elas não olhavam para nós elas não conversavam conosco, sabe? Era tanto medo, era tanta insegurança, que a gente dizia: “não, mas nós estamos aqui para ajudar” e elas não confiavam, sabe... sei lá, elas só dialogavam com os homens. Nós temos... depois eu quero te passar as imagens, também, a gente conversava com os homens

e as mulheres continuavam assim, a maioria delas, não todas, de cabeça baixa e virada pra parede, não nos olhavam. E nós fizemos esse movimento muito potente, eu larguei algumas pautas assim, da Secretaria, pedi para outras pessoas ajudar... e fiquei assim, muito muito... acho que eu fiquei uns três meses nessa pauta de acolhida, de chegada, de chamar o pessoal da prefeitura... o pessoal da prefeitura foi incansável também né, o pessoal do CIBAI ia lá com tradutor, chegava com alguém sempre, tinha outras redes, a UFRGS também, outras redes que estavam comprometidas com esse processo da acolhida, e de ver para onde vai. Muitos começaram a ir para as paróquias também, teve o Centro Vida, aqui na Baltazar de Oliveira Garcia, em Porto Alegre, que muitos também foram pra lá. Até ano passado, quando nós fomos lá, nós vimos alguns ali também, e nesse movimento todo que a gente acolheu e que a gente ajudou assim, mais direto, foram mais de duzentos, eu tenho certeza disso. E quando terminou todo esse movimento que eu disse: “ bom, chega, não vai vir mais nenhum ônibus”, não sei o que aconteceu que parou, o que aconteceu lá, ou começaram a ir para outros lugares, “não vai vir nem um ônibus pro Sul?”, “não, não vai”... nós olhamos assim, na rodoviária, o último ônibus que trouxe... tinha nove né. Aí a gente olhou e disse: “tá, e aí? Vocês vão para onde?”, “nós não temos para onde ir”, “tá, mas vocês vieram como?”, “ah, a gente não tem familiar aqui, a gente não tem pra onde ir”... e eu só contava: “1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9”. E aí a gente entrou em contato com o pessoal da Brigada e conseguimos que eles fossem para o alojamento da Brigada Militar no Estado do Rio Grande do Sul. Aí, então, tivemos que fazer uma conversa a Brigada para entender que eles iam ocupar o alojamento ali por uns dias para a gente resolver, um emprego, para onde eles iam né, e isso já era dezembro, terminando a gestão Tarso, terminando a gestão do governador. Nós já tínhamos perdido as eleições em outubro, sabia que não ia dar continuidade a esse projeto, essa política de acolhimento principalmente, que eu acho que até foi por isso que pararam a chegada deles pra cá. E aí desses nove, a gente começou a dialogar... não tinha mais onde colocar, não tinha mais lugar, não tinha lugar no CIBAI, não tinha lugar nas igrejas, não tinha lugar em lugar nenhum. E aí a gente levou eles para o alojamento, e eu ia lá porque eu era a referência do Estado, e comecei a conversar com ele dizendo: “olha, tá tudo bem aí?”. Levávamos comida, a prefeitura também ia lá conversar com eles, outras pessoas conversavam, e eles diziam para nós: “só queremos trabalhar, nós estamos aqui porque nós queremos trabalhar... nós chegamos aqui né, e estamos em dívidas

lá com os coiotes, estamos em dívida com outras pessoas em nosso país, a nossa família precisa receber o nosso dinheiro para sua sobrevivência, subsistência...” e por aí vai. E eu: “e agora?”, entregando a pasta no Estado sabendo que não ia ter como deixá-los naquele alojamento depois do dia 31 de dezembro, porque o prazo foi esse, 31 de dezembro, e não tinham para onde ir, não tinha mais espaço, nós já tínhamos tentado todas as possibilidades. Aí nós colocamos na pauta, num evento, até muita gente disse que eu não deveria fazer isso. Aí conversei com meu esposo, minha mãe, eu disse: “vamos acolhê-los na nossa casa”. E aí “não, mas como?”... “a gente não pode pôr na rua, a gente é uma referência ali, né. Eu acho que o Estado enquanto Estado não deve fazer isso, mas enquanto ser humano, pessoa, eu acho que é indigno. Então eu estou assumindo a pauta não de Estado né, mas sim de pessoa”, e assumi essa responsabilidade, na condição de humanidade. Eu jamais gostaria, aceitaria, entenderia uma pessoa nossa, brasileira, chegando num país sem nada, nada, porque só tinham a roupa deles, não tinham nada... e o sorriso né? E chegando em outro país e em sendo posto na rua né, pelo Estado ou por outras pessoas. Então eu assumi a responsabilidade, fui criticada, fui chamada a atenção, que não deveria fazer isso, e eu digo: “bom, se você não vai fazer o que eu posso fazer no momento, então você não atrapalha, dá o ladinho que nós vamos fazer”, e tiramos eles de lá, do alojamento, dias antes de nós... não queríamos que o Estado chegasse e dissesse para eles “saíam, porque nós estamos em outro governo e não tem espaço para vocês nessa pasta”. Não tinha e não tem, né. Então, antes disso, acho que foi... eu não tenho lembrança das datas perfeito, mas acho que foi mais ou menos lá pelo dia... 10 de dezembro, porque nós passamos o Natal junto com eles né. E aí foi lá para o dia 10 de dezembro nós buscamos eles e trouxemos para a nossa casa, e começamos ali um processo de comunicação com eles: “olha, aqui tem regras, tem cuidado, tem ética, tem respeito”, aí é só eu e meu esposo né, que morávamos lá, “e assim, vocês estão chegando, nós estamos acolhendo vocês como os nossos filhos né, porque o Estado tá mudando o governo...”, expliquei tudo para eles, “está mudando o governo, você não têm emprego, mas a gente vai conseguir emprego para vocês todos, temos uma rede de contato com pessoas e a gente vai conseguir emprego para vocês”. Nisso, a minha Coordenadora geral, minha chefe imediata, Eliene Amorim, já estava conversando com alguns sindicatos em algumas reuniões dizendo: “olha eles estão saindo lá do alojamento que a gente conseguiu enquanto estado, mas nós não temos emprego ainda para eles e a gente

precisa conseguir”, e foi uma outra complexidade assim, porque chegava umas pessoas lá no alojamento para levá-los e só tinha uma vaga, três vagas, no máximo quatro vagas e eu dizia para eles: “não saiam, não vão” e eles “mas por que?”, aí eu pegava um lápis e quebrava “ó, se pegar uma pessoa aqui, uma pessoa sozinha é frágil, é fácil quebrar”. Agora, pegava nove lápis e passava para eles: “quem quebra? Quem quebra?”, e ninguém conseguia. Então falava um pouco dessa questão deles né, porque no grupo tinha um que tinha mais de 50 anos, eu tinha certeza que aquele seria a pessoa que não ia ser empregada, que não ia entrar no mercado, que não atendia às exigências do mercado. Então eles entenderam também isso né, e eu dizia para eles ficarem juntos e que vamos conseguir emprego para todo mundo. E todo mundo “tu tá louca? Larga, larga essas criaturas, deixa eles trabalharem”... “não, só se conseguir emprego para os nove”. Então, assim, era um mantra. Então um dia fui fazer uma atividade no Rio de Janeiro e me ligaram dizendo né, que a minha chefia tinha conversado com Sindicato da Construção Civil e que tinha possibilidade de levar os nove, as nove vagas. Então foi muito lindo assim, porque eu digo: “tá, ok, conseguindo as novas vagas, ótimo né. Vamo lá, trabalho. Toquem ficha”. Só que assim, quando foram buscá-los para conhecer a empresa eles não saíram, só depois de conversar comigo no Rio de Janeiro e autorizar por telefone dizendo: “não, eles vão conseguir emprego para os nove, então vocês vão tranquilo, vão seguros, tá tudo bem, são gente da nossa rede, e todos vão trabalhar”. Nossa, foi assim um momento de felicidade, eu chorei, chorei muito muito, né. Mas assim, é porque ali foi um pouco de dignidade, né? Ali eu vi que... nossa, nove haitianos com carteira assinada, né? Com o vale-transporte, com vale-refeição, que muitos brasileiros também não tem isso aqui né, e assim, como é difícil, né, uma política que... que tem essas pessoas na linha de frente com muita vontade de ajudar e que muitas vezes deveria estar mais forte né? Devia ser uma política realmente de Estado e não de governo, não de gestão... nós não temos ainda uma política de Estado, infelizmente nós temos uma política de governo. Cada um chega e não importa a pauta, essa é minha prioridade e o que tá construído, que começou, tira fora. Quer dizer né, nesse tira fora, ou para, ou desconstitui, estão ali os sujeitos né, sujeitos de Direito... de direitos violados. Eu já digo que é violação mesmo de direitos humanos. Então assim, né, eles começaram a trabalhar no dia... até fazer os documentos, essa burocracia toda... no dia 6 de janeiro, mas antes de conseguir o emprego eles já estavam na nossa casa e foi um aprendizado ímpar,

porque eu e o meu esposo... o meu esposo é descendente de guarani né, então ele acessa um pouco essa linguagem e a gente conversava com eles, fazia uma formação ali, todos os dias, reuniões, um sentava, fazia comida para nove, eu cozinhava feito uma louca, digo: "gente, essa gente vai comer muito" aí eu fazia arroz e eles não comiam quase nada. Eu digo: "mas como que vocês vão sobreviver, vocês não comem nada"... e eles: "não madre, a gente come muito pouco" [risos]... até eu me acostumar ali, gente, foi muita comida para o nosso cachorro, graças a Deus não foi fora, mas eu ficava preocupada, vou fazer comida, comida, comida e chegava na hora de comer eles comiam um pouquinho... e a gente fazia uma conversa, mas depois de chegar do emprego. A gente conversava com eles, fazia reuniões, e falávamos ali de direitos humanos e políticas públicas, de como usar camisinha, de ética, de respeito, de cuidados, de como eles iam se postar no emprego, como é que eles deveriam né... fizemos uma preparação. E aí nós anotamos um papelzinho assim, acho que eram umas nove línguas né? "Que que é isso aqui, madre?", "é a geladeira", aí colocaram geladeira em inglês e eles colocavam em crioulo, em francês, em espanhol, meu esposo colocava em guarani, em português, então você imagina, colocava o papel ali, e eles ficavam a maioria ali lendo, acho que era uma aula para eles né, para nós também. Então assim, foram muitas trocas né, passaram o Natal conosco né, e na expectativa que já iriam trabalhar. Acho que foi muito bom também que estavam todos animados né, e em momento algum eles perderam a fé, em momento algum eles perderam seus sorrisos. E ali dentro nós vimos que tinham alguns que eram muçulmanos, outros eram da igreja evangélica né, tinha um que era da minha religiosidade de matriz africana, um, aí eu achei muito importante também, e assim, essa diversidade religiosa tava na minha casa né, aí eu digo... nossa, que crescimento, sei lá, de respeito, de ética, porque todos eles, pela lei da sobrevivência, se uniram e assim, não tinham... nós, eu e meu esposo, a gente tem uma casa e tem um sótão assim, e eles ficavam ali no sótão, tudo fechadinho, organizado... mas o sótão era só para dormir, então eles acessavam nossos banheiros, nossa cozinha, nossa sala e tudo... e com assim, com muito cuidado, eles iam dormir, sei lá, dez, onze horas. Todos apagavam as luzes, não tinha barulho naquela casa. Sabe, acordavam oito horas da manhã e quando eu via já tava a pia limpa, a louça lavada. Claro, eu disse para eles né, porque no Haiti é uma outra cultura, né, das mulheres servirem eles, eu digo: "olha, aqui não tem a cultura de subserviência, aqui o pai de vocês ajuda a mãe a

lavar louça, a gente trabalha junto”. Então foi uma conversa, uma aula e eles conversaram entre eles, daqui um pouco eles se resolviam, então eu não precisava pedir para alguém varrer a casa... imagina né, nove homens pedindo... usando uma cozinha, um banheiro e eu digo: “gente, a casa é de vocês, então se organizem”. E aí chegou o momento que parecia que eu e o meu esposo éramos visita na nossa casa, porque eles tomaram a frente de tudo, começaram a cozinhar as comidas deles, sabe? Nossa foi muito lindo né, muito. E aí um dia, eles passaram uns quarenta, cinquenta dias conosco, não tenho ideia, foram muitos dias, muitos muito tempo, a gente conversou com eles né. “Agora que vocês vão começar a trabalhar, que começaram a trabalhar, vocês querem uma casa, alugar uma casa, se organizar?” Expliquei para eles como é que funcionava, cada um dava um pouquinho, com água, luz, que nós podíamos ver uma casa para eles... “não, nós queremos ficar perto de vocês, nós queremos ficar com vocês, mas não queremos ficar na casa de vocês. A gente não quer atrapalhar”. Eu digo: “não vocês não nos atrapalham nada”... “não, mãe, a gente quer ficar perto, mas não quer ficar assim, muito perto, para não atrapalhar vocês”. Tá, aí falei com a minha mãe, tinha uma casa no fundo da casa da minha mãe, que ela estava vazia, e ela disse: “não, minha filha, traz eles para cá, a gente acolhe”, e eu nunca me esqueço assim que ali tinha sofá, aí tinha pia, tinha fogão, tinha banheiro, tudo, mas é uma casa menor assim, era uma peça inteira, e o último que deitava colocava o colchão na porta. Então não podia mais abrir a porta e não cabia mais ninguém [risos]. Nesse movimento eu já conhecia a Pâmela, ela já sabia um pouco dessas minhas histórias, essa ousadia né. Aí eu comentei com ela né, que estão todos bem assim, agora estão lá na casa da minha mãe, nos fundos, também tem segurança, proteção... porque a gente teve que trabalhar ali com a comunidade a chegada deles também, a segurança, dizer de onde eram, onde é que estavam, e a minha mãe é uma referência religiosa na comunidade dela, então a gente também ficou tranquilo porque eles foram acolhidos né, por essa comunidade que é periferia. Mas eu sempre digo que a periferia é o lugar que mais acolhe, mais acolhedor assim. Por isso que eu não saio da periferia, né? E aí eu disse: “Pâmela, tá acontecendo isso, o último que deita apaga a luz, fecha a porta e põe a cama e dorme, ninguém vai poder sair”, e até para o banheiro tava ficando difícil, ter que passar por cima dos outros. Aí ela disse assim: “não Negrita, deixa que eu vou te ajudar”. Ela mobilizou a rede dela e não demorou uma semana, chegaram lá nove camas, nove cobertores, e lençóis, jogo de cama. Isso

foi assim... muito lindo, porque o meu esposo foi lá ajudar a gente a montar as camas para eles e organizamos o espaço, e eu me lembro que a gente comprou uma fechadura, porque a fechadura da porta não fechava, e eles tinham lá os passaportes deles, das coisas deles. Aí meu meu marido comprou uma fechadura, e a gente levou correndo né, ele tava trabalhando, “ó, tá aqui a fechadura para usar”... “ah, tá bom, madre”. Passou uns quatro dias, a gente voltou lá e a porta continuava aberta... “mas vem cá, vocês são nove homens. Como é que nove homens não trocam uma fechadura?”. Aí eles olharam para nós: “mas a gente não sabe para que serve esta fechadura...”. Porque no Haiti, onde ele moravam, eles diziam que as casas deles eram de cobertores né, com cobertas, e para quê fechadura? Aí meu esposo: “tá bom, mas igual eu vou colocar a fechadura” e trocou a fechadura para eles. Então quer dizer, esses valores nossos né, de fazer a nossa compra, nossa comidinha, a casinha dos cachorrinhos... tudo nosso, e a gente não sabe dividir as coisas, saber que uma coisa de um pode ser de todos e que tá tudo bem e que... sei lá né. Então a gente aprendeu muitas coisas, muita alegria, muito conhecimento, muita troca, muito aprendizado. A gente também, muitas vezes, perguntava para eles se eles estavam nos entendendo né, naquelas leituras, porque às vezes era difícil a comunicação ali... então eles se olhavam. Eu tinha uma cachorra chamada Bebezão, e eu dizia: “Bebezão, Bebezão, vem mamãe, Bebezão”. E aí tinha um do grupo que eu acho que era muito chorão, e eles botaram o apelido dele de bebezão... “*bebezón, bebezón*” [risos]. Então eram coisas muito lindas né, muito ricas e depois né, trabalharam na OAS, nossa muito felizes e eu sempre dizendo para eles, né: “guardem dinheiro, façam uma poupança...”, a gente deu aula de economia, de gestão, tudo o que a gente achava que era importante para eles né, para o futuro, para perspectiva deles e tudo. A gente teve essa relação muito importante né, e cada um no seu final de semana, no seu momento, ia na sua igreja, na sua religiosidade né, esse respeito também... “madre, estou saindo, vou à igreja orar”. Aí eles estavam super felizes, organizados, até que... né, com a chegada do novo governo, as coisas começaram a ficar muito difíceis para ele trabalharem... eu acredito que uns oito, nove meses e claro, esse outro governo começou né, as coisas começaram a ficar diferente... eles começaram a ficar preocupados, eles constituíram uma rede e certo dia eles disseram para nós: “olha madre, a gente tá trabalhando bem, você nos ajuda, mas a gente tá muito longe do serviço”, porque eles acordavam umas três e meia, quatro horas da manhã, saíam muito cedo e

chegavam muito tarde. Então não tinham quase vida para religiosidade, para lazer, nada. “A gente vai, falamos com os amigos, colegas, a gente vai conseguir uma casa lá perto do serviço, e nós vamos nos mudar”. Ai, aquilo foi uma dor, assim. “Ok, que tudo bem, a gente vai acompanhar vocês”. Aí fomos lá ver primeiro o lugar para onde eles iam, se era seguro, conversar com a comunidade, fazer o acolhimento. Então assim, eu acho que a gente assumiu mesmo esse papel de pai e mãe, eu e meu esposo, porque a gente tinha muito compromisso, responsabilidade por eles né, e acho que é uma preocupação mesmo dessas questões da cidadania e dos direitos. E aí fomos lá, já tinha igreja ajudando, já tinha os vizinhos, a vizinhança toda acolheu eles, já tinha amigos lá, outros haitianos morando lá também. Então foi bem legal. Aí levamos as caminhas de novo, as coisas deles todas, meu esposo foi lá, montou com eles, organizamos a casa para eles, na zona Norte, bem pertinho do emprego... eu até não sei eles não iam a pé. E aí como essa questão do Brasil ficar difícil para todo mundo, daí eles foram construindo uma rede que a gente não acompanhou, de conversa entre eles, e tinha uma pessoa que também estava mais perto, depois, ajudando né, cuidando... morava mais perto lá. Conversando com a gente, ela disse que eles fizeram um plano de não falar para mim e para o meu esposo que eles iam embora do Brasil, que eles iam... a ideia deles era ir para o Estados Unidos, porque alguém disse para eles que os Estados Unidos tava muito bem, que o Chile tava muito bem, que outros lugares estavam melhor que o Brasil, porque aqui tá ficando difícil a questão... começaram mandar mensagem do tipo “para onde a gente vai?”. Começaram a se dividir um pouco e assim... não nos avisaram nada, porque eles sabiam que nós éramos muito chorões... que nós íamos chorar muito, que a gente ia dizer para eles não irem né [risos], eles tiveram todo esse cuidado. De um dia para o outro, assim, deixaram tudo e oito haitianos foram para o exterior, assim... compraram as passagens e foram. Desses nove, um ficou, mas esse já quis ficar naquela casinha né, não quis ir com eles lá para a outra casa nova, eu disse: “mas filho, porque você não vai para lá?”, “não, mãe, não vou aí porque tenho objetivos no Brasil e cada um pensa com sua cabeça”. Então eu até acredito que eles já sabiam né, que eles queriam sair dali para a gente não sofrer tanto, para irem para a outra casa, se organizarem melhor para depois ir em outro país, não sei o que passava, não sei. E aí eles foram, né. Foi difícil para nós também, mas parece que deu um vazão na gente. “Eles foram e depois eles vão fazer contato”. Nossa foi estranho assim né, mas aí a gente entendeu que a

prioridade deles... claro que a gente é muito questão de família... a prioridade deles era emprego, renda, era dinheiro para ajudar os seus familiares. Aceitamos né, tranquilo... não foi tão tranquilo porque choramos... mas assim né, aceitamos, entendemos e apoiamos eles. E depois começaram um por um a fazer contato, né: “Oi mãe, tudo bem? Você tá bem?”, “Tô bem, onde é que vocês estão, seus sem-vergonha?” [risos]. “Como é que vocês estão?”, “mãe, estamos bem, saudades”. Então, desse grupo dos nove, infelizmente um veio a falecer, depois de alguns anos. A gente continua em contato, um está no Chile, um está no México... foi para São Paulo e depois foi pro México, e a gente continua em contato. E aí, depois, esse que ficou trouxe um irmão dele, que hoje mora na nossa casa né aqui, na frente da nossa... na casa dele mas no nosso terreno né, e ficou. Então assim, acho que é uma rede né, e alguns gente fala... um pro Haiti, comprou uma caminhonete, uma Kombi, pintou, decorou e tá vendendo lanches... e tá independente né. A gente falava muito isso deles né, também pensarem na independência deles, né. E assim, e a gente tem contato com essa pessoa que ficou mais em contato com eles também, que nos dá retorno deles também, diz que a princípio, estão todos bem. Tem um que está no Chile trabalhando também, bastante né, esse da religiosidade de matriz africana, muito trabalhador também. E é assim, a saudade fica né, muita saudade, mas assim, foi um momento muito importante de aprendizado, né. Principalmente da questão do acolhimento, mas da espiritualidade, de cada um respeitar o outro né, dentro desse lugar, desse espaço.

**[BM]** Até eu ia perguntar para a senhora, assim, dos valores, da sua espiritualidade, como é que isso ajudou assim, do ponto de vista da Mãe Negrita. Como isso foi importante em todo esse processo, porque ficou claro que eles... cada um com a sua religiosidade né, me pareceu uma convivência muito tranquila, muito pacífica, muito de amizade, uma irmandade. Criou uma relação familiar com vocês dois. Do ponto de vista da Mãe Negrita, sua espiritualidade, seus valores, como ajudaram em todo esse processo?

**[MN]** Nossa, eu acho que potencializaram né, porque a nossa religiosidade, e não desconstituindo nenhuma, e aquilo que eu falei: a mais discriminada, a que mais apanha né, a mais afetada nessa sociedade preconceituosa, ela acolhe a todos. Nós temos dentro da nossa religiosidade preceitos né, e que se nós fizermos uma festa,

uma dança, alguma atividade para os orixás, a prioridade são as crianças. A gente abre... a maioria das nossas festas são abertas com uma mesa com doze crianças, com seis crianças, com oito crianças, cada um tem seu número né, mas ali essas crianças recebem.... não, acho que elas nos doam energia ou axé, e ali elas recebem doces, a doçura, o alimento, a canjica, as nossas tradições... porque elas são a continuidade dos nossos passos, digamos assim. Então a gente tem esse trabalho muito sério assim, de acolhimento, e depois dessa questão né, das crianças, a gente olha para os idosos, os idosos, porque eles, para nós, são patrimônio material e imaterial. Então eles contém essa sabedoria, esse conhecimento, essa ancestralidade, essa energia... e que se nós hoje estamos aqui, é porque eles chegaram primeiro. Então nós honramos e referendamos o nosso idoso, nossa idosa e assim, a gente tem o ritual que a gente abaixa né... na religiosidade quando chega alguém com seu axó, a sua roupa né, paramentado, como a gente diz, a gente abaixa, ou bate cabeça, ou deita no chão e faz reverência a essa pessoa, porque ali nós estamos reverenciando a sua ancestralidade, a sua espiritualidade... quem chegou primeiro. E muitas vezes essa pessoa é uma pessoa branca, não tem problema, ou é uma pessoa mais nova, muito mais nova do que eu... também não tem problema, porque nós estamos reverenciando ali a sua ancestralidade. E se ele entrou nessa linha nossa da espiritualidade e da religiosidade, ele não chegou sozinho. Ninguém chega sozinho a lugar nenhum, mas assim, na nossa espiritualidade você vem com essas pessoas, com essas energias e com essa história toda. Por isso a gente fala das linhagens, de onde vem o fulano, de onde vem ciclano. Uns vem da Nigéria né, outros vem de outro lugar, de outro espaço. Então assim, cada um vem do seu espaço, e quando chega numa casa, num templo, num Ilê, num lugar que a gente chama que é o terreiro né, e eu tô falando da minha religiosidade, ele chega ali, mas já foi encaminhado pela ancestralidade. Então ele deve ser, em primeiro lugar, acolhido. A primeira coisa é acolhido, porque todos precisam se amar, mas precisam se respeitar, e eu acho que os haitianos nos ensinaram muito isso, dessas diferenças deles. E uma vez, lá na casa da minha mãe, estavam todos na sala com a mãe conversando, e eles começaram a conversar muito alto lá no fundo, e eu disse “será que eles estão brigando? Vamos lá olhar”. Aí chegando lá, “oi filhos tudo bem?”, e eles “oi madre! Oi padre! Tudo bem? Tranquilo!”, “vocês estavam falando muito alto, *que pasa?*”, “Não madre, tranquilo... estamos apenas a conversar! Estamos todos *bien*, nos damos

todos *bien*”... “Ah, *muy bien*”. Então assim, era o jeito deles, e a gente nunca viu eles falando assim na nossa casa, outro lugar, entre eles... e não era briga, era a conversa deles né? Imagina nove pessoas conversando né, cada qual quer colocar o seu ponto de vista... então não era briga. E na nossa religiosidade, é isso né. Primeiro é o orixá, primeiro você serve ao orixá. Quando você faz uma entrada na espiritualidade, eu até escrevi isso meu livro, é um renascimento né. Eu acho que você renasce para esse mundo, mas sabe que... e o encontro também, porque você às vezes se achava... eu achava que eu caminhava sozinha, aí você vê que você não está sozinho. E que essa rede vai se ampliando e que você vê que cabem todos que estão na mesma frequência, que é a frequência do amor né. Então eu acho que essa questão da espiritualidade e da religiosidade ela é muito além, e só as pessoas que se conectam nessas redes... nós temos muitas pessoas... o meu irmão é da igreja evangélica, ele vem na nossa casa, vai na casa da minha mãe, se tiver que sentar à mesa com a gente, sabe? E assim não deixa de ser, em hipótese alguma, o meu irmão por acreditar em coisas que eu não acredito, defender coisas que eu não defendo ou viver coisas que eu não vivo, mas ele é o meu irmão né. E assim, eu respeito ele do lugar de onde ele fala e de onde ele vem, e eu sei de onde ele vem, da nossa espiritualidade, da nossa religiosidade de matriz africana. Se ele está nesse outro espaço hoje, é porque ele está bem, se ele sente bem, é lugar que ele deve ficar, e eu tenho que entender, acolher e respeitar né. Ali com os haitianos eu via muito isso. Cada um com a sua religiosidade, cada um ia no seu culto e ninguém tinha... claro, a gente conversou muito também com eles, mas ninguém desconstituía ninguém por estar neste lugar ou criticava “porque o teu Deus é um e o meu Deus é outro”. Eu sempre dizia para eles: todos os caminhos levam ao pai, né. Nós temos um professor aqui, que é o professor José Maria Wiest, aí ele disse para nós um dia, numa formação: “não importa onde você abastece seu carro, qual é o posto, qual é a marca, o mais importante é que ele ande”. E isso para mim foi muito importante, que ele não disse isso, mas assim, era um pouco isso. Não importa de cada um né, e o que fazia lá, o importante era como se sentia quando voltava para esta coletividade. Então eu acho que é isso, é potência mesmo, eu acho que na minha condição e do meu esposo, nossa, a gente ouviu muitas coisas dos vizinhos, muito preocupados conosco. “Nossa, mas o teu esposo sai e tu fica sozinha com nove homens?” e digo: “sim, mas são meus filhos”. “Você tem filhos mais velhos que tu?”, “Tenho, não tem problema nenhum”. Então, essa relação que

nós construímos com eles, eu acredito que era uma relação para nós construirmos com eles, porque nós já estávamos prontos também, porque muita gente não tá pronta para acolher, muita gente tá cheia de preconceitos, ainda muita maldade no coração, e eu sempre digo: “olha, um copo de água pode curar uma pessoa ou pode matá-la”. Então não é a religiosidade de matriz africana que vai fazer um trabalho para alguém, que vai matar alguém, não. As pessoas muitas vezes “ah, a religião de vocês é do diabo”, que é horrível, não sei, o mal tá na cabeça das pessoas. E aí tem muita gente na nossa religiosidade que também tem outra energia, que pensa de outro jeito, que vive de outro jeito, mas a gente respeita também, porque a questão do amor, quando você faz tudo colocando o coração na frente você chora muito, você apanha muito né, mas eu acho que você ganha muito, você cresce muito... você ganha muito [emocionada]. Então assim, essa experiência que eu narrei para ti rapidamente assim, de muita intensidade, ela foi muito maior, eu não consigo expressar para você, mas eu acho que foi muito mais significativa, gratificante para mim para o meu esposo, para a nossa comunidade, para minha mãe, para as pessoas da nossa rede, do que para eles né. Porque talvez eles também não tenham entendido porque estavam no Brasil, porque Rio Grande do Sul, porque Porto Alegre, porque periferia, porque Lomba do Pinheiro, porque uma casa... ou duas casas na Lomba e depois mais uma outra casa. Então assim, partindo desse macro né, nesse mundo fantástico e maravilhoso, para o micro, estavam ali felizes. A minha mãe disse que quando chegavam da OAS lá, muito frio eles passaram aqui, aí ela fazia um caldo para eles, alcançava na janela né, agradeciam e tomavam aquele caldo para se esquentar, para acordar no outro dia cedo às quatro, cinco horas da manhã, pra ir de novo... [emocionada] pra ir trabalhar. Muita gente nos criticou, dizendo que eles estavam tirando trabalho dos brasileiros e eu disse: “gente, muitas vezes eles estão fazendo aquilo que vocês não querem fazer, que não se submetem, ou que acham que não conseguem, ou não querem mesmo... então deixa eles trabalharem, fazer a parte deles. Não critiquem, vocês não sabem as condições deles, o que eles precisam fazer para sustentar as famílias deles, lá”. Então assim, teve um que foi, depois voltou, e aí na segunda vez ele conseguiu falar para nós: “madre, na primeira vez que eu vim para o Brasil, a polícia nos parou”, tinham os coiotes, né, “e eu tive que entrar embaixo do tapete do carro, e eu tive que ficar quase do tamanho do tapete, e botei o tapete em cima de mim e não podia me mexer”. Então assim, esse foi um, e ele gostou tanto do Brasil

que ele foi pra lá né, chegou lá nessa primeira vez que não conseguiu emprego, juntou dinheiro, e aí com ajuda de outros amigos conseguiu voltar para o Brasil, e hoje tá aqui em Porto Alegre. Tá trabalhando né, tá super bem. Só na segunda vez ele conseguiu falar isso. Teve um que a filha ficou doente, esse que tá no México, voltou pra lá, com o passaporte dele, o dinheiro dele, cuidou da filha... queria trazer a filha, não conseguiu. E aí voltou para cá, trabalhou mais um pouco, trouxe o irmão dele né, foi para São Paulo, juntou mais um dinheiro, e de São Paulo foi para o México porque lá ele tem mais irmãos. Então assim, cada um deles é um leque, abre um leque de resistência, abre um leque de história, e aí falar essas histórias me emociona, porque a gente não acompanhou muita coisa deles, mas esse pouquinho né, que a gente aprendeu, que a gente cresceu, a gente viu que o ser humano tem conserto.

**[BM]** A gente nunca sabe do passado das pessoas, da construção da história das pessoas, e de tudo o que elas passaram pra conquistar um mínimo né, pra conquistar a dignidade.

**[MN]** É, dignidade... [emocionada]

**[BM]** São histórias bonitas que a gente nem tem ideia, E também, assim, entrando no tema, eu vejo que, por exemplo, principalmente os imigrantes do Haiti, do Senegal, além de sofrer com xenofobia, sofrem com o racismo estrutural que a gente tem no Brasil. E aí chegam num país que já tem muitos problemas. Então, como é que a senhora vê esse duplo preconceito, porque é uma questão singular, que se não bastasse algo que a gente já enfrenta no país, o racismo estrutural de quinhentos anos, a questão do “eles estão tomando os nossos empregos”, por exemplo... como a senhora vê essa situação, desse duplo preconceito?

**[MN]** Eu conversava muito com eles também sobre essa questão de serem negros, de serem alvo da polícia, de serem alvo do sistema... e por contradição eles foram parar dentro do alojamento da Brigada [risos]. Então eu acho que ali foi o rompimento um pouco, para eles, desse medo né, que a gente sempre falava para eles né, “olha a polícia”... e a polícia também, naquele tempo, fez uma acolhida muito estratégica e muito significativa, não só desses nove, mas já começou a ver que existiam mais em postos de gasolina, que eles foram conseguindo emprego em

outros lugares, então assim, ali eu vi que... claro, tinham problemas, mas os nossos não tiveram... nós tivemos um do grupo, que também não é desse grupo, mas veio por familiares, eram filhos depois... esses nossos são quase 15 filhos né, de contatos, de acolhida, dos amigos, dos irmãos.... mas assim, que passou por um assalto no ônibus né, e aí diz que todo mundo apavorado com assalto, assalto, e aí vieram tirar o celular dele, e ele disse pros bandidos que não ia entregar, “não, você não vai levar o meu celular”, e o pessoal: “entrega, pelo amor de Deus, eles podem te matar”, e ele: “não, ninguém vai me matar e eu não vou entregar meu celular”, e quase que partiu pra briga com o assaltante. “Filho, você podia ter morrido!”... “não mãe, no meu país não é assim, se alguém pega alguma coisa nossa, a gente vai lá e busca, e mata o gajo”, e eu “uuuxaa”. [risos] E eu disse para ele “você colocou em risco a sua vida”... “não, mãe, mas eu não dei meu celular para ele”. Tá bem, né. Então assim, eu acho que até os bandidos entenderam que ele não era brasileiro, e todo mundo: “não, ele não é daqui”, as pessoas defenderam ele no ônibus né. Sabe, é muito complicado. Se dependesse ali, se tivesse sido um menino negro da periferia com essa reação, estaria morto, estaria morto ou baleado, ou ferido né. E aí por ele ser haitiano, e ainda ser protegido né, as pessoas que estavam no ônibus dizendo: “não, não faz nada com ele, porque ele não entende o que tu fala”, tipo assim, se levantaram... foi um levante, né. Acho que foi muito bom para a gente, um termômetro, assim né, de acolhimento na periferia, porque os lugares que eles estavam foi esse né, a empresa, o ônibus que chegava até a empresa... que eram dois ônibus, e a nossa casa ou a casa da minha mãe né... e depois a terceira a casa que eles moraram. E assim, nunca me relataram problemas de preconceito racial, embora sabendo... que eu sabia que eles sofriam, porque eu via. Quando a gente saía com eles né, como que a sociedade nos olhava e os olhavam, né, porque a gente chegava num posto de gasolina, nos primeiros dias com eles, eu ia num carro e o meu esposo no outro carro, e aí tinha algum lugar, a gente chegava no posto e as pessoas segurando bolsa e se olhando, tipo como se fossem ser assaltadas, sei lá, saqueadas, e eu tinha que dizer: “não, calma gente, eles são haitianos... estão no Brasil”. Então eu me colocava à frente assim, e eles: “para quê isso, mãe?”... “não, filho, a gente precisa avisar as pessoas, porque aqui tem muita violência”, e eles ficavam olhando. Então assim, eles tinham um estranhamento na questão do racismo, porque eles acham... que eu acredito e eu tenho quase 100% isso comigo, que eu sofro muito mais racismo por ser mulher

negra, periferia, religiosa, do que eles por serem haitianos. Não que não sofressem, mas assim, eu sofro racismo diuturnamente, em todos os lugares da sociedade, desde a tendinha do armazém, dos vizinhos, do mercado, do centro, das lojas, das universidades... eu sofro, eu sofro o racismo diuturno, e eles não se atentaram... eu não sei se eles não quiseram ver, porque também era mais uma dor e falar disso também é dolorido, ou eles eram mais preparados assim, espiritualmente, tipo “a gente tá aqui mãe, tá de boa”, e eles tinham uma coisa que eles passavam muito, muito... claro eu tinha um pouco, mas eles tinham muito mais que era a questão “mãe, tá tudo certo”... “mas filho, como que você vai lá sozinho?”... “mãe, Deus vai comigo, tá? Não vai acontecer nada, madre, tá todo bien”... “tá bem então, se Deus vai com você, que Deus te acompanhe”... como a gente precisa aprender, porque a gente tem as nossas fragilidades e a primeira coisa... “ai, socorro, pelo amor de Deus”... só chama Deus para pedir... Deus, Olorum, Oxalá, Obatalá, Oxaguiã, Oxalufã... só chama para pedir, não para agradecer. Aí a gente, eu e meu esposo, a partir disso, também passamos agradecer todos os dias né, pela vida né, por essa natureza, pela energia, pela pandemia que tem nos ensinado... então a gente tenta mudar um pouco nessa hora... mas acho que foi por eles, porque eles não tinham nada e estavam sorrindo, sabe, eles não não tinham nada, e eles te davam aquilo que eles tinham de mais lindo, que era o sorriso deles. Então assim: “filho, vocês têm comida hoje? Como é que vocês estão?”... “não madre, nós já nos organizamos, tá tudo bem, tá tudo bem”. E sempre estava tudo bem... “mas vocês não precisam disso?”... “tá... também, mas está tudo bem”. Então assim, nunca nos pediram nada, nunca nos pediram “por favor um prato de comida”, “por favor, uma passagem”... nunca me pediram [emocionada]. E sempre, sempre sorrindo. Então acho que aprender com eles né, essa resistência aí, e dizer para eles que o racismo no Brasil continua matando, e eles continuavam sobrevivendo, e dentro do alojamento da Brigada... conversavam lá com os brigadianos, saíam, voltavam... estabeleceram relações de confiança, de segurança, que às vezes a nossa comunidade não consegue estabelecer porque está na linha de tiro, na linha de frente, eu acho que foi muito bom, foi muito significativo. Porque ajudou eles a também serem mais leves, porque isso é muito pesado para nós né, e eu tentei também não passar para eles essa “coisificação” né, de que o racismo mata, de que a polícia mata, de que todo mundo mata... “não gente, olha, tem problemas, a gente precisa passar por isso, mas a postura é algo muito sério”, né. Aí um dia eu contei para eles a história

do meu filho, é eu sempre dizia: “filho, quando tu sair, tu anda com a carteira de identidade no bolso, tu nunca corre, porque tu pode ser alvo da polícia, pode ser confundido até com bandidos, não sei... e ser atingido”. E o meu filho nem dava bola, tinha treze, catorze anos... “ah mãe, tu é exagerada”, e aí um dia, que ele tinha uns catorze, quinze anos, ele estava vindo da escola e um menino veio... e eu disse para ele que não queria nenhum grupo, sempre procura andar sozinho, assim, assim... e ele: “que mãe chata”, né, porque mãe é sempre muito chata [risos], e ele tava vindo, e um coleguinha dele, também da idade dele, mas assim, já era tipo o terror na escola, resolveu... menino negro... resolveu assaltar um comerciante do interior com uma arminha de plástico, e o comerciante pegou o revólver por baixo do balcão e deu um tiro no menino. E o meu filho vinha vindo, faltavam umas três casas para ele chegar nesse armazém, que eu sempre dava um dinheiro para ele comprar um pirulito, uma balinha, alguma coisa, e o meu filho disse que ia entrar naquele armazém, quando ele ouviu o tiro e disse: “mãe quando eu ouvi aquele tiro, a primeira coisa que eu pensei foi em ti, mãe. Não correr, eu queria correr. Se eu correr eu vou ser alvo, todo mundo vai olhar e vai dizer que fui eu que dei um tiro, e se a polícia tiver vindo, vão apontar para mim. Mãe o meu coração ficou apertado, apavorado. O que é que eu fiz, mãe? Eu caminhei, fui até a casa da tia e disse que deu um tiro ali. Vamos comigo lá”... catorze anos. E aí quando foi, chegou aquela loucura, o menino levou o tiro e saiu correndo assim, de uns cinquenta passos para igreja e aí meu filho disse: “vamo lá ver o que aconteceu”. Aí essa minha vizinha foi com ele, chegou lá o menino tava branco e esperando a polícia chegar. Quando a polícia chegou, meu filho disse: “vocês não vão levar ele para o hospital?”... “ele é teu parente?”... “não”... “então tu não te mete, não tem nada a ver contigo, esse aí tava querendo matar ou assaltar o bar ali, então tu não te mete”. E aí, por essa negligência esse menino veio a falecer. Eu tive que sair universidade, eu tava fazendo mestrado, e sair correndo, que a minha mãe ligou, o meu filho entrou numa crise de choro, chorou uns dois dias sem parar, e ele disse: “mãe, eu podia ter sido morto, se eu chego lá no armazém com ele, eram dois mortos. Se eu chego um pouco depois eu poderia também ter sido morto, porque o senhor podia achar que eu também estava junto”... e ele não deixou de ser... meu filho não deixou de ser acusado pela comunidade, porque ele tava junto no assalto. Olha a maldade das pessoas, e ele disse: “imagina se eu tivesse corrido, mãe”. Então assim né, eu acho que não é preparar, mas falar para o meu filho como que funciona esse sistema

hipócrita, racista, machista, homofóbico, não ocupa espaço. Acho que ajudou ele a entender um pouco do que eu tava querendo dizer né, nessa questão do racismo, e os haitianos... acho que eles entenderam essa história também, porque eles diziam: “nós temos uma postura, nós não corremos, nós conversamos com as pessoas, damos bom dia”, e assim, todos eles... nenhum me relatou problema com a xenofobia, direto assim, nenhum desses. Claro que eu sei que tem uns que... eu fiz assessoria no Estado, fui a Rio Grande, fui à Pelotas, fui à Caxias dialogar sobre a pauta dos imigrantes, conhecemos também os lugares onde eles ficavam, as escolas né, e assim... muita xenofobia, porque claro, também acho que Porto Alegre, por ser maior, uma capital, por ser maior, os nossos que eram nove andavam juntos né, protegiam os outros. Agora, o interior do Rio Grande do Sul, por ser um Estado mais... um dos lugares mais racistas, as pessoas passaram um pedaço... nós soubemos de muitas histórias, entre elas uma haitiana que foi... que trabalhou num lugar aí, que foi largada na rua, não sei o quê ela fez... sei lá, sujou a louça, alguma coisa, foi largada na rua e sem direito nenhum e tipo “vai embora”. E aí nós tivemos que conseguir uma comitiva, buscar lá. acolher... conseguimos atendimento para ela, conseguimos alguém para dialogar com ela né, sobre a situação, conseguimos até emprego para ela, porque ela não tinha ninguém, ninguém, ninguém por ela. Então você imagina, uma mulher negra, sem falar nossa língua, na rua, sozinha de noite. Então é... essas coisas né, a xenofobia mata, mata. E assim, os nossos foram agraciados, abençoados, mas a gente sabe que foi muito forte a xenofobia, e principalmente para o lado do interior também né, com casos bem sérios, muito sérios.

**[BM]** Em uma pesquisa do IPEA, em parceria com o Ministério da Justiça, os imigrantes responderam que a maior dificuldade no Brasil era o idioma, seguido do trabalho e do acesso a serviços públicos, como saúde e educação. Então, falando de idioma e manifestação cultural, como essas duas coisas ajudam na Integração Social dos imigrantes e refugiados? Como o idioma e esses valores, a cultura né, podem auxiliar, na sua visão, na integração deles na nossa sociedade?

**[MN]** Eu sempre vou estar de dialogando contigo a partir dessa experiência com os nove, que somar quinze no total, mas os nove... foi onde nós estivemos mais perto e com um olhar muito mais de sociedade civil né, do que Estado, porque o Estado, eu

acho que cumpriu seu papel no momento que disponibilizou estrutura né, de acolhimento e espaço físico, e fez uma rede com a prefeitura. Porque eu no Estado fazia isso, então era esse o estado, mas eu não fazia isso sozinha. Eu só consegui trazer uma caminhonete do Estado para minha casa, para ficar à disposição às quatro, às cinco, seis horas da manhã, porque o Estado tinha me autorizado, a minha chefia imediata né, toda a Secretaria... então assim, ali eu representava o Estado. Eu só acessei o alojamento da Brigada porque a Eliene foi construindo né, com o governador do Estado, consegui espaço para eles, o melhor espaço em segurança, onde é? Dentro da segurança. Então, o Estado. Eu só ia acionando a rede da prefeitura e outros, CIBAI, UFRGS e outros, porque o Estado construiu a rede através da Secretaria. Então assim, não é eu, né? Eu, enquanto estive no Estado, ajudei a mobilizar, estive à frente dessa política, com essa estrutura. Eu acho, eu acredito que o Estado poderia ter feito mais sim, sempre a gente na nossa vida vai querer fazer mais, sempre precisa mais, mas assim, cumpriu... naquele tempo, com o que podia né, fez tudo o que podia com o que tinha. Então assim, fez a obrigação dele enquanto Estado? Fez. Sempre vai faltar mais para as pessoas né, mas fez e fez assim, com cuidado, com ética, com respeito, porque sempre que as pessoas chegavam aqui, a gente perguntava: “de onde você vem? Para onde você quer ir?”. Não é assim, chega e vai lá pro alojamento que tem lugar lá para ti, não. Ali foi um último recurso. Primeiro nós construímos todas as relações deles, respeitamos relações deles, de familiares e tudo, e aí depois sim, os que sobraram, esses que ficaram e disseram: “não queremos ir para lugar nenhum, queremos ficar aqui”. Então assim, depois que eles saíram do alojamento do Estado e vieram para minha casa né, nossa casa, e se integraram com a nossa família, com a nossa comunidade, aí sim, aí eu passei a ter um trabalho de cidadã, porque também já tinha terminado né meu trabalho no Estado, e assim, essa integração deles, acho que se não tivesse a acolhida do Estado, nós não teríamos tido essa possibilidade, oportunidade, e essa questão de integrá-los né, na cultura, na sociedade, ela foi um exemplo... uma exceção né, esse grupo né, no meu olhar. Como eu te falei, vou falar sempre desse trabalho né, dessa exceção de integração, porque quando nós fizemos estas aulas, encontros, reuniões né, preparativas do que a gente também já vinha caminhando aqui, e passando, e sofrendo, e querendo, a gente também conseguiu que eles se retroalimentassem dessas informações necessárias, né, para fazer a integração deles, cultural e social. Mas a gente sabe que muitos, e é isso que

você falou, em alguns lugares que fazem isso. São tarefeiros, não tem contato com a empresa, com estrutura, nem sabem às vezes o que estão fazendo lá, mas eles estão lá numa forma de sobrevivência, porque eles precisam mandar dinheiro para os seus países. Esse é o objetivo deles, e quando uma pessoa diz né, “como é que a gente vai confiar numa pessoa assim”, é dolorido, porque a pessoa põe alguém na sua empresa para servir né, e para fazer um serviço que ela não faria, porque às vezes são serviços indignos que eles fazem né, e muita gente diz “olha, você aqui na empresa, você entra muda e sai calada, cumpre seu horário e tá bom”, e assim, tínhamos ótimos servidores, funcionários ali... e ainda não confiavam. Então é muito dolorido, porque ela não permite que esse sujeito possa aprender né, possa fazer cursos, porque eles, nossa... os nossos, a gente conseguiu... claro, com toda a rede né, que eles acessassem cursos de aulas de português, e estávamos conseguindo que alguns dessem aula de francês para alunos que estavam querendo fazer vestibular, outros lugares, já ganhando também um “plus a mais”. Então assim, a gente não tinha uma empresa, mas a gente oportunizou que esta rede de integração social deles fluísse, porque a gente sempre dizia para eles: “vocês estão na empresa no momento, mas vocês podem mais, vocês são sujeitos de direitos”, e eu acho que isso foi importante né? E eu acho que eles não enfrentaram tantas barreiras em relação ao idioma porque eles andavam sempre muito juntos, então sempre tinha no grupo um que falava melhor o espanhol... nem todos falavam espanhol, nem todos falavam francês e nem todos falavam inglês, e todos nem quase falavam português. [risos] Mas todos falavam crioulo. Então a língua deles né, nativa, eu acho que foi a resistência, porque sempre tinha alguém que falava com alguém, e pegava a palavra, o contexto e traduzia para os outros. E aí outros: “Ah, ok, tudo bem”. Então assim né, essa exceção de grupo, de idiomas, manteve eles nessa rede de integrados, mais integrados do que muitos que a gente soube de casos, que que foi o caso deles no início, não sabiam onde estavam né. Porto Alegre, Santa Catarina ou Curitiba... e tudo é Sul. Então acabaram caindo aqui, e eu tenho certeza que se eles soubessem essas informações lá [no Haiti], ou no meio, eles não teriam vindo, porque eles já teriam parado em outros lugares, mas esses que vieram de repente tinham que vir e eles disseram para nós: “a gente veio pro Sul, disseram que a gente viria pro Sul”, e que o Sul era um lugar melhor do que o Haiti. E eu tenho certeza que, mesmo nesse desmonte das políticas públicas, nesse desgoverno, com essa pandemia, tudo que estamos enfrentando... o Sul ainda é... o Brasil né... ainda é um

lugar que está melhor do que o Haiti. Infelizmente, porque eu queria que o Haiti também estivesse muito bem, e que nós estivéssemos melhor. Melhores em tudo aqui, mas temos muita coisa boa né. Eu acho que só essa pequena “açãozinha” que eu contei de acolhimento né, que é uma exceção entre as outras... também houveram muitas outras. Eu acho que o papel estratégico foi Estado, prefeitura, sociedade civil... se não fosse essa tríade na linha de frente... não sei te dizer como e nem onde estariam esses haitianos, hoje.

**[BM]** Eu acho que, apesar de todas as dificuldades, eles caíram em boas mãos, [risos] só pelo o que eu pude conversar com a senhora, assim... dá para ver o seu carinho com eles, o amor, a paixão pela acolhida que foi feita. Achei incrível toda a história, nossa conversa, e eu queria perguntar se tem mais algum ponto que a senhora queria esclarecer, que a gente não conversou, alguma coisa, assim, que seja importante, que é importante considerar no nosso bate-papo?

**[MN]** Ai eu acho que é um pouco uma chamada né, para esse Brasil tão florido, tão diversificado, tão rico, que diante dessas coisas que estamos passando, sobre essa pandemia, esses desafios, que a gente mantenha sempre a esperança né, porque se nós não tivermos a esperança, a gente perde muita coisa. Então esperança de que isso vai passar, que essa pandemia vai passar, que nós vamos poder sair da nossas casas né, porque todos nós tivemos perdas irreparáveis né, nesse processo, foi muito doído, tá sendo dolorido e assim, as redes, os movimentos sociais, eles continuam aí, eles continuam fazendo ações né. Nós, agora, o ano passado também, acolhemos uma família de venezuelanos e assim, ajudamos... estavam grávidos né, e ajudamos a chegada do bebê e criamos outra rede de apoio e de acolhimento, e as pessoas continuaram ajudando, e hoje ele tá trabalhando. Então assim, é olhar para o outro a partir si, empoderado de direitos também, mesmo violentados ou violados, mas assim, olhar para o outro como uma extensão de si né, e o meu marido sempre diz: “bom, você vai fazer para o outro aquilo que você gostaria que fizessem para você”, né. Eu acho que isso é muito importante, né. Então assim, um convite para que as pessoas olhem para o outro na sua totalidade, e não assim: “ah, esse aí é um haitiano, venezuelano, alguém que chegou aí, tá fazendo tal coisa” e ponto. Não, é alguém que chegou acompanhado da sua ancestralidade, da sua memória, da sua cultura, da sua história, e que merece

respeito, tanto quanto eu. E se ele tem a pele diferente, se ele tem a cultura diferente, religiosidade diferente, que isso não seja um divisor de águas, alguma coisa para afastar, e sim que tenha algum ponto de aproximação. Eu acho que é isso, assim, que a gente possa olhar para o outro né, empoderado nessas questões e dizendo: “o que eu encontro nele que eu posso dialogar?”, ou se eu não posso dialogar, que a língua não nos aproxima, “tem algo ali que vai nos deixar mais fortes”, né. E o que nos fortaleceu, eu continuo insistindo, é o sorriso deles, o exemplo de não terem nada e de terem tudo. Então eu acho que é isso o que fica.

**ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto de pesquisa: A ATUAÇÃO RELIGIOSA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Pâmela Marconatto Marques

Nome do participante:

Data de nascimento:

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “A ATUAÇÃO RELIGIOSA NO PROCESSO DE ACOLHIMENTO DE MIGRANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE”, que embasará o Trabalho de Conclusão de Curso do aluno BRUNO CARLOS MÜLLER NETO sob responsabilidade da Profa. Dra. Pâmela Marconatto Marques, no departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo central compreender a atividade exercida por religiosos no acolhimento de imigrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade no Rio Grande do Sul. Dentre os objetivos específicos estão: 1. Conhecer com mais detalhes o perfil dos migrantes e discutir o papel dos atores religiosos nas Relações Internacionais; 2. Conhecer narrativas singulares sobre o processo de acolhimento de migrantes, enunciadas por atores não hegemônicos: a trajetória dos religiosos, sua atuação relacionada ao acolhimento, seus objetivos, interesses e a importância pessoal dada a expressão religiosa em suas atividades, buscando entender de que modo podem acrescentar elementos importantes para pensar o tema de pesquisa ; 3. Investigar o papel da expressão religiosa no processo de acolhimento como um meio de manifestação cultural e integração social dos migrantes.

2. A participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista conduzida pelo aluno a partir de um questionário previamente elaborado e recebê-lo, caso assim seja combinado, para acompanhá-lo (a) em alguma atividade realizada.
3. Os riscos implicados nesta pesquisa dizem respeito à dor porventura causada na rememoração de eventos permeados por sofrimento e vulnerabilidade.
4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a possibilidade de impactar as narrativas sobre acolhimento contemporâneo a imigrantes, acrescentando pontos de vista de interlocutores não hegemônicos.
5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.
7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.
8. Caso assim seja decidido, o nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com a profa. Pâmela M. Marques pesquisador (a) responsável pela pesquisa, telefone \_\_\_\_\_, e-mail: \_\_\_\_\_.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento